

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

ELIANE DEÁK SILVA



AS NARRATIVAS DO GLOBO RURAL DIÁRIO

ELIANE DEÁK SILVA

AS NARRATIVAS DO GLOBO RURAL DIÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* da Faculdade Cásper Líbero, Linha de pesquisa B – Produtos midiáticos: jornalismo e entretenimento – como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Dimas A. Künsch.

São Paulo – 2011

Agradeço

a todos que me ajudaram a construir este trabalho:
meu orientador, Prof. Dr. Dimas A. Künsch; Humberto Pereira; Gabriel Romeiro; Lucas Battaglin; Sérgio Coelho, Benê Cavechini; Pedro Serra; Kica Tomaz; Ana Caroline Castro; César Dassie; Maurício Maia; Roberto Caiado; Bruno Daniel; Gutemberg Santos Silva; Byron Ogata; Tina Tavares; Vico Iasi; Fernando Passarelli; Verônica Cavalcanti, Leila Jensen; Lucrécia D'Aléssio Ferrara; Ângela Cristina Salgueiro; Loreni Valdez e às meninas do Mestrado: Ana Paula Kwitko; Carolina Goos e Mara Rovida.

Dedico
Aos meus pais e a meus meninos, Uirá Piá-Uaçu e Iúre Piatã.
E a Eduardo Vieira.

RESUMO

Esta pesquisa ocupa-se com a análise da narrativa jornalística no telejornal Globo Rural diário. Filho do programa semanal que está no ar ininterruptamente há mais de 30 anos em edições dominicais, o programa diário é veiculado desde outubro de 2000, nas manhãs de segunda a sexta-feira, apresentando notícias e reportagens que interessam, principalmente, ao produtor rural. Investiga-se como narra o telejornal diário e quais as especificidades do programa, por meio do estudo do modo de produção e exibição da informação. A análise de onze edições, segundo critérios que a autora deixa explícitos na parte metodológica da pesquisa, verifica qual a narrativa criada pelo telejornal diário e quais as estratégias e mecanismos utilizados pela equipe para manter viva, ainda que com outra roupagem, traços da linha narrativa das edições dominicais. O programa semanal prima pelas grandes reportagens, inseridas num contexto aqui denominado complexo-compreensivo, dando voz e cor aos representantes de diversos segmentos relacionados à atividade agropecuária, o agricultor, sua cultura, aspirações, tradições e paisagens. A epistemologia da comunicação, em geral, e do jornalismo, em particular, assim como os referenciais de análise dos modos de endereçamento, criados a partir dos estudos culturais e de linguagem, servem como pano de fundo constante para a parte empírica do trabalho, no qual se utilizam como referenciais teóricos autores de várias áreas, que direta ou indiretamente têm a ver com o campo dos estudos de comunicação. São eles Martin Buber, Edgar Morin e Michel Maffesoli, e, entre os brasileiros, Cremilda Medina, Dimas A. Künsch, Elisabeth Duarte e Itânia Gomes. Os resultados da análise apontam que ao longo dos anos o programa diário desenvolveu uma identidade própria e se firmou como um híbrido, mesclando a temática rural aos padrões comuns dos telejornais generalistas exibidos pela Rede Globo de Televisão.

Palavras-chave: Comunicação e compreensão. Jornalismo. Narrativa. Modos de endereçamento. Globo Rural

ABSTRACT

This research is an analysis of the journalistic narrative shown on the news program Globo Rural Diário. Son of the weekly program, which is on air for 30 years, on Sunday editions, the Globo Rural Diário (daily news) is broadcasted since October 2000, on Monday to Friday mornings, presenting news and interviews of the interest, mostly, of the field worker. Verifies its speech and its specifics, by way of study on the information production and presentation. The analysis of eleven editions, following criteria which the author specifies in the methodologic section of the research, check the narrative created by the daily news and the strategies and mechanisms used by the team to keep alive, even if in new outfit, the traces of the narrative line used in the Sunday's editions. The weekly show tend to grand interviews inserted in the here denominated complex-comprehensive context, giving voice and colour to the many agropecuaristic segments representatives, the farmer, his culture, aspirations, traditions and pictures. The communication epistemology in general, and, in particular of the journalism, as much as the analysis referentials for the addressing methods, developed based in cultural and language studies, play a constant role as the empiric area of work background, in which, as theoretical references, several authors of many areas are cited, being these direct or indirectly are linked to the communication field. Are these: Martin Buber, Edgar Morin and Michel Maffesoli, and, among the Brazilians, Cremilda Medina, Dimas A. Künsch, Elisabeth Duarte and Itânia Gomes. The results show that throughout the years the daily program developed a self-identity and stood as a hybrid, adapting the field thematic to the general standards of the daily news broadcasted by Globo Television Network.

Keywords: Communication and Comprehension. Journalism. Narrative. Addressing methods. Globo Rural

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O CAMPO SOB O OLHAR DA CAPITAL	17
2.1 O Grud – Globo Rural diário	17
2.2 O GRU – Globo Rural semanal	22
2.3 O que é pauta no Grud	29
2.4 O dia a dia na redação.....	32
2.5 Ofertas equivocadas, assuntos limítrofes	37
2.6 O que vale link	38
2.7 O relacionamento com as afiliadas	40
2.8 Edição e espelho	43
2.9 No swichter: o Grud no ar	49
3 O CONTEXTO COMPLEXO-COMPREENSIVO	51
3.1 Da crise do cientificismo a uma visão compreensiva do mundo	51
3.2 Filosofia do cotidiano	53
3.3 A filosofia da relação, do encontro e do dialógico	59
3.4 Signo da relação	61
3.5 Jornalismo de transformação	65
3.6 Complexidade e comunicação	68
3.7 A leitura compreensiva do existente: narrativa e reportagem	70
3.8 Operadores de análise do Grud	75
3.8.1 O pacto sobre o papel do jornalismo	82
3.8.2 Temática, organização das editorias e proximidade com a audiência ..	83
3.8.3 Contexto comunicativo	83
3.8.4 Relação com as fontes de informação	85
4 ANÁLISE DAS EDIÇÕES E REPORTAGENS	86
4.1 Como narra o Grud	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	122

ANEXO 1 127

ANEXO 2 155

1 INTRODUÇÃO

A sensação de estar no Rio de Janeiro era de reencontro. Fazia anos que não visitava a cidade. O dia era tomado por palestras e debates. À noitinha, já dava para encontrar e fazer amigos. Um deles, o Zé Carlos, foi me encontrar depois de anos sem nenhum contato. Bom demais. Com ele tinha passado meses viajando pelo nordeste. Por uns anos, sempre nas férias do fim do ano, pegamos nossas mochilas e seguimos apenas uma meta: chegar a tal lugar. Levou três meses para alcançar São Luís, no Maranhão, o mais longe que chegamos. Era hora de voltar. O Zé fazia medicina onde morava, no Rio, e eu tinha recém-entrado no curso de Jornalismo da Cásper Líbero, em São Paulo.

Agora, em 1996, o Zé era médico sanitário e trabalhava na Fundação Oswaldo Cruz. Eu já era mãe de dois meninos e estava pronta para me formar. Tinha feito um intervalo de mais de uma década. Voltei a estudar depois de 12 anos, em Pouso Alegre, Minas Gerais. E, na produção do TCC, era importante participar do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o Intercom, que naquele ano se realizava no Rio de Janeiro. A lembrança vem para contar que foi do Zé que ouvi a frase que deve ter ficado no meu inconsciente por anos.

– Tchau, bonito. Bom te ver.

– Ainda vou te ver na Globo!

– Não quero. TV Cultura eu ficaria mais feliz. Só iria pra lá fazer o Globo Rural.

– Então vou te ver no Globo Rural!

Um abraço forte e voltamos para casa.

A cena veio intensa quando entrei pela primeira vez na TV Globo, em São Paulo, no final de 2003. Tinha sido convidada para trabalhar como editora no Globo Rural diário. Anos depois, em meados de 2008, retornaria à Cásper Líbero. Agora para estudar o Globo Rural.

Confesso que é uma provocação pessoal. Estava impregnada da experiência do fazer. Senti necessidade de obter noção de conjunto, de olhar ao

largo e ampliar a visão sobre a maneira como meu trabalho ajuda a contar o mundo.

Por isso a proposta é estudar o Globo Rural diário (que a partir de agora chamaremos de Grud), filho do programa semanal (GRU), que é conhecido pelas reportagens com maior contexto e profundidade¹. O GRU está no ar ininterruptamente há mais de 30 anos, apresentando notícias e reportagens que interessam, principalmente, ao produtor rural. Desde o dia 6 de janeiro de 1980, mostra, em rede nacional, a atividade agropecuária, o agricultor, a cultura do campo, aspirações, tradições e paisagens. Ao todo, oito repórteres produzem matérias em vários países, mas a área principal de atuação é o Brasil.

Já o programa diário, formatado para suprir, de modo mais imediato, as informações ligadas ao cotidiano do agronegócio, com ênfase em cotações, previsão do tempo, cobertura de eventos, lançamentos ligados ao setor, andamento de safras etc., é abastecido com reportagens mais ligeiras e factuais. Primeiro telejornal do dia exibido pela Rede Globo, ao vivo, o Grud é veiculado desde o dia 9 de outubro de 2000, nas manhãs de segunda a sexta-feira. Conta com apenas um repórter fixo que faz as coberturas de Brasília. A maioria das matérias exibidas é realizada por jornalistas das 126 afiliadas da Rede Globo em todo o país.

O Grud tem vocação e natureza diferenciadas do programa semanal e surgiu para dar conta de coberturas factuais, no estilo *hard news*. Embora se trate efetivamente de outro produto, guarda evidentes sinais de seu forte envolvimento com a linha do programa original. Parte da equipe do GRU também trabalha no Grud, e a redação principal dos programas está situada em São Paulo.

Esta pesquisa pretende, por meio da análise do modo de produção e exibição da notícia, investigar como narra o Grud. O estudo objetiva saber quais as especificidades do Grud e como a equipe faz para manter vivo o tom do GRU nas narrativas jornalísticas do Grud. As principais perguntas são: quais as

¹ O conceito de reportagem aprofundada e verticalizada, utilizado nesta pesquisa, tem a mesma conotação atribuída e citada por Faro (1977), quando ele se refere a um estilo de jornalismo preocupado em abolir o mito da objetividade e contextualizar, investigar, analisar e abrir as possibilidades de entendimento do leitor ao mundo contemporâneo.

estratégias e mecanismos utilizados pela equipe para burlar as estruturas convencionais e engessadas do texto informativo e construir reportagens que carregam traços de um jornalismo mais verticalizado e relacional? A apuração deve revelar qual o peso do fazer diário e da urgência do factual, numa equipe com tradição de valorizar as grandes reportagens. A experiência da equipe consegue criar suporte para minimizar as estruturas convencionais de tratamento da notícia, com foco no factual? A urgência do factual e o rolo compressor dos prazos diários são predominantes no tratamento jornalístico das matérias exibidas?

Com cinco edições semanais, o Grud tem aproximadamente 240 edições anuais. A pesquisa elege uma edição por ano e estuda com maior profundidade uma reportagem de cada edição escolhida. A seleção das edições é feita por sorteio. A contagem anual se dá do dia 9 de outubro até 8 de outubro do ano subsequente, tendo em conta o mês de lançamento do programa. Primeiro há o sorteio do mês e, depois de verificado o número de programas daquele mês e ano, é sorteada a edição do programa a ser analisada.

Já a escolha das onze reportagens a serem analisadas em profundidade aqui neste trabalho foi feita com base em outro critério: o espaço de publicação. Por esta autora entender que com maior disponibilidade de tempo as narrativas ganham melhor condição para o aprofundamento e contextualização dos assuntos, o estudo vai priorizar as reportagens mais extensas das onze edições escolhidas.

Nesse processo, utilizaremos referenciais teóricos de autores de várias áreas, que, às vezes, mesmo de maneira indireta, têm exercido influência ou trabalhado diretamente no campo da comunicação. São eles o filósofo Martin Buber, os sociólogos Edgar Morin e Michel Maffesoli, e, dentre os pesquisadores brasileiros, Cremilda Medina, Dimas A. Künsch e Edvaldo Pereira Lima. Também são parte importante desta pesquisa as questões levantadas e as descobertas feitas nos estudos e discussões do grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Cásper Líbero, grupo de pesquisa de que esta autora faz parte.

As contribuições de Medina e de Buber devem auxiliar no estudo do que chamaremos neste trabalho de ponto de vista epistemológico da compreensão, sobretudo no que diz respeito ao modo como o repórter se relaciona com suas fontes e personagens. Estabelece-se, de fato, uma relação entre sujeitos? Há abertura para um diálogo? Qual o peso da diferença dos olhares, marcada pelo sentido de quem olha e de quem é olhado? Como o programa enfoca, principalmente, o meio rural, será importante observar, por exemplo, se existe uma aproximação do repórter com o tempo do homem do campo. Acostumado a tratar com as urgências do cotidiano urbano, ao chegar numa propriedade rural, que tem outro ritmo de funcionamento, as narrativas conseguem apreender e mostrar essa percepção diferenciada? Reforça-se, com essa preocupação, a visão, defendida por Künsch, de que a compreensão “faz conhecer”, ou, em outras palavras, de que a compreensão, no nível intersubjetivo, possui um estatuto epistêmico.

Maffesoli e Morin sugerem que a melhor maneira de o jornalista compreender a realidade em sua complexidade é mergulhando nela. Assim, ele estará em condições de, se apto e aberto para tanto, ultrapassar os limites de sua visão para apreender melhor os sentidos do cotidiano, a imprevisibilidade, variável inerente da atividade jornalística e também da agropecuária e as tensões geradas pelo confronto entre os espaços urbano e rural.

Tendo em conta a natureza híbrida dos gêneros e formatos dos programas televisivos, esta pesquisa pretende analisar o Grud sob diversos aspectos. É seguindo o pensamento de que o fazer jornalístico está impregnado por um paradigma que comanda as técnicas cognitivas do processo de feitura dos produtos jornalísticos que se estabelecem os referenciais qualitativos da análise. A observação do “como” fazer está relacionada às competências (o conjunto de saberes relativos à natureza do fazer), às circunstâncias (as variáveis tempo e espaço) e às condições empíricas (imprevisibilidade e espaço concentrado) constitutivos do jornalismo, mas também ao conteúdo que diz respeito à interpretação dos fatos, que é objeto do jornalismo. Um conjunto de operadores metodológicos irá permitir as avaliações do desempenho do objeto que será materializado com a análise da pesquisa.

Esses operadores fazem parte e são resultantes da trajetória do grupo de pesquisa “Análise de Telejornais”, coordenado pela professora doutora Itânia Maria Mota Gomes, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da Universidade Federal da Bahia. Fundamentados no estudo da recepção, esses operadores funcionam com mão dupla, centrados na audiência e no produtor da notícia, elo de interesse desta pesquisa. A intenção é cruzar a investigação quantitativa com um viés qualitativo.

A análise busca compreender como o conteúdo temático do Globo Rural diário é apresentado na televisão segundo características próprias do meio e de sua linguagem. O pressuposto é de que os diferentes modos pelos quais a televisão veicula um conteúdo podem ser interpretados a partir da perspectiva dos gêneros, subgêneros e formatos.

O programa Globo Rural semanal já foi alvo de inúmeros trabalhos de conclusão de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de outros estudos apresentados em congressos e publicações periódicas da área de comunicação. Grande parte desses trabalhos estuda questões técnicas, principalmente agronômicas, mas há também uma significativa parcela de pesquisas relacionadas ao campo da comunicação. Ocorre que o Grud, embora tenha a mesma grife, é um produto independente, ainda com poucas reflexões a respeito, sem nenhum estudo em que figure como objeto principal de pesquisa acadêmica.

Esta autora localizou apenas dois trabalhos que citam o Grud como parte de suas análises. O primeiro, realizado pela pesquisadora Jussara Maia, da UFBA, ocupa-se da observação de diversos telejornais, entre eles o Grud, para dissertar sobre formatos jornalísticos. A pesquisadora faz parte do grupo coordenado por Itânia Gomes e utiliza, inclusive, parte da metodologia que selecionamos. O outro, desenvolvido por Fagner Carniel, na UFPR, é um estudo de caso de recepção dos dois programas numa comunidade rural do Paraná. Assim, ao iniciar a discussão sobre a qualidade narrativa do Grud, ainda que, neste primeiro momento, tecendo comparações com a veia narrativa do programa semanal, a pesquisa que aqui se propõe poderá ajudar a preencher esta lacuna.

Esta dissertação se divide em três capítulos. O primeiro, “O campo sob o olhar da capital”, conta a história e a evolução do programa Globo Rural semanal. Como é escassa a bibliografia a respeito, o trabalho foi elaborado, principalmente, pelas entrevistas com os integrantes da equipe que acompanha o programa desde o seu surgimento, há dez anos. A experiência desta autora como integrante da equipe também contribuiu para refazer o caminho de produção e desenvolvimento das reportagens, desde a escolha da pauta até a edição do material colhido em campo. Ao reproduzir o cotidiano da redação e sistematizar os critérios de escolha das reportagens veiculadas, a intenção é ter uma visão mais contextualizada das edições exibidas pelo Grud e do processo operacional da equipe.

O estudo em profundidade da bibliografia eleita para este trabalho e também a metodologia específica que será aplicada na análise constituem o tema do segundo capítulo. Serão apresentados as teorias e os autores que dão parâmetro e sustentação para a análise das dez edições do Grud, com ênfase na ideia da narrativa complexo-compreensiva, a partir de uma preocupação de caráter eminentemente epistemológico. A comunicação compreensiva, entre outras características que a pesquisa irá se preocupar em identificar, aposta na possibilidade de convivência entre saberes, ângulos, enfoques e opiniões diferenciadas, plurais, renunciando ao instrumento da hierarquização dos conhecimentos e das visões de mundo. Compreender abrange mais que entender. Caminha pela esfera do diálogo de posições e de saberes, da aceitação e do respeito.

Parte-se da crítica ao paradigma que valoriza o saber científico como única referência de credibilidade para o conhecimento e a explicação do mundo chegando, em seguida, aos referenciais teóricos que propõem uma mudança desse mesmo paradigma, na direção da “democracia do conhecimento” (MORIN, 2008), da atenção ao cotidiano (MAFFESOLI, 2008) ao diálogo (BUBER, 2007; 2008), do “signo da relação” (MEDINA, 2006), da “epistemologia da compreensão” (KÜNSCH, 2008), sem esquecer a conversa com outros autores, como Edvaldo Pereira Lima (2008).

A metodologia a ser usada leva em conta, principalmente, a abordagem cultural dos programas de televisão. Gomes (2004; 2006; 2009) considera o telejornalismo a partir da perspectiva teórico-metodológica dos *cultural studies* em associação com os estudos de linguagem, que implica a consideração de aspectos históricos, sociais, ideológicos e culturais do telejornalismo. Dessa maneira, a pesquisadora sugere que haverá uma melhor articulação de elementos fundamentais para a análise do telejornalismo: o jornalismo, a televisão e a recepção televisiva.

As abordagens mais gerais, históricas e econômicas não serão desprezadas, porém, a investigação fixa-se preferencialmente nas dimensões técnica, social e cultural e envolve funções específicas para aproximação analítica do objeto: pacto sobre o papel do jornalismo; temática, organização das editorias e proximidade com a audiência; contexto comunicativo e a relação com as fontes de informação.

Entre os aspectos que serão observados estão a atualidade, a função de vigilância que o programa assume ao acompanhar com a preocupação de divulgar fatos e posições que exponham uma realidade de transgressão e desrespeito às regras e normas sociais, as relações entre a seleção e organização e apresentação das notícias, a observação dos recursos técnicos, como transmissões ao vivo e infográficos, a verificação dos recursos da linguagem televisiva, tais como efeitos sonoros e de edição, uso de sonoplastia e vinhetas e a diversificação dos formatos de apresentação da notícia.

O terceiro capítulo vai mostrar a descrição e a análise das edições, uma de cada ano, desde a fundação do Grud. A verificação será focada nos elementos e marcas que inspiram uma narrativa do tipo complexo-compreensiva ao mesmo tempo em que trabalha as especificidades do Grud, como mencionado. As observações, assim como a interpretação dos dados, serão realizadas caso a caso. E, no final, entende-se ser possível responder, como resultado dessa análise, à questão que serve de eixo principal para esta pesquisa, ou seja: qual é a narrativa criada pelo Grud. Como o programa compõe suas histórias, transforma a notícia e vê o produtor rural? Mais que uma análise fria das edições, tentaremos

extrair das narrativas os elementos que contribuem objetivamente para a comunicação complexo-compreensiva. Cabe ressaltar que a interpretação se faz de forma indagativa, com desapego da certeza, no exercício de compreender, ser compreensivo e promover a compreensão dos temas, das pessoas, das questões com as quais se ocupam da vida, do mundo.

2 O CAMPO SOB O OLHAR DA CAPITAL

2.1 O Grud – Globo Rural diário

Seu Lino Lopes acordou mais cedo que de costume para tirar leite no pequeno curral de sua fazenda, em Juiz de Fora, zona da mata de Minas Gerais. Era o segundo dia do horário de verão, e ele concordou em mostrar para o repórter Antônio de Castro as alterações que o novo horário provocam na ordenha. Apenas uma hora mais cedo, mas as vacas demoram uma semana, em média, para voltar a produzir normalmente. Com a chegada da equipe, a movimentação começou. Além do repórter, também estavam o veterinário e pesquisador da Embrapa, Reinold Filho, e vários técnicos da televisão. Foi preciso levar equipamentos que permitem conectar a imagem e o som produzidos no curral ao sinal de emissão na torre da televisão da TV Panorama, em Juiz de Fora, para serem enviados, através de um canal disponibilizado pela Embratel, em tempo real. A reportagem, ao vivo, seria exibida no programa de estreia do Globo Rural diário. Seis da manhã, e todos já estavam posicionados, testando o sinal com a TV Globo de São Paulo, responsável por emitir o programa para todo o país.

Quando a apresentadora Rosana Jatobá apareceu na telinha pela primeira vez, às 6h15 da manhã do dia nove de outubro do ano dois mil, vingava um projeto gestado durante anos pela equipe do Globo Rural, programa exibido pela Rede Globo de Televisão, desde 1980. O primeiro editorial do telejornal explicava:

Mais uma semente. Há mais de 20 anos o Globo Rural participa da vida dos produtores, sempre aos domingos. A partir de hoje, vai estar com você também todo dia, de segunda a sexta-feira. Nós vamos acordar mais cedo para levar informação atualizada até sua casa.

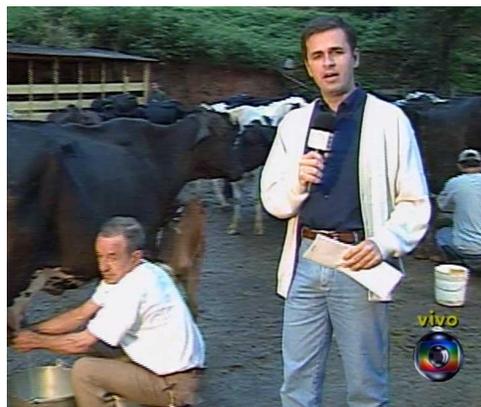


A apresentadora Rosana Jatobá no dia da estreia do Globo Rural diário

Ao final da edição, que também teve outra transmissão ao vivo, a apresentadora agradeceu ao seu Lino e ao seu Denilson Caldeira, de Maringá, no Paraná, pela participação no programa. Os dois foram os primeiros agricultores a entrarem, ao vivo, no telejornal diário².



Solange Riuzim – Grud 09/10/2000



Antônio de Castro – Grud 09/10/2000

O Grud é baseado nas mesmas premissas que norteiam as edições dominicais e até divide parte da equipe, porém o programa é abastecido com reportagens mais ligeiras e factuais. Embora os assuntos abordados sejam semelhantes, as reportagens são feitas por jornalistas de várias regiões do Brasil.

² Ver: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-238203,00.html>. Acesso em: 05 dez. 2010.

A maior parte das matérias é recebida das 126 afiliadas da Rede Globo³ em todo o país.

A ideia de fazer um Globo Rural diário nasceu ainda na década 1980. A equipe chegou a fazer boletins diários, que entravam no meio da programação, com informações do dia a dia da agropecuária. Chamados de “Momento da Safra” ou “Momento Agrícola”, eram exibidos durante os meses importantes de plantio e colheita. Em entrevista a esta pesquisadora, Humberto Pereira, editor-chefe e um dos idealizadores dos dois programas⁴, diz que na época a ideia não prosperou por motivos econômicos.

Tinha patrocinador, essa coisa toda. Mas, o que moveu tanto nós jornalistas quanto a ideia que foi muito apadrinhada do ponto de vista do comercial por duas pessoas, uma foi o Evandro Guimarães, que hoje é vice-presidente da Globo e outro depois que ele entrou aqui ainda na década de oitenta foi o Octávio Florisbaldo, que é o diretor geral da Globo. Ambos incentivaram muito esta possibilidade do Globo Rural diário, que demorou muito para acontecer por causa de oportunidades, crises econômicas, crises políticas e incertezas de conjuntura econômica no país.

Em 1994 surgiu outro embrião, mas desta vez no rádio. O CBN Campo, uma parceria entre o Globo Rural e a rádio CBN, caminhou na mesma linha de suprir as classes de notícias que precisavam de divulgação diária: cotações, informações meteorológicas, o andamento das safras. O programa era formatado em boletins diários de 15 minutos. A equipe entrava, ao vivo, três vezes por dia, tratando principalmente de economia e política agrícola. O programa foi exibido até 1996 e era apresentado por Fábio Perez. O jornalista Víco Iasi, que hoje faz parte da equipe do GRU, trabalhou nessa experiência e conta que a redação, formada por quatro jornalistas, foi uma das primeiras experiências de jornalismo diário que partiu da equipe do Globo Rural⁵.

³ Organizadas em redes nacionais, as emissoras brasileiras se reúnem por meio de contratos de afiliação. Nessa estrutura, a significativa maioria dos conteúdos veiculados ao longo da programação é produzida pela chamada "cabeça de rede" e reproduzida pelas emissoras afiliadas, que estendem o sinal da rede por diversos estados e municípios, garantindo o alcance nacional. A exigência de produção de material audiovisual local/regional é prevista em lei.

⁴ Em entrevista à autora em 21/09/2010. Ver Anexo 2.

Finalmente, em 2000, a equipe recebeu o aval do departamento comercial da TV Globo para viabilizar a produção do Grud. O novo programa abriu espaço para a contratação de mais quatro jornalistas: o editor Levy Soares de Lima foi chamado para comandar o telejornal, auxiliado pela produtora Laura Vieira e pelos editores César Dassie, Kica Tomaz e Raquel Gale, que ficou apenas alguns meses na equipe e foi substituída por Viviane Dias. A supervisão de pauta ficou a cargo de Benê Cavechini, que também é o editor responsável pelo bloco de atualidades do programa semanal.

Um ano depois, o comando passou para Sérgio Coelho, que é o editor-executivo do programa até hoje. Esta autora chegou no final de 2003, com a saída de Viviane Dias; e o editor Pedro Serra, em 2005, substituindo Renata Fiorenzano, que tinha assumido o lugar de César Dassie, remanejado para a edição de cartas da edição semanal.

O Grud começou com doze minutos de produção jornalística. De outubro de 2000 a 2008 foi veiculado de 6h15 às 6h30. Em abril de 2008, ganhou mais cinco minutos. Começou a ser exibido de 6h10 às 6h30. Quarenta por cento a mais de jornalismo. E, no dia 6 de dezembro de 2010, passou para vinte e cinco minutos. Agora começa às 6h e vai até 6h30, contando os intervalos comerciais. Mais que dobrou a produção em dez anos. Acompanhou o fortalecimento do setor agropecuário na última década. De acordo com dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), o PIB geral do país, que é a soma de todos os bens e serviços produzidos, teve crescimento médio anual de 3,59% entre 2000 e 2010. Já o setor agropecuário cresceu acima dessa faixa, com média anual de 3,67% no mesmo período. Em 2010, o PIB agropecuário acumulou R\$ 180,8 bilhões. Em 2000 o valor obtido foi R\$ 45,49 bilhões⁶.

Impulsionadas pelo investimento e conseqüente desenvolvimento em tecnologia e mecanização, a agricultura e a pecuária brasileira se tornaram mais competitivas, e o país conquistou várias posições de destaque no ranking mundial. Atualmente somos os maiores exportadores de carne bovina e de

⁵ Em entrevista informal à autora, na redação, em 27/03/2011.

⁶ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1830&id_pagina=1. Acesso em: 03 mar. 2011

frango. A plantação de soja cresce a cada ano. O mesmo acontece com a produção de açúcar, etanol, café e suco de laranja. Os produtores brasileiros acompanharam e se beneficiam da valorização das commodities⁷ agrícolas no mercado mundial.

Esse cenário otimista também influenciou o negócio da comunicação voltada para o setor. Foram criados vários sites especializados na informação do agronegócio. Surgiram canais por assinatura, em rede fechada, com programação direcionada para o setor: o Canal do Boi, do SBA, Sistema Brasileiro do Agronegócio, em 1995; um ano depois, o Canal Rural, da RBS, Rede Brasil Sul; e, em 2005, a TV Terra Viva, do Grupo Bandeirantes. As emissoras afiliadas das grandes redes também se voltaram para o tema. Na dissertação de mestrado que elaborou sobre o telejornalismo rural, Tavares (2008, p. 49) identificou o momento:

Na Rede Globo a abertura da grade de programação para as afiliadas, principalmente no interior dos estados, foi a oportunidade para a expansão de programas do gênero. Só na rede de afiliadas da região Sudeste existe nove programas rurais semanais.

Além do fortalecimento da mídia regional, o chefe de reportagem do Globo Rural, Lucas Battaglin⁸, detectou outro aspecto que contribuiu para o crescimento da comunicação nos rincões do país: o acesso mais fácil aos equipamentos audiovisuais.

Uma das grandes dificuldades de fazer reportagem em televisão era o custo de câmeras. Há quinze anos uma câmera era um absurdo. Hoje você tem uma camerazinha que grava imagens subaquáticas com uma capacidade de HD do tamanho de uma caixa de fósforos e que custa quinhentos, seiscentos reais, ou duzentos dólares lá fora. Quer dizer, essa expansão da comunicação foi muito importante. Na década de noventa e a primeira década do século vinte e um, o acesso visual aos acontecimentos é tão ou mais importante que o PIB. Antes nós tínhamos como centro da comunicação e televisão as capitais,

⁷ Produto que se apresenta de forma primária (café, soja, milho) negociado na bolsa de mercadorias CME (Chicago Mercantile Exchange). É um termo de língua inglesa que significa mercadorias.

⁸ Em entrevista à autora em 11/03/2011. Ver Anexo 2.

principalmente Rio e São Paulo. Hoje, em qualquer região do país você tem uma câmera. Se acontecer alguma coisa em Boca do Acre, a gente está lá ou pelo menos pode estar lá.

Mas em nível nacional, O Grud e o GRU continuam a ser os únicos programas exibidos em rede, pelo sistema de televisão aberta. Atualmente os vinte e cinco minutos de produção jornalística do Grud são divididos em quatro ou cinco blocos, conforme a grade da rede, ou melhor, dependendo do espaço comercial viabilizado.

2.2 O GRU – Globo Rural semanal

O programa semanal começou a ser exibido no dia 6 de janeiro de 1980, aos domingos, com meia hora de duração. Surgiu numa época de desenvolvimento das fronteiras agrícolas e da expansão da eletrificação rural. A atividade agropecuária caminhava rumo ao centro-oeste e norte do país, com incentivo do governo. Interessado em combater a crise econômica, instalada desde a segunda metade dos anos 1970, com a ressaca do milagre econômico que levou à inflação e à alta taxa de desemprego, o presidente João Baptista Figueiredo, último militar no governo, pregava prioridade à agricultura. (MENDONÇA; FONTES, 1998, p. 53)

Nesse contexto, o programa foi desenvolvido pela Rede Globo como estratégia de segmentação de mercado. O número de televisores em áreas rurais já ultrapassava os quatro milhões, o que revelava um grande potencial dessas regiões em termos de audiência e anunciantes⁹. Em artigo para a revista *Globo Rural*, em outubro de 2000, Humberto Pereira (2000, p. 44) relembra a época:

⁹ Ver: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-238203,00.html>. Acesso em: 05 dez. 2010.

Naqueles tempos, a eletrificação rural teve um impulso considerável. O alcance do sinal da televisão também estava em expansão. O homem do campo entrava no mundo dos telespectadores, mas não havia na programação das redes um produto onde ele e sua atividade fossem os personagens principais. Não havia, nos intervalos comerciais, anunciantes de insumos, ferramentas, medicamentos ou prestadores de serviço destinados ao campo. Baseado nesses dados, o departamento de comercialização da Globo achou que caberia na programação um produto voltado para o campo. A encomenda foi feita ao departamento de jornalismo, que criou o Globo Rural.

Chamado de “Mandioca News” pelos próprios jornalistas da TV Globo, o programa, que era visto como uma excentricidade sem futuro, logo se firmou com o sucesso de audiência e as elevadas demandas por espaços comerciais. E, sete meses depois da estreia, dobrava de tamanho. Desde então, passou a ser exibido das 8h às 9h dos domingos.

Nessa época, 67,6% da população brasileira vivia nas cidades, de acordo com o censo de 1980. Uma das possibilidades para a consolidação do Globo Rural é o forte envolvimento do público telespectador com o universo rural. Na elaboração de sua dissertação de mestrado sobre a interatividade das cartas no Globo Rural, Ana Caroline Silva de Castro (2009, p. 23), que já fez parte da equipe do programa, expõe esse pensamento.

Além do homem no campo ter o seu acesso à televisão e à energia elétrica melhorados, todas aquelas pessoas que migraram do campo para a cidade mudaram de endereço, mas não perderam necessariamente as suas raízes rurais. Isso pode explicar porque o programa tem uma audiência boa e consistente nas áreas urbanas e nas capitais.

Mendonça e Fontes (1998) afirmam que Afrânio Garcia e Moacir Palmeira questionam como os indivíduos que saíram do Brasil rural para o Brasil industrializado adquiriram novas formas de se viver e se relacionar, e o pensamento desta pesquisadora junta-se ao de Castro (2009, p. 23), que diz “um programa voltado para o homem do campo e suas atividades pode ter ajudado a esse contingente saído da zona rural a se localizar melhor na cidade.”

O GRU tem quarenta e cinco minutos de produção jornalística divididos em quatro blocos. São cinco quadros: abertura (editorial da edição), mercado

(assuntos de maior relevância na semana, muitos deles já exibidos no Grud), carta dos telespectadores (dúvidas e curiosidades enviadas por cartas, e-mails), eventos da semana (divulgação de festas, encontros e seminários) e reportagens especiais (normalmente dois assuntos, um para o início e outro para o fechamento do programa).

O programa não tem uma estrutura fixa, e nem todos os domingos traz todas as seções. Muitas vezes, foi veiculado com apenas um tema, desenvolvido ao longo dos quatro blocos. Esta estratégia costuma acontecer com matérias especiais, veiculadas em datas comemorativas, como as edições de números significativos: programa de nº 100, 500, 1.000. No final do ano, a retrospectiva do bloco de mercado, composta com os principais acontecimentos do ano, também é exibida num único programa, ocupando todos os blocos. Muito comum é também acontecer de a reportagem de encerramento tomar os dois blocos finais, e o programa vai sem a matéria de abertura.

A reportagem do primeiro bloco normalmente desenvolve temas relacionados a inovações tecnológicas, serviço, assuntos técnicos com aplicabilidade na agricultura, pecuária e preservação ecológica.

O segundo bloco é destinado ao mercado, na maioria das edições. São reportagens de atualidades sobre o andamento das safras e as influências dos principais acontecimentos climáticos, os indicadores econômicos com cotações das commodities e uma nota coberta (texto lido pelo próprio apresentador e coberto com imagens) com o agrupamento das mais importantes notícias da semana, já exibidas no Grud.

A seção de cartas geralmente ocupa o terceiro bloco, e é o espaço de interatividade do programa. As dúvidas dos telespectadores são respondidas com reportagens ou com recados dos consultores¹⁰, lidos pelos apresentadores, na

¹⁰ O Globo Rural tem duas figuras importantes que também são consultadas em casos de matérias técnicas. O agrônomo Chukichi Kurozawa – especialista em fitopatologia e professor titular aposentado da Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp de Botucatu, e o veterinário Enrico Ortolani – professor e pesquisador da Universidade São Paulo (USP), são considerados parte da equipe e participam de uma sessão semanal, às quartas-feiras, quando assistem às reportagens do GRU que serão veiculadas no domingo seguinte. Eles opinam sobre o conteúdo,

bancada. A ideia já era um sucesso no rádio e foi levada para o programa de televisão. Atualmente o número de emails é bastante superior à quantidade de cartas que chegam pelo correio¹¹, mas a dinâmica da seção continua a mesma.

A matéria de encerramento trata de assuntos mais leves. Até o cenário muda. Da bancada de apresentação dos blocos anteriores, os dois apresentadores aparecem, agora, em poltronas. São reportagens mais longas, com formato documental, que tratam de cultura, tradições, receitas, viagens, personagens.

Praticamente, desde o início, o programa é comandado pelo editor-chefe Humberto Pereira, o chefe de reportagem Lucas Battaglin (contratado quando o programa passou para uma hora) e o chefe de redação Gabriel Romeiro (que chegou quando o programa completava um ano). Atualmente ele é apresentado por Néelson Araújo e Helen Martins. Mas já passaram pela bancada os jornalistas Carlos Nascimento, Wellington de Oliveira, Sílvia Popovic, Sérgio Roberto Ribeiro, Olga Vasone, Humberto Pereira, William Bonner, Oliveira Andrade, Rodolfo Gamberini, Augusto Xavier, Fábio Perez, Maria Cândida, Vico Iasi, Fabiana Scaranzi, Rosana Jatobá, Priscila Brandão, Evaristo Costa e Kelly Varrasquim.

A equipe de repórteres conta com José Hamilton Ribeiro, Ana Dalla Pria, César Dassie, Ivaci Matias, Camila Marconato, Vico Iasi, Néelson Araújo e Helen Martins. Além dos jornalistas já citados, passaram pelo Globo Rural: Paulo Patarra, Odair Redondo, Flávia Adalgisa, Cláudio Savaget, Sidney Maschio, Celso Ming, Joelmir Betting e Lillian Witte Fibe (comentaristas econômicos), Ana Paula Couto, Alberto Gaspar e Patrícia Poeta¹².

buscam dados e ajudam a traduzir para uma linguagem mais coloquial alguns termos e procedimentos técnicos. Esse apoio também é estendido ao Grud.

¹¹ Hoje em dia o programa não recebe apenas cartas. Na verdade, o número de cartas corresponde a 10% do total de e-mails, correios eletrônicos que são enviados. São 350 cartas e 3.500 e-mails (por mês). Mesmo com essa enorme diferença entre a quantidade de cartas e e-mails recebidos, o editor de cartas César Dassie responde pessoalmente às cartas que são enviadas pelo correio. Todos os e-mails são respondidos pela Central Globo de Atendimento ao Telespectador, CAT, e depois encaminhados ao programa, para que se faça uma triagem sobre quais podem virar reportagem. (CASTRO, 2009, p. 32)

¹² Ver: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-238203,00.html>. Acesso em 05 dez. 2010.

Desde o início, o GRU adotou o formato de exibir reportagens mais longas, com maior aprofundamento dos temas, investigação e comprometimento dos repórteres. No estudo que realizou sobre o Globo Rural, Tavares (2008) refaz o percurso de vários profissionais que foram contratados pela TV Globo no fim dos anos de 1970 e que gestaram o programa, na tentativa de entender melhor o contexto que levou à criação desse formato.

Era uma geração combativa que invariavelmente reportava grandes crimes, eventos esportivos de caráter épico, guerras, mas também mantinha uma paixão pelo registro de personagens do cotidiano, pelo perfil, pela convivência demorada com o tema, com as pessoas, as coisas, assim como pregava Tom Wolfe. Contudo, a perseguição política e a instabilidade do mercado editorial, com o surgimento e o rápido fechamento de veículos impressos, invariavelmente relegavam estes profissionais à clandestinidade ou ao desemprego. Nomes conhecidos e premiados da imprensa escrita foram então convidados por Luiz Fernando Mercadante para trabalhar na Rede Globo: grandes estrelas do *Jornal da Tarde* e da extinta revista *Realidade*, da Editora Abril. (TAVARES, 2008, p. 73)

Vários fatores influenciaram na formatação e linha editorial do GRU: o new journalism¹³, que circulava com maior desenvoltura por esses veículos, as influências do jornalismo praticado pela Rede BBC, da Inglaterra, que também primava pelas reportagens mais aprofundadas e analíticas e que ganhou força na TV Cultura, na época em que Gabriel Romeiro trabalhava lá, assim como o jornalismo interpretativo¹⁴, difundido pela USP, onde Battaglin estudou e até chegou a ser professor. Essas foram influências fundamentais para a criação de reportagens mais verticalizadas, com estilo mais coloquial, como conta Romeiro¹⁵:

¹³ New journalism, como foi chamado o trabalho de jornalistas como Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer, é considerado a mais importante crítica já feita à objetividade jornalística. Esses jornalistas aproximaram o relato de fatos reais ao modo de escrever próprio da literatura. Este estilo de escrita ficou popular nos Estados Unidos a partir da década de 1960.

¹⁴ Gênero jornalístico que busca o contexto dos fatos e fenômenos, de modo a oferecer ao leitor subsídios para sua interpretação. Trata dos antecedentes e previsões e para isso baseia-se em pesquisa a fontes documentais, científicas, livros e entrevistas. Tem a função de ampliar a informação da notícia, recuperando sua historicidade e impacto provocado na sociedade. O pesquisador brasileiro Luiz Beltrão o chama de reportagem em profundidade.

¹⁵ Em entrevista à autora em 01/04/2011. Ver Anexo 2.

Esse formato evoluiu muito com o tempo. Essas reportagens bem grandes que têm hoje, elas não são logo no início do Globo Rural mesmo porque um programa de meia hora não suportaria. Mas o que tem a ideia desde o começo, isso até me precede aqui, é a ideia de fazer coisas mais aprofundadas, coisas mais explicativas, que requer tempo para ir mais fundo mesmo, explicar mais o contexto das coisas e sempre procurando estabelecer elos e criar relações. Mas o texto do Globo Rural, por exemplo, eu sei embora eu não tenha vivido, convivido aqui na época, ele foi sair muito do Paulo Patarra, no jeito de falar simples tal que eu acho que até o Globo Rural perdeu, ele já foi muito mais simples. O esforço metódico para não usar palavras difíceis, para procurar palavras de comunicação mais direta com o público, isso eu acho que o Globo Rural até já foi mais.

O diferencial começa no processo de produção da reportagem. A partir da década de 1990, com a chegada do repórter e editor Néelson Araújo, a equipe de repórteres, além de ajudar a produzir e ir a campo realizar a reportagem, também passou a ser responsável pela edição das matérias. Esse acompanhamento, desde a escolha da pauta, possibilita maior autoria. Cada repórter tem tempo e chance de manipular a própria narrativa. A exceção fica no bloco de mercado, que é produzido com a ajuda do reportariado das emissoras afiliadas. No entanto, os textos são cuidadosamente gerenciados pelos editores do programa.

E mesmo preservando o estilo de cada repórter, o material exibido pelo GRU tem características comuns a todas as reportagens, que marcam uma identidade desenvolvida e aperfeiçoada ao longo de três décadas. Longe das matérias que seguem a tradicional receita off (como os jornalistas de televisão tratam o texto conjugado com as imagens) + sonora (como são chamadas as entrevistas gravadas para televisão) + passagem (denominação dada ao momento em que o repórter aparece) + sonora, a edição do GRU é mais calma, menos clipada que nos telejornais convencionais. O movimento das imagens é mais longo, em tom documental, com direito a panorâmicas e também detalhes que dão mais tempo para o telespectador se envolver com o lugar e o assunto. As entrevistas também são diferenciadas. Normalmente permitem que os entrevistados tenham chance de expressar toda uma linha de pensamento e não constituem apenas suporte para ilustrar o raciocínio do repórter. A edição também privilegia respiros, suspiros e risadas como parte importante da informação.

O desafio da equipe é manter essa mesma linguagem em reportagens mais rápidas, elaboradas com menor tempo de produção e edição. O GRU veicula as reportagens feitas pelos próprios repórteres. A única exceção, como já foi dito, é o bloco de mercado, que trata de atualidades e recebe a colaboração de repórteres de todo o país.

Já o Grud praticamente só exhibe as matérias que recebe das afiliadas. O telejornal diário tem apenas uma equipe própria, que fica na sucursal de Brasília. Mesmo assim, a cobertura está marcada pela factualidade. A reportagem elaborada em Brasília mostra as decisões e entraves do Ministério da Agricultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ibama, Instituto Chico Mendes, Ministério do Planejamento, assim como das Centrais Sindicais como a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e a Confederação da Pecuária e Agricultura, a CNA.

No dia a dia, a batalha é para que os editores e repórteres espalhados pelo país percebam, e, mais do que isso, consigam mostrar, nas matérias exibidas pelo Grud, um tratamento próximo ao que foi criado pelo GRU: edições mais calmas, em tom documental e com sonoridades mais fluentes. É o que comenta o editor Benê Cavechini¹⁶, responsável pela seção de mercado do GRU:

É um tempo diferente, é o tempo do campo, das coisas, das panorâmicas, tem o tempo da natureza que o domingo criou isso, e o diário procura também seguir, isso o tratamento visual digamos assim. É lógico que no dia a dia nem sempre é possível você ter o mesmo acabamento visual do domingo, mas procura-se dar o mesmo tratamento de linguagem, sempre que possível. Tanto no domingo como no diário as sonoridades deixam as pessoas falarem um pouco a mais. Às vezes, nem sempre se consegue, mas há uma tentativa, um esforço neste sentido de deixar as pessoas falarem mais.

¹⁶ Em entrevista à autora em 20/08/2010. Ver Anexo 2.

2.3 O que é pauta no Grud

Alguns assuntos, como a previsão do tempo, frequentam diariamente o telejornal. Os comentários e o mapa com as figuras ilustrativas mostram como o tempo se comportou no dia anterior, quais os principais eventos climatológicos do dia e como será a previsão para os próximos seis dias.



Lúcio Sturm, primeiro apresentador de meteorologia do Grud

Esse detalhamento é focado na importância dos fatores climáticos na atividade agropecuária. Se não chove na hora certa, falta umidade na terra e não dá para plantar. Plantar atrasado implica ter menos produtividade. Se chove bastante, dependendo do ciclo da lavoura, o agricultor vai enfrentar o aparecimento de pragas e doenças. O excesso de chuva também provoca prejuízo na colheita, na qualidade do produto e no escoamento da safra. Refém das condições meteorológicas, o agricultor tem atenção especial por este tipo de informação. E a intenção do Grud é suprir essa necessidade. Nas palavras de Humberto Pereira¹⁷, a ideia de fazer um informativo diário partiu justamente das limitações do programa do domingo:

O programa do domingo para o agricultor, para a prática da vida do produtor, tem limitações exatamente pelo fato de ele ser um programa gravado na sexta-feira, ele não tem o condão da

¹⁷ Em entrevista à autora em 21/09/2010. Ver Anexo 2.

atualidade, daquele dia, daquele horário, daquele momento, que um programa que vai ao ar ao vivo tem. E que pode, portanto, passar para o agricultor algumas classes de informação que ele precisa no dia a dia. Não dá para você fazer uma informação meteorológica pragmática para o agricultor em um programa que vai ao ar no domingo e que foi gravado na sexta-feira e que só vai uma vez por semana ao ar. Você pode fazer considerações gerais de tendências climáticas, a seca nos rios da Amazônia, a estiagem no centro-oeste, as inundações de Santa Catarina, isso você faz, mas previsão do tempo, estimativa, balanço de chuvas, essa é uma informação substancial para o agricultor até porque ela é especializada, ela não está preocupada se o tempo está bom para ir à praia. A chuva pode ser muito bom para a agricultura ou não.

Cotações do preço do café, do boi e as oscilações da bolsa de grãos também são temas constantes. Fazem parte da classe de informações que complementam o planejamento tanto nas empresas rurais, a agricultura de grande porte, quanto nas pequenas propriedades, capitaneadas pelos agricultores familiares. O investimento pode ser maior em determinado produto, conforme a tendência de mercado. Na safra 2010/2011, por exemplo, muitos agricultores decidiram ampliar a área cultivada com algodão, depois que entenderam que as cotações das commodities internacionais da pluma sinalizaram que há uma expectativa de alta por alguns anos ainda. E essas vertentes de mercado precisam ser esmiuçadas para melhor entendimento e profissionalização do setor.

A equipe se depara com dois caminhos, que precisam correr em paralelo no jornalismo. Nesses casos, que beiram ao economês e ao tecnicismo do universo financeiro, a grande dificuldade é conseguir traduzir, em linguagem comum, os meandros do momento. Não se pode esquecer que o telespectador da televisão aberta é o público em geral, que precisa ser inserido no contexto. Outra dificuldade é contar com mão de obra disposta a fazer e refazer até que o resultado seja satisfatório. Os jornalistas que vão a campo, de modo geral, estão acostumados com matérias urbanas, num cenário diferente e com tempo próprio. Essa diferença de olhar, que em muitos momentos cria uma tensão entre o tempo e o espaço urbano e rural, será um dos aspectos de análise desta pesquisa.

O Grud foi articulado como o desenvolvimento diário do bloco de mercado do GRU; assim como no programa semanal, é abastecido pelas reportagens que

são feitas pelas praças. Porém, o material que será exibido no programa semanal é elaborado com maior cuidado e pode ser moldado até que atenda à linguagem e às exigências técnicas da equipe. A dinâmica do Grud, no entanto, não permite tanto burilamento. A não ser que o assunto não tenha urgência. Aí é possível alterar texto, pedir complementos, refazer até passagens. Mas se é factual, a reportagem chega à noite e não existe mais tempo para mudanças. O editor consegue apenas cortar o que já está pronto. Acrescentar informações só é possível na cabeça ou no pé da matéria, ou seja, no texto lido pelo apresentador, que é confeccionado na redação em São Paulo. No mais, o editor que vai deixar a matéria pronta para ser exibida no dia seguinte fica restrito a checar as informações, retirar os erros e tentar melhorar o tratamento visual do material que chega. Na entrevista que concedeu a esta pesquisadora, o editor executivo do Grud, Sérgio Coelho,¹⁸ fala sobre essa questão, que tem grande influência na qualidade do telejornal:

Quando é factual, aquela coisa que aconteceu no dia e tem que ir naquele dia mesmo, a gente acaba tendo uma flexibilidade maior em aceitar algumas falhas, em tentar completar algumas falhas que a gente levante da redação, mas para não perder a factualidade que o jornalismo diário exige. O programa de domingo tem um pouco mais de tempo para se organizar e para procurar as informações que faltam. No diário isso nem sempre acontece, às vezes pela própria dinâmica do programa você dá uma matéria numa segunda-feira faltando alguns elementos, na terça-feira você vai tentar recuperar esses elementos que estão faltando e ir complementando a matéria. Você aceita que uma matéria vá um pouco incompleta no primeiro dia, para não perder o momento da história, e aí, com o passar dos dias, você vai acertando e cobrindo aquelas falhas que a reportagem teve no primeiro momento.

Outra seção permanente no Grud é a pequena reportagem para chamar o programa semanal. Todas as sextas-feiras, o repórter da matéria principal do domingo faz uma pequena chamada, mostrando o assunto que será exibido com reportagem completa no próximo Globo Rural.

¹⁸ Em entrevista à autora em 28/06/2010. Ver Anexo 2.

2.4 O dia a dia na redação

A redação principal do programa está situada em São Paulo, e a chegada do material produzido pelas demais emissoras se dá a partir de vários critérios. Em um grande círculo em volta das mesas do chefe da redação, Gabriel Romeiro, e do chefe de reportagem, Lucas Battaglin, estão os editores do Grud Sérgio Coelho e Pedro Serra, Kica Tomaz e Benê Cavechini e a produtora Janete Galbiati. Frequentemente o editor-chefe dos dois programas, Humberto Pereira, também participa da reunião. Às nove horas da manhã praticamente toda a equipe do Globo Rural está na redação.



Reunião de pauta do Grud no dia 18/04/2011

A conversa começa com as opiniões sobre o programa do dia – problemas, observações e elogios, cabe todo tipo de comentário. O editor-executivo do jornal, Sérgio Coelho, e o editor assistente, Pedro Serra, contam sobre as dificuldades e decisões da madrugada. Quem quiser, fala a respeito dos erros e acertos das reportagens. Nesse momento, é interessante observar a integração entre o trio que comanda há três décadas o Globo Rural. Não é raro algumas reportagens provocarem falas semelhantes e/ou complementares, de modo que o discurso sirva de vitrine para exibir a construção que alicerça o modo de pensar e agir que encaminha o restante da equipe e materializa a linha editorial do programa. Na

opinião do editor Pedro Serra¹⁹, que sempre acompanha as reuniões, esse entrosamento é vantagem:

Uma das grandes qualidades do programa é essa experiência que ele carrega. Você sugere uma pauta e às vezes, por exemplo, o Gabriel vem e fala assim: - ah, mas em oitenta e três nós falamos disso. Eles têm uma história, uma cultura muito rica. Pesa muito o fato da pessoa que criou o programa, das pessoas que comandam a equipe, tem tanto tempo de experiência nesse meio, acaba sendo fundamental para o programa se desenvolver bem.

Apesar de trabalhar num horário que não permite esta autora participar das reuniões, em algumas ocasiões, a repercussão do debate e dos comentários é tão intensa que chega viva e forte até o fim do dia, quando começa o turno de trabalho desta autora.

Passada esta primeira fase das observações sobre a edição que já foi exibida, o grupo começa a listar as possibilidades de matérias que vão formatar o programa do dia seguinte. Assuntos factuais, que estão em andamento e vão ter desdobramentos, ganham prioridade. Um bom exemplo deste tipo de pauta foi a série de reportagens sobre as fortes chuvas que atingiram vinte e oito municípios do estado de Alagoas e mais de sessenta em Pernambuco em junho de 2010. Ao longo de duas semanas, o Grud exibiu reportagens mostrando as consequências das cheias, o drama dos agricultores que tiveram prejuízo, as culturas mais afetadas, as condições das estradas e o escoamento da produção. Problemas climáticos influenciam as safras e criações e por isso tem lugar garantido nas edições diárias. Essas matérias normalmente são casadas com a previsão do tempo.

O andamento das lavouras, da pecuária e do mercado dos produtos agrícolas também é prioridade. As principais culturas, como soja, milho, algodão e trigo, são acompanhadas desde a intenção de plantio até a colheita. Existe uma pasta de sugestões de pauta, que sempre é consultada durante as reuniões, onde estão registradas as fases importantes de cada cultura. Por ser diário, o Grud prioriza reportagens gravadas no mesmo dia, mas assuntos planejados, com

¹⁹ Em entrevista à autora em 16/07/2010. Ver Anexo 2.

maior tempo de produção, também são decididos na reunião diária de pauta. Na pasta ficam armazenadas as ofertas enviadas pelas emissoras afiliadas e as provocadas pela redação em São Paulo. Todos podem opinar no enfoque, formato e encaminhamento das pautas. Uma vez aprovadas, elas serão solicitadas às redações das praças.

O trabalho de produção, que inclui checar informações, solicitar o material oferecido e fazer os pedidos de reportagens, é distribuído ao final do encontro da manhã. São três produtores que levantam assuntos, fazem apurações e combinam as reportagens, gerenciam textos e edições com as praças. Como foi mostrado anteriormente, no organograma das funções, parte dessa equipe também produz e edita a sessão de mercado do programa dominical, por isso o que interessou ao programa diário pode voltar com mais profundidade e amplitude na edição semanal.

Decisões que envolvem governo e entidades do setor são apuradas pela equipe que o Globo Rural mantém em Brasília. O intenso debate em torno do Código Florestal, as modificações aprovadas pelo Congresso e a repercussão entre as diversas correntes políticas e ambientais envolvidas foram motivo de diversas reportagens exibidas pelo Grud. Há uma grande preocupação da equipe em tentar deixar claro para os telespectadores os posicionamentos defendidos pelas diversas forças que atuam no âmbito político. Muitas decisões são anunciadas já no início da noite e, se devido ao horário ficar difícil abrir espaço para os eventuais repercutes, é normal o jornal voltar ao assunto para dar voz aos diversos setores afetados pelas resoluções aprovadas ou vetadas pelo governo e os parlamentares.

O que importa ao Grud é contar o universo rural. O primeiro filtro é o encaminhamento da pauta, que sempre vai privilegiar o olhar do produtor rural. Parece simples, mas o foco das reportagens é um dos principais motivos para que a matéria não seja exibida. A matéria pode tratar do aumento do preço do tomate por causa do excesso de chuva e não ser assunto para o Grud. Ao telejornal interessa saber as condições das lavouras e qual a situação do agricultor. Ele está gastando mais para controlar as pragas e doenças com o

aumento da umidade? A produtividade caiu? Mesmo assim o preço está compensador? Geralmente quando as chuvas interferem na produção, várias ofertas são enviadas das praças, que querem aproveitar as edições que foram feitas para o jornal local. O problema é que as reportagens foram focadas apenas no telespectador urbano, que está preocupado em saber por que as hortaliças encarecem. Entrevistam consumidor, o comerciante... e nada do produtor! O herói do Grud é o produtor rural, mas é preciso reconhecer que tal angulação tem de ser reforçada e iluminada a cada dia. As redações estão sempre localizadas em cidades desenvolvidas, com população urbana em crescimento, conseqüentemente, a órbita das pautas está mais centrada em problemas como trânsito, violência e direito do consumidor.

Ainda hoje, passados 10 anos da estreia do Grud, as praças têm dificuldade para distinguir o leque de assuntos que espelham a área de cobertura do programa. A violência rural é um deles. Várias vezes a equipe se surpreende com casos de assaltos a propriedades rurais, furtos de animais em diversos telejornais e quando perguntamos por qual motivo o material não foi enviado, a resposta é a mesma: - Não sabíamos que isso interessava ao Grud! Ultrapassar essa miopia ainda é desafio. O "ABC do GRU", uma apostila elaborada pelo editor Benê Cavechini, para ajudar as praças a entenderem melhor a linguagem do programa, vai além da vida no campo:

O que está nas cidades e interessa ao homem do campo também é assunto nosso. Nesse sentido costumamos seguir o produto desde sua origem até a gôndola do supermercado ou até a mesa do consumidor. Costumamos seguir o próprio homem do campo quando ele vai à cidade mais próxima para fazer compras, para ir ao banco, ao hospital, a um congresso, a uma universidade.

O Grud também trata de ecologia, questões agrárias, indígenas, cultura e tradições do povo do campo, culinária, condições de trabalho (escravidão inclusive), de história, de educação e saúde nas áreas rurais, de turismo rural, de cooperativismo, entre outros assuntos.

As reportagens que mostram as festas e tradições culturais e religiosas são sempre bem-vindas ao jornal. Às vezes, é preciso driblar dificuldades de logística

por causa da distância e dos horários, mas há um grande esforço de todos para que o material seja exibido no dia seguinte. Em várias ocasiões, os editores das emissoras afiliadas entram de madrugada para editar a reportagem, gerar para a sede do jornal em São Paulo e dar tempo de o material ser exibido.

Sucesso garantido também são as receitas. Num estudo que realizou recentemente, com base nos números do Ibope²⁰, a editora Kica Tomaz²¹ descobriu que grande parcela da audiência do Grud é de mulheres com mais de 18 anos. É bom lembrar que a audiência é sempre medida em residências urbanas. Nesse caso, os dados foram coletados em 11 cidades, portanto, o referencial de recepção sobre os telespectadores do Grud é urbano.

Em 2010, na média, o share²² do Grud, na categoria “Homens com + de 18 anos” foi de 41% e “Mulheres com + de 18 anos” foi de 59%. Podemos afirmar com base nos dados do Ibope que neste horário há 20% mais mulheres ligadas na TV do que homens. O desafio, então, é atrair as mulheres que estão migrando para outras emissoras e aumentar o share entre os homens.

²⁰ Multinacional brasileira de capital privado, o Ibope é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina. É o conjunto de informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado. O Ibope Media, conhecido no Brasil como IBOPE Mídia, é responsável pelas pesquisas de mídia, investimento publicitário e hábitos de consumo. Oferece uma ampla linha de produtos que atende às necessidades de veículos de comunicação, agências de publicidade e anunciantes.

²¹ A editora Kica Tomaz fez o estudo durante o estágio que realizou no Departamento de Marketing da TV Globo, em 2007, e atualizou os dados a pedido desta pesquisadora.

²² Share é um conceito de aferição do nível de audiências de um programa nos meios audiovisuais. Obtém-se pela verificação da porcentagem do número de espectadores de um programa relativamente aos níveis de outros programas concorrentes que decorram no mesmo período. A utilidade do conceito de share é permitir uma análise comparativa do desempenho de um programa.

2.5 Ofertas equivocadas, assuntos limítrofes

O Grud, assim como o GRU, tem alguns assuntos que considera limítrofes, que circulam em áreas fronteiriças, entre o conteúdo que faz parte da cobertura e o que está fora da linha editorial dos programas. Alguns exemplos: as fazendas de pisciculturas e de maricultura (criação de ostras e mariscos) são assuntos constantes, no entanto, os programas raramente tratam de pesca. A criação de animais de várias espécies também é tema frequente das edições, mas não os pets, os bichos de estimação. A não ser que seja o caso de cão de pastoreio, animal de trabalho, que auxilia a lida no campo. Outro caso é o garimpo. A extração mineral só é tema de reportagem se estiver ligada à questão ambiental, como no caso da exploração ilegal de pedras preciosas em terras indígenas. Mesmo a violência rural, só é exibida se colocar o drama dos moradores rurais, sem tom policialesco.

Desde que a Rede Globo de Televisão começou a utilizar, em 2008, um sistema de envio de reportagens, as ofertas aumentaram, mas o aproveitamento diminuiu bastante, pelo menos no início. Se antes era preciso comprar um canal de Embratel para gerar o material, passou a ser possível arquivar o vídeo num documento que chega via internet, gratuitamente, através de uma rede entre as emissoras. Demora um pouco mais do que a geração em tempo real, cerca de sete vezes o tempo total do documento, mas a qualidade é melhor e não é mais preciso pagar noventa e oito reais por dez minutos de disponibilidade do satélite para fazer a geração. Grande parte das praças já dispõe do equipamento, e como o Grud só vai ao ar pela manhã, quando acaba o jornal da noite das afiliadas, os editores que são responsáveis pelo contato com os jornais de rede colocam as reportagens no sistema e avisam a redação em São Paulo.

Esta facilidade desencadeou uma avalanche de apostas que antes eram filtradas num primeiro contato via telefone. As praças passaram a enviar e comunicar depois que a reportagem estava disponível. O aumento do preço do tomate em Pernambuco, assunto do jornal local, é enviado para avaliação. E o material, que foi produzido com encaminhamento do consumidor, o grande

público das afiliadas, não será aproveitado. Mesmo assim, esse canal permite a geração de material importante, que tinha muita dificuldade para chegar a São Paulo. Hoje, a praça de Petrolina, em Pernambuco, assim como Santarém, no Pará, colocam as reportagens diretamente para o Grud. Antes, o material era gerado para as emissoras das capitais, que enviavam, via Embratel, para São Paulo.

Além de ganhar tempo e baratear custos, o processo atual também preserva a qualidade de imagem. Com menos gerações, a reportagem chega mais limpa, com menor desgaste provocado pelo número de cópias, que entre outros problemas, “lava” a intensidade das cores.

2.6 O que vale link

As entradas ao vivo ganharam fôlego desde que o Grud passou para vinte e cinco minutos de produção jornalística, no fim de 2010. Os links, ou seja, as conexões em tempo real do ponto de emissão do programa com as equipes de reportagens espalhadas pelo país fazem parte da estratégia da equipe para dinamizar o telejornal e, ao mesmo tempo, conseguir levar informação fresca e atualizada para o telespectador. Em entrevista a esta pesquisadora, a produtora e editora Kica Tomaz²³ fala sobre a mudança provocada pela implantação de links diários no telejornal:

Mudou bastante você ter um jornal em que fala para o telespectador que ele realmente é um jornal ao vivo. A gente conversa com o repórter, mostra se está chovendo, se não está chovendo, como é que está a claridade do dia, reforça para o telespectador, a gente acordou junto com você, a gente está aqui junto com você. Aumenta o vínculo e cria mais identidade com o telespectador.

²³ Em entrevista à autora em 11/03/2011. Ver Anexo 2.

A edição número 1 do Grud começou com a transmissão “ao vivo” de um curral, como contamos no início deste capítulo. Mas, devido ao trabalho que a operação exige, ao longo dos anos, o link passou a ser feito apenas em eventos especiais, pensado com bastante antecedência. O conceito de sempre casar o assunto da reportagem “ao vivo” com uma reportagem gravada também provocava morosidade no processo. Mas, com o crescimento do programa, esse pensamento passou a ser questionado. Hoje a equipe já está mais azeitada, com maior experiência do que rende ou não rende link. Em alguns programas, são três entradas ao vivo. Mas também há dias sem assuntos que valem armar a operação.

Vale link o factual, como, por exemplo, o preço internacional do café em alta. Quando a saca ultrapassou os quinhentos e cinquenta reais no mercado interno, em março de 2011, o Grud falou sobre os motivos desse aumento, com entrevista no Centro do Comércio de Café, em Varginha, Minas Gerais. Feiras e exposições valem link de serviço e agenda. Vale link cultural, de música, de artesanato, de manifestações folclóricas, principalmente se for num cenário que realmente exista, sem necessidade de simulação.

A batalha diária é para superar as dificuldades do horário. Encontrar entrevistado disposto a madrugar para chegar até onde estará a equipe. Achar o assunto que possa ser também mostrado no início do dia. Se a proposta é mostrar uma feira agropecuária, por exemplo, a movimentação às seis da manhã ainda é pequena. Se a equipe vai para uma lavoura, o problema é a luz. Quanto mais a oeste do país, mais escuro, porque o sol demora mais a nascer, e a questão do fuso horário precisa ser levada em conta. No horário de verão, a situação é mais dramática. Nem todas as regiões do país adotam a mudança e, mesmo no litoral da região nordeste, onde o dia amanhece mais cedo, quando o programa começa, lá ainda são cinco horas da manhã.

2.7 O relacionamento com as afiliadas

Desde a fase inicial do programa, a preocupação dos produtores e editores sempre foi construir um canal dentro das emissoras afiliadas para garantir um fluxo de reportagens constantes. Afinal, durante duas décadas, o Globo Rural era conhecido como um programa semanal. Pensava-se em pautas, sempre melhor elaborados e maior esforço de produção. Com as edições diárias, essa cultura precisava ser alterada. Sérgio Coelho²⁴ conta que no início era mais difícil receber material fresco, colhido no dia:

Nos primeiros anos você tinha que lutar muito com a praça, primeiro até para convencer a praça que você existia, nem sempre todo mundo conhecia que existia o Globo Rural diário. O primeiro momento era convencer a equipe que trabalhava com o pensamento em um programa semanal a urgência das matérias para o diário. O repórter tem que parar o que está fazendo e ir lá e fazer para a gente colocar no ar amanhã. Ele estava acostumado a receber um pedido para o domingo e saber que tinha dois, três dias para produzir e mandar o material. E quando surgiu o diário, esse mesmo repórter tinha que fazer o material para o dia e não podia perder muito a qualidade naquilo que ele estava preparando.

Afinal, cerca de 95% das reportagens exibidas pelo Grud são realizadas pelas afiliadas. Os outros 5% ficam por conta de Brasília, de eventuais matérias que são feitas com a equipe do GRU e pelas chamadas do programa de domingo, exibidas todas as sextas-feiras.

Se a pauta foi oferta da praça, um simples retorno da aprovação dela e as orientações sobre o encaminhamento já colocam parte da equipe no processo de fabricação da matéria. Caso seja uma sugestão da redação de São Paulo, cabe enviar uma pré-pauta, com as informações gerais e os pedidos específicos, explicando como a reportagem pode ser conduzida.

Esse contato é feito com a produção das praças. São os produtores locais que descobrem os personagens e marcam as entrevistas. As orientações são

²⁴ Em entrevista à autora em 28/06/2010. Ver Anexo 2.

repassadas para os repórteres, que saem a campo. A pauta final, assim como a equipe de reportagem, são responsabilidades dos profissionais das praças. Mas quando o assunto é complicado, essa parte do processo também é orientada pelos jornalistas do Grud. E “assuntos complicados” normalmente referem-se a pautas de mercado. Tanto faz se do boi, café, soja, milho ou trigo, cada um tem os seus meandros de comercialização. A negociação, em geral, depende de oferta e demanda mundial. E essas conjunturas não são acompanhadas pelas praças.

Temas cotidianos no Grud nem sempre estão nos telejornais locais, por isso é muito comum um repórter sair para cobrir uma pauta de mercado de café, por exemplo, sem ter noção da importância dos estoques internacionais na formação do preço da saca no comércio regional. Nesses casos, em que a visão de conjunto é determinante para o entendimento do repórter, os produtores da redação paulista acompanham o trabalho do repórter desde o início. Conversam e discutem com ele o passo a passo da reportagem. Mesmo assim, nada é garantia de que houve comunicação.

O resultado depende de uma série de fatores, entre eles, a afinidade e o repertório do repórter com o assunto e a linguagem do programa. Já é sabido que as redações priorizam os factuais e as abordagens urbanas, por conta da concentração da maior parte do público destinatário dos telejornais regionais e locais. E é fato que o repórter está mais familiarizado com esse cotidiano. Como o Grud tem atenção e foco na esfera rural, os envolvidos na elaboração do material nas praças têm a missão de enfrentar tal dificuldade. E como chegar a esse consenso? Há alguns anos, o editor Benê Cavechini escreveu uma espécie de apostila, detalhando conceitos econômicos, explicando qual a abrangência dos dois programas, como deve ser o ritmo das edições e dando dicas como o uso de roupas adequadas. Pode parecer óbvio, mas não é difícil receber matérias em que o repórter foi a uma lavoura de terno. Ele deve ter feito uma reportagem em que precisava estar vestido de uma maneira mais formal e foi direto para o campo realizar outro trabalho. O problema é que não teve o bom senso de tirar o paletó e a gravata para combinar com o cenário mais simples e despojado.

Esse documento é enviado com regularidade aos repórteres e editores das emissoras. O problema é a alta rotatividade dos profissionais nas redações. Quando está mais familiarizado com as características da linguagem do GRU e do Grud, grande parte desses profissionais é deslocada para outras funções ou muda de emissora. Mesmo assim, ao longo dos anos, alguns jornalistas, que o editor-chefe Humberto Pereira costuma chamar de “heróis do Globo Rural”²⁵, construíram vínculos e são assíduos no programa.

Outro aspecto que influencia o produto final, além do domínio das características que dão identidade ao programa, é o tempo disponível para gravar a reportagem. É comum o repórter ter de cumprir duas ou três pautas no mesmo dia. E ir ao campo demanda tempo e disposição para se relacionar com mais calma com as pessoas. Dentro da propriedade, alguns aspectos também evidenciam a proximidade do repórter com o telejornal: a percepção e o trato com o entrevistado e o mundo que o rodeia. Boa parte das reportagens apenas relata os fatos, descreve o ambiente e trata com distanciamento o andamento da vida voltada para as questões agropecuárias. Dependendo do tempo disponível para a gravação, nem há espaço para que isso aconteça; fica mais difícil criar um vínculo maior com a linguagem própria do campo, quando a equipe ainda precisa dar conta de outras reportagens para o próximo jornal local. E esse é um dos grandes entraves para a qualidade das matérias.

Nesse sentido, a conversação com a praça é intensa. Muitas vezes, a maneira de driblar essa questão é pedir que os repórteres já habituados em fazer as pautas rurais sejam deslocados para executar o trabalho. Mas nem sempre isso é possível. As equipes locais precisam cumprir também os pedidos de todos os telejornais regionais e da rede.

Essa mesma urgência em dar conta do prazo também preocupa o editor da matéria. Apesar de algumas emissoras manterem um núcleo especial para atender aos jornais de abrangência nacional, os chamados editores de rede

²⁵ Termo muito usado na redação do Globo Rural para tratar alguns repórteres das emissoras afiliadas que há tempos frequentam o jornal e dominam a linguagem do programa. Alguns exemplos: Solange Riuzim, de Maringá, no Paraná; Andressa Missio, de Cascavel, também no Paraná; Marcos Teixeira, de Teresina, no Piauí; e Sidnei Pereira de São Luís, no Maranhão.

também carregam essa atribuição em conjunto com os afazeres das edições locais e regionais. É nesse contexto que eles trabalham as matérias que serão encaminhadas para a redação de São Paulo. Muitas vezes, só depois de o jornal ser colocado no ar é que eles vão assistir ao material, decupar (escolher os trechos da gravação que serão usados) e montar a reportagem, combinando o texto do repórter com as entrevistas e as imagens. Depois disso, enquanto os editores de imagem fazem o acabamento, os editores de rede elaboram a página com as informações para o texto de apresentação, os créditos dos entrevistados e da equipe técnica e as notas de retorno de empresas, autoridades, enfim, das partes que foram citadas na reportagem, mas não foram entrevistadas. Depois de pronto, tudo é enviado para o Grud. Normalmente o material tem de chegar à redação central, em São Paulo, até a uma e meia da manhã, quando ainda há técnicos disponíveis para receber a geração.

2.8 Edição e espelho

Durante os dez primeiros anos, três editores colocaram o Grud no ar. Com o aumento do jornal, em dezembro de 2010, a equipe ganhou mais um reforço: a editora Mariana Romão. No fim da tarde, a função desta pesquisadora, e agora também da Mariana, é receber e dar acabamento ao material, com a ajuda do editor de imagens Roberto Caiado. Isso significa, em primeiro lugar, checar os dados apresentados pelo texto do repórter. É comum o jornalista receber a informação do agricultor e dos técnicos das agências de assistência agropecuária e não apurar a precisão dos dados, cruzando essas informações com dados oficiais, divulgados por órgãos especializados das Secretarias Estaduais de Agricultura e de vários Ministérios Federais. Outro problema muito constante é o erro de medidas, também conhecida entre os jornalistas como a síndrome dos zeros. O repórter fala em mil toneladas, e os números mostram milhões de toneladas ou ao contrário. Também não é raro confundir toneladas com sacas, área plantada com produção, alqueire com hectare. Quando o raciocínio requer conta, é ainda mais complicado. Porcentagens equivocadas representam grande

parte da divulgação de informações incorretas. A todo instante, nos deparamos também com o “município maior produtor de melancia”, “maior produtor de orquídeas”, e assim por diante. Como em muitas culturas isso é de difícil comprovação, é sempre melhor evitar tais expressões.

Matérias técnicas, que envolvem doenças nas lavouras ou de animais, e até mesmo assuntos mais leves como o nascimento de ovelhas quadrigêmeas, exigem apuração especializada, o que implica fazer uma entrevista com os consultores do programa. Nesses casos, não dá para esperar a reunião semanal do GRU. Como a dinâmica do jornal diário é diferente, essas apurações incluem telefonemas, às vezes, tarde da noite, para o agrônomo Chukichi Kurosawa e o veterinário Enrico Ortolani. Quando a reportagem é factual, não há o que fazer.

Outra atribuição dos editores que entram no horário vespertino é entrar em contato com o repórter e entrevistado do link para fechar a angulação das entrevistas. É na conversa com o entrevistado que é possível priorizar alguns aspectos que serão detalhados na reportagem ao vivo. Geralmente a equipe chega à redação, pega a pauta e parte para o local do link, na maioria das vezes, localizado em área rural, o que representa viajar. O mesmo ocorre com vários entrevistados. Já houve caso de viajarem mais de 100 quilômetros para chegarem ao local marcado pela equipe. Como o repórter terá pouco tempo para apurar informações e estabelecer uma linha de raciocínio com a fonte, esse trabalho já tem que estar encaminhado. No diálogo com o repórter, a maior preocupação é contextualizar a situação e esboçar o tom que a redação espera que é a reportagem “ao vivo”.

O trabalho operacional também inclui acertar os créditos nas páginas, com o tempo das sonoras, verificação das artes que já estiverem prontas e a elaboração da cabeça e do pé da matéria, ou seja, o texto lido pelo apresentador do jornal quando o apresenta e após o encerramento da reportagem. Faz parte do estilo do Grud, assim como também do GRU, sempre ter uma informação para concluir o assunto.

Quando os editores da madrugada, encarregados de colocar o jornal no ar, chegam, começam a afinar e harmonizar o jornal. O trabalho deles inclui

determinar a disposição em que as matérias serão exibidas, editorializar o jornal, checar se houve mudanças nas informações meteorológicas, harmonizar os diálogos entre a apresentadora do jornal e a apresentadora do tempo. Somente em casos excepcionais, factuais que se desenrolam ao longo da madrugada ou reportagens que precisam ser atualizadas, como no caso de ocupação de prédios públicos, protestos, bloqueios de rodovias, votações na câmara ou no congresso, enfim, assuntos perecíveis, que necessitam de atualização constante, ainda precisam de apuração direta.

Ao chegar, por volta das 3h da manhã, o editor Sérgio Coelho faz uma ronda pelas agências de notícias para checar se algum fato importante deixou de ter cobertura. Depois escolhe o que será exibido, separa os teasers²⁶ (pequenas chamadas onde o próprio repórter localiza e conta a essência da matéria), elabora os textos da abertura, da escalada (como é conhecido o conjunto de manchetes em televisão) e das passagens de bloco, as chamadas do que será visto no próximo bloco, depois do intervalo comercial, e monta o espelho do jornal²⁷.

O espelho e as páginas constituem o roteiro de um telejornal e funcionam como uma partitura, com nomenclaturas próprias, onde cada técnico responsável por determinada área consegue obter as informações necessárias para colocar o jornal no ar, com o mínimo de margem de erro possível. Cada elemento que compõe o formato do telejornal é transcrito no espelho e, como o próprio nome diz, é ele quem “reflete” a estrutura do jornal na sua fase de produção. Esta “imagem” muda constantemente à medida que surgem novas notícias e só vai ganhar uma forma definitiva após o seu fechamento, quando se transforma no script do programa. (TAVARES, 2008, p. 33)

²⁶ “Teaser é uma pequena chamada gravada pelo repórter sobre uma notícia, para ser colocada na escalada do telejornal. Serve para atrair a atenção do telespectador. O teaser pode ser somente de imagem quando esta justifica por ser exclusiva ou ‘quente’ ou porque chama a atenção do espectador para a matéria que irá ao ar durante o telejornal” (PATERNOSTRO, 2005, p. 225).

²⁷ “O espelho é um quadro feito pelo editor-chefe do telejornal que contém a ordem de entrada das matérias, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Ele possui características especiais e espaços para marcações técnicas de tempo, som e imagem que devem ser obedecidas durante a operação do telejornal” (PATERNOSTRO, 2005, p. 204).

Assim, o pessoal responsável por formatar as reportagens, conforme a disposição escolhida pelo editor-fechador, vai montar o esqueleto do jornal de acordo com o código dos discos que constam no espelho. Da mesma forma, o diretor de TV alinha com o apresentador e os cinegrafistas do estúdio quais movimentos pretende fazer durante o programa. A pessoa que cuida do teleprompter (o equipamento e o programa que disponibilizam no estúdio o texto que será lido pelo apresentador) vai saber qual a ordem em que colocará as notas, cabeças e pés, e o operador de caracteres de identificação vai escrever e soltar na hora exata o nome dos entrevistados, do repórter, do apresentador. Como numa orquestra, em que cada músico faz a sua parte e ouvimos uma sinfonia, colocar o jornal no ar também exige uma equipe afinada.

1	Espeho	GRUD	22/08/2001
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	22/08/2001
3	ESCALADA	GRUD	22/08/2001
4	ABACAXI/PROGRAMA	GRUD	22/08/2001
5	ABACAXIPROGRAMA/PÉ	GRUD	22/08/2001
6	SUDENE/INVASÃO	GRUD	22/08/2001
7	SUDENEINVASÃO/PÉ	GRUD	22/08/2001
8	CHAMA/TEMPO1	GRUD	22/08/2001
9	TEMPO/HOJE	GRUD	22/08/2001
10	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	22/08/2001
11	QUARTA - 22/08/2001	GRUD	22/08/2001
12	COTAÇÃO BALAI0	GRUD	22/08/2001
13	*** PASSAGEM 1 *****	GRUD	22/08/2001
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	22/08/2001
15	MANGARITO/FICHA	GRUD	22/08/2001
16	MANGARITOFICHA/PÉ	GRUD	22/08/2001
17	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	22/08/2001
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	22/08/2001
19	TEMPO/AMANHÁ	GRUD	22/08/2001
20	CHUVA/5 DIAS	GRUD	22/08/2001
21	BOI COTAÇÃO	GRUD	22/08/2001
22	12' 30"/ NO AR 06:28	GRUD	22/08/2001
23	MULHERES/LAVOURA	GRUD	22/08/2001
24	MULHERES/LAVOURAS	GRUD	22/08/2001
25	*** ENCERRAMENTO *****	GRUD	22/08/2001

Espeho Grud – 22/08/2001

Os blocos são separados por intervalos (*breaks*) destinados aos comerciais e chamadas da emissora. Esses intervalos geralmente começam e terminam com vinhetas, pequenas peças musicais que, editadas com o logotipo, identificam o programa.

Os principais critérios para eleger as reportagens que vão entrar na edição são os mesmos dos principais jornais de rede da TV Globo: a factualidade e a abrangência nacional. No andamento das safras, o maior perigo é transportar a problemática de uma realidade local para um cenário nacional não condizente. É comum o Grud receber matérias de queda na produção, mesmo com o anúncio de safra recorde. O granizo pode ter destruído algumas lavouras no norte do Paraná, por exemplo. A emissora fez a matéria e mandou. É fato e será exibido pelo programa, mas, nesses casos, a edição não pode esquecer que o Grud é veiculado em rede nacional, e as perdas no município paranaense, embora tenha grande relevância para a região, não modifica o cenário da safra nacional.

Outro aspecto importante para dar equilíbrio ao conjunto é tentar distribuir geograficamente o maior número de contribuições por região ou estado. É claro que se ocorrerem dois importantes assuntos num mesmo estado, as duas reportagens entram, mas se o assunto não é urgente, a preocupação em diversificar é uma constante.

O texto de abertura, que é lido antes da escalada, e recente nas edições do Grud, passou a ser feito diariamente após o jornal aumentar para vinte e cinco minutos o tempo de produção jornalística. Ele pode repercutir uma decisão do Ministério da Agricultura, falar da seca no Sul, das inundações no Centro-Oeste, da divulgação do PIB Agropecuário. Algum tema mais editorializado, como uma simples nota de economia, é uma decisão do editor-fechador.

Por isso, o editor Pedro Serra, quando chega às 3h30, confere, mais uma vez, os créditos, checa as artes de localização que foram feitas durante a madrugada, os mapas da meteorologia e observa se está tudo certo com os links. O repórter já chegou à redação? A equipe já está a caminho do local escolhido? O entrevistado já se comunicou? A questão técnica também é fonte de preocupação. O sinal está satisfatório, com áudio e imagens aprovados pela central paulista? O repórter está com retorno, ou melhor, está ouvindo a programação que está sendo veiculada para saber o instante exato que vai intervir? Todas essas questões podem inviabilizar a operação. E mesmo com todos esses cuidados ainda há riscos. Na edição do dia 3 de março de 2011, a

repórter Miriam Névola, da praça de Dourados, Mato Grosso do Sul, perdeu o contato com a central no meio da entrevista. Não adiantava pedir para ela agradecer ao entrevistado e devolver para o estúdio. Sem noção do tempo que havia sido combinado, ampliou a entrevista em mais de um minuto. Foi uma correria para derrubar outras notas e reportagens para entregar o jornal no tempo estipulado pela programação.

Assim que chega à redação, entre 4h e 4h30, a apresentadora do jornal, Ana Paula Campos abre o preliu, o roteiro provisório, ainda em construção, e começa a ler e também ajeitar o texto que vai ler. Ela grava o texto da escalada e das passagens de bloco, que serão finalizados pelos editores de imagem Adriano Fernandes e Bruno Daniel, e assiste às reportagens. Às 5h já parte para outro departamento: ajuda a escolher a roupa de apresentação e começa a se aprontar para entrar no estúdio. Ainda passa pela maquiagem, cabeleireiro e 5h50 tem de estar no estúdio para acerto de câmeras e microfone. Desde a estreia, em 2000, quatro apresentadoras passaram pela bancada do Grud. Nos primeiros 3 anos, a tarefa foi da baiana Rosana Jatobá. Entre 2003 e 2008, a apresentação ficou a cargo da mineira Priscila Brandão. A paulista Kelly Varrasquin assumiu por alguns meses, mas a partir de 2009 o jornal passou a ser apresentado pela carioca Ana Paula Campos. Durante as férias de Ana Paula, outros apresentadores como Michelle Loreto, Fábio Turci ou Glória Vanique fazem a apresentação do telejornal.



As apresentadoras Priscila Brandão - Grud 07/4/2004 e Kelly Varrasquin - Grud 02/05/2008

A apresentação das informações meteorológicas também foi exercida por diversos jornalistas: Lúcio Sturm, Evaristo Costa, Flávia Freire, Michelle Loreto e, atualmente, Eliana Marques. Quando chega, ela repassa as páginas e grava o

texto que será coberto com os mapas dos principais acontecimentos do dia anterior, e as previsões do dia e para os próximos seis dias. Ela também grava o texto que será exibido no telejornal Bom Dia São Paulo, programa que entra logo em seguida do Grud e segue o mesmo caminho da apresentadora: vai se arrumar para chegar ao estúdio antes do início do Grud, onde participa dos principais blocos.

A TV Globo tem uma parceria com o INPE, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Os boletins de todos os jornais são escritos com a ajuda de climatologistas, dentro da própria redação. São eles que capturam as “figuras”, que serão representadas com arte. Quando a apresentadora grava, o texto e as imagens já estão ajustados. Depois de montados, são mandados pelo editor de imagens para um servidor, onde ficam disponíveis para o diretor de TV.

2.9 No swichter: o Grud no ar

- Olá, bom dia. São seis horas, pelo horário de Brasília.

Assim a apresentadora Ana Paula Campos começa o Grud, logo depois da vinheta de abertura.

No swichter, que é a sala de controle da emissão ao vivo, estão os editores Sérgio Coelho e Pedro Serra, o diretor de TV, o operador de caracteres, o operador de teleprompter, o coordenador de link, que fecha a comunicação e as condições técnicas das reportagens ao vivo, e o coordenador de programação, que controla o tempo do telejornal. Essa é a equipe de retaguarda do trabalho executado no estúdio. Lá, a apresentadora do jornal, a apresentadora do tempo e os cinegrafistas fazem o trabalho de frente.



As apresentadoras Ana Paula Campos e Eliana Marques – Grud 13/04/2011

A cada bloco o tempo é monitorado. Se for preciso, o fechador retira ou inclui notas, diminui as cabeças e as notas pé. O roteiro vai com o tempo fechado: vinte e cinco minutos incluindo as vinhetas de abertura e encerramento e as passagens de bloco. A maior dificuldade de controle fica por conta dos links, que são imprevisíveis. Podem cair no último momento e aí é preciso incluir mais reportagens, que já estão de prontidão no espelho. Já, quando o repórter estoura o tempo previsto, a operação é inversa. Rapidamente, o comandante precisa retirar conteúdo para se adequar ao tempo. Atrasar a entrega em um minuto pode comprometer toda a grade da programação.

À parte deste aspecto operacional, o programa no ar significa o conjunto do esforço de toda a equipe. É a materialização de todo o planejamento, que começa na reunião de pauta; é marcada pela factualidade e pelos imprevistos, pela apuração dos produtores das praças e da redação em São Paulo, pelo trabalho de campo dos repórteres, o capricho dos editores e a maestria de harmonização do editor-fechador.

3 O CONTEXTO COMPLEXO-COMPREENSIVO

3.1 Da crise do cientificismo a uma visão compreensiva do mundo

A história mostra que o surgimento do telégrafo, na década de 1830, mexeu com os padrões do texto jornalístico. A criação de um parágrafo inicial, que resumisse o relato, o lead²⁸, foi uma adaptação do texto jornalístico ao modo telegráfico de envio de mensagens (FRANCISCATO, 2005). Da mesma forma, as tecnologias mais modernas também influenciam na narrativa contemporânea. Afinal, o jornalista e a empresa jornalística respondem ao ambiente histórico e social em que atuam. Mas independentemente dos meios ou ferramentas que o profissional utiliza para fazer seu trabalho, outro fator também se destaca como preponderante na comunicação: a postura do jornalista como mediador social.

Tão importante quanto pensar se esses processos de trabalho conseguem atingir um patamar de qualidade que atenda às demandas sociais, também é necessário repensar se o sujeito que comanda esses meios e ferramentas renova seu modo de pensar em alguma medida compatível com os avanços tecnológicos externos.

A sociedade ocidental parece responder, em boa medida, a um pensamento que começou a ganhar força no século XVI, época do Renascimento. A humanidade estava saindo das relações feudais, a ciência empírica começava a nascer e pensadores como o matemático e astrônomo Johannes Kepler (1571-1630), o físico e matemático Isaac Newton (1643-1727) e o filósofo René Descartes (1596-1650) inauguraram uma nova maneira de ver o mundo e operaram uma verdadeira reforma no conhecimento. Começava a se pensar que

²⁸ O lead (na forma aportuguesada, lide) é, em jornalismo, a primeira parte de uma notícia, geralmente posta em destaque de relevância, que fornece ao leitor a informação básica sobre o tema e pretende prender-lhe o interesse. Deve ser concisa e responder às principais perguntas na elaboração de uma matéria: "O quê?", "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?" e "Por quê?".

a razão é a única forma segura pela qual o conhecimento do mundo pode ser obtido.

O racionalismo, em particular a visão formulada por Descartes, ressaltava a possibilidade de se alcançar a verdade com a aplicação de um método que passou a ser amplamente aceito pela ciência. Pelo pensamento cartesiano, primeiro é necessário duvidar de todo o conhecimento acumulado anteriormente sobre o assunto. Com o exercício da dúvida, surgiriam novas questões, que seriam explicadas pela experimentação e a observação.

As novas conclusões elaboradas deveriam, dessa maneira, compor um conjunto de leis que pudessem esgotar todos os aspectos que se relacionam com a compreensão do objeto. À medida que se mostrassem eficazes, essas leis comprovariam a tese elaborada por um estudioso. (SOUZA, 2010).

O caminho da dúvida, a experimentação e a formulação de leis influenciaram os preceitos racionalistas do Iluminismo no século XVIII. Diversos intelectuais pensaram as instituições políticas, as relações sociais e a economia pelas concepções de verdade e razão. Do mesmo jeito que Kepler e Newton conseguiram racionalmente teorizar leis físicas, pensadores como Montesquieu e Adam Smith pensavam ser possível compreender e apontar os princípios das instituições humanas. O funcionamento da sociedade passou a ser dissecado da mesma forma que a natureza. Assim, a sociedade ocidental passou a ter uma percepção de mundo que está relacionada a uma visão que realça o saber científico como verdade que rege o modo de viver da modernidade.

Em simbiose com a cultura científica, que especializa e fragmenta, fomos educados a separar e a isolar as coisas. Na escola, em casa, no trabalho. Nossa mente compartimentada, em grande medida não contextualiza. A linguagem do mundo é a lógica. E é essa condução do pensamento que passou a ser revista com vigor nos últimos anos na comunidade científica e acadêmica.

Entre os intelectuais que desafiaram e enfrentaram o cientificismo, o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin se destaca no esforço de religar, contextualizar e abarcar pontos de vista diferentes, e até mesmo antagônicos,

numa construção narrativa dialógica, em que a tentativa de compreensão da complexidade do todo tem lugar significativo.

Morin (2001; 2008) propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento. Para ele, a complexidade está no mundo, na vida cotidiana, em todas as coisas. Mas para alcançar essa dimensão, como ele diz, é necessário modificar as estruturas de pensamento que de modo inconsciente conduzem o discurso humano.

Ao instaurar a incerteza, questionar os discursos prontos, lidar com versões diferentes e abrangentes sobre os fatos, Morin nos convida a lidar também com chaves mentais que nos acorrentam a um formato estanque de se posicionar. Não adianta apenas adquirir conhecimento para lidar com novos produtos disponíveis para processar informação.

Navegar pelo pensamento complexo implica ter a coragem de desconstruir um pensamento instaurado e inaugurar outro tipo de racionalidade, um estado de percepção renovado que integra a razão a outros saberes. Esse desafio, transportado para a esfera da comunicação, instiga os profissionais a tentarem trabalhar com a diversidade de opiniões, saberes, ângulos, entendimentos, tempo e espaço, de modo que seja possível criar novas tessituras, outras conexões.

A noção de que o mundo não pode jamais ser visto sob uma única ótica e que o pensamento humano escapa a simplificações e linearidades tão caras aos procedimentos científicos representa avanços tecnológicos do conhecimento, na medida em que renova o olhar do sujeito produtor desse conhecimento.

3.2 Filosofia do cotidiano

O sociólogo francês Michel Maffesoli também acredita que a vivência da contemporaneidade, ora em construção, implica compreender e superar os códigos mentais aos quais fomos expostos desde a infância. E passar da teoria à prática requer reflexões e exercícios que tentem quebrar a forma do pensamento

que está emoldurada em praticamente todas as relações do cotidiano. Perceber o fantástico do dia a dia, o extraordinário quadro ético e estético da realidade, é o tema central de sua obra.

Considerado um dos fundadores da filosofia do cotidiano, Maffesoli (2007b) transporta para o estudo da ciência social as propostas de pluralidade e constrói uma sociologia compreensiva, que abarca o passado para atualizá-lo, extraindo da história os símbolos para entender o imaginário coletivo do presente. Para ele, as mudanças de valores que a sociedade experimenta neste início do século XXI nada mais são do que a mutação natural, quando acontece a troca de comando de uma sociedade. É nesse sentido que ele sugere a convivência entre a razão, emoção e intuição para dar conta da transição de uma sociedade altamente racionalizada para o exercício do seu oposto: uma sociedade reemocionalizada.

Ele aposta no novo para dar consistência ao que chama de reencantamento do mundo, um estado de percepção rejuvenescido onde são bem-vindos a identificação plural, a comunidade, o grupo e a exposição pública em contraponto à individualidade, à privacidade e ao anonimato.

A sociologia compreensiva de Maffesoli incentiva o pesquisador a “colocar-se no caminho”, buscando a profundidade que se encontra na superfície das coisas, investigando o cotidiano. Significa reavaliar o jeito de proceder para chegar a um conhecimento que dialoga com o plural, incluindo, com destaque, o senso comum: “o universo onde a humanidade habita”. Uma sociologia do presente, em constante diálogo da memória com a atualidade e onde se bebe na fonte do cotidiano.

Assumindo essa postura dialógica, o sociólogo francês oferece novos parâmetros para a elaboração de um pensamento compreensivo que, estendido a outros campos de ação, também abre perspectivas que ajudam a compreender melhor os paradoxos da era da informação e da comunicação.

Para Maffesoli, a comunicação é laço social, serve de “cola do mundo”, desperta o sentimento de proximidade, une as pessoas, toca no imaginário social,

na sensibilidade coletiva. Vai além da técnica, do uso de novas tecnologias e da divulgação de bens simbólicos ou de informação em seus sentidos utilitários.

O pensamento de Maffesoli aponta para uma comunicação onde o “colocar-se em relação” quer dizer abertura para a mistura e convivência com pontos de vista antagônicos. Para apreender melhor o espírito do tempo atual, em *O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva* (2007), esse sociólogo francês discute cinco pressupostos que acredita serem alavancas para a reflexão epistemológica que irá desembocar no entendimento de uma razão sensível a outras influências, universo teórico do pensamento compreensivo.

O primeiro pressuposto é o da ruptura com o que ele chama de *dualismo esquemático*, o signo do olhar simplificado, que geralmente desenha o raciocínio em dois ramos. Perdemos muito quando enquadramos o mundo em certo e errado; em preto e branco, em bem e mal. Instalada no fazer jornalístico, a dicotomia provoca uma atrofia do conhecimento que prejudica a amplitude necessária para uma análise mais elaborada na criação de significados para a atualidade. Reduzir a cobertura dos fatos a “dois lados” é cercar e reduzir a possibilidade de interpretação dos acontecimentos.

No segundo pressuposto, *a forma*, o autor defende a necessidade de se recorrer a um recorte específico para dar relevo à variedade dos fenômenos sociais e deixa claro que *a forma* a que se refere tem a representação formante e não formal. A proposta do sociólogo é conjugar o especulativo com o “formista” – no sentido de “condições de possibilidades”, numa tentativa de valorizar o minúsculo, o particular, sem negligenciar as características essenciais. Para Maffesoli, essa atitude representa um elo que une os diversos saberes. E dentro das preocupações epistemológicas da comunicação, saber ligar, estabelecer conexões, mais ainda: conjugar, costurar a diversidade, preservando as características essenciais do particular, permite produzir novo sentido. Um contexto que permite driblar o universo mecanicista, que responde ao factual simplificado.

Maffesoli se diz um relativista, aquele que se põe em relação, quando apresenta seu terceiro pressuposto: *a sensibilidade relativista*. Ao propor uma

sociologia aberta, apta a integrar os saberes especializados, valoriza o conhecimento plural e luta contra certezas que reduzem a compreensão do todo. Reforça que não apresenta verdades, mas proposições de entendimento. Afirma que não é neutro, apenas defende a harmonia conflitual, prefere o dissenso e a possibilidade da convivência com o brilho de várias estrelas, o que chama de “constelação societal”.

Com efeito, considero que a variabilidade e a pluralidade dos sistemas de organização e representações sociais têm sua base, justamente, no aspecto fragmentado, plural, coletivo e polifônico do corpo social. As histórias humanas nos mostram a sociedade que não chegamos nunca a unificar, a uniformizar, a reduzir a diferença. (MAFFESOLI, 2007b, p. 84).

Além de lançar luz à variedade de vozes, a sensibilidade relativista também é suporte para a reflexão sobre a relação entre sujeitos, grande desafio epistemológico na área da comunicação: “o olhar a partir de”, que permite que a relação entre sujeito e objeto se estabeleça de maneira mais democrática. Também falaremos com mais profundidade sobre esse aspecto mais adiante.

No quarto pressuposto, *a pesquisa estilística ou o saber-dizer*, Maffesoli reflete sobre o equívoco dos discursos distantes do senso comum, da banalidade social. Em paralelo ao exercício do jornalismo, seria o perigo da reprodução dos “discursos estereotipados”. Também emerge a constatação de que não existe a “melhor” maneira de narrar a contemporaneidade, diante do grande leque de possibilidades que se apresenta a quem está atento e plugado com a diversidade de vozes e leituras de mundo. Condições que reforçam a possibilidade da criação de trabalhos autorais.

O *pensamento libertário*, quinto pressuposto da obra, trata da subjetividade, da parcialidade. É quando Maffesoli observa o viver social contemporâneo com compreensão, retirando o julgamento moral das análises. E, ver a história sem julgar não significa negar a parcialidade, como se fosse possível separar o homem de sua obra, ocultar as influências e as crenças individuais. Apenas sugere respeito e tolerância, ao permitir que outros valores,

culturas e interesses também ganhem tempo e espaço na esfera da comunicação.

Conhecer as teorias e propostas de transformação, porém, não é suficiente para o jornalista alterar a percepção e, assim, de imediato, como num passe de mágica, promover mudanças profundas no desenvolvimento da produção.

Fruto de um ensino voltado para atender à demanda de mercado, onde se valoriza uma comunicação dita eficaz e que acompanha a velocidade na produção de informação, o comunicador muitas vezes executa seu trabalho apenas preenchendo as lacunas de um receituário elaborado previamente de acordo com o treinamento que recebeu e reconhece como a melhor maneira de traduzir a realidade.

Uma das correntes do pensamento comunicacional de grande influência na prática profissional jornalística é a abordagem empírico-funcionalista, que surgiu na década de 1920 e se fortaleceu com a defesa do princípio da liberdade de informação e do liberalismo econômico. Exponente dessa teoria, Harold Lasswell (in COHN, 1978) definiu que o “ato de comunicação” se faz ao responder a cinco perguntas básicas: quem; diz o quê; em que canal; para quem; com que efeito?

Com essa fórmula, Lasswell criou um padrão que alcançou enorme sucesso público. Ao explicitar que a mídia faz parte do “todo social”, ele ajudou a consolidar a teoria funcionalista dos meios de comunicação e colocou em evidência funções essenciais, como a transmissão de cultura, a herança social e as relações entre os integrantes da sociedade através dos meios de comunicação de massa. A partir da década de 1960, os funcionalistas direcionaram seus estudos para os conteúdos e efeitos da comunicação e permaneceram exercendo grande influência nos grandes grupos de imprensa e comunicação, especialmente nos países onde os estadunienses foram inspiradores, como o Brasil.

Assim como o conceito do lide no jornalismo, essa corrente foi amplamente assimilada pelas escolas brasileiras de comunicação, cuja formação é basicamente tecnicista e elaborada para atender à demanda das empresas de comunicação do país. Ainda hoje esse direcionamento é transmitido para grande

parte dos futuros profissionais, como a melhor e senão a única maneira de se fazer comunicação com competência no país.

Ainda são poucas as experiências acadêmicas que atravessam os códigos estabelecidos pelo mercado e que se preocupam em provocar questionamentos e estudos de uma linguagem mais dialógica, que converse com as diferentes formas de vivências e entendimentos da sociedade. Nas últimas duas décadas, entretanto, experiências em algumas universidades brasileiras têm demonstrado que o pensamento comunicacional brasileiro também está sintonizado com as concepções intelectuais mais arejadas no campo das ciências humanas. Ao colocar em ação premissas que levam para o cotidiano dos estudantes a adoção de outras posturas no fazer técnico, com o intuito de fortalecer "elementos criativos", esses espaços passaram a interferir na produção cultural contemporânea.

Os laboratórios implantados pela professora Cremilda Medina, na década de 1980, na Faculdade de Jornalismo da Universidade de São Paulo, e pelo professor Edvaldo Pereira Lima, na Universidade de Uberaba, Minas Gerais, na década de 1990, são bons exemplos de ações que adotaram a re-humanização das pautas e a reavaliação na atuação do profissional comunicador na relação com o objeto da narrativa.

No entendimento de Medina (2008), a prática jornalística ganha novas cores e eficiência ao se encontrar com diferentes formas de narrar o mundo. A pesquisadora destaca que é preciso rever posturas no exercício de ir ao outro, fundamento do trabalho jornalístico. Inspirada na filosofia do diálogo e das relações, do filósofo Martin Buber (1878-1965), Medina destaca que o grande desafio epistemológico na área da comunicação é conseguir alterar o *olhar a partir de*. Nesse sentido, ela sugere que a relação entre sujeito e objeto, entre jornalista e fonte, se estabeleça de maneira mais democrática.

Na experiência cotidiana, a sensibilidade afetiva pode ou não despertar uma racionalidade analítica, complexa, que, por sua vez, produz a ação transformadora. O domínio do processo interativo, entre emoção, razão e ação acontece intersujeitos, e

não mais na ilusão cientificista sujeito-objeto (MEDINA, 2008, p. 62).

A pesquisadora aponta que, para a concretização desse processo, é necessário que o comunicador social esteja atento e pronto para desempenhar sua função de mediação de maneira mais aberta, de tal modo que seja possível alinhar diversos pontos de vista e vozes na tentativa de se construir novas informações, outras possibilidades de observação da realidade. É o que Medina (2006) assinala como *o signo da relação*, ou seja, a percepção diferenciada que permita ao jornalista e à sociedade captarem a polifonia (múltiplas vozes), a polissemia (múltiplos significados) e os signos que emergem da realidade social que permeia a notícia.

É fácil perceber as múltiplas conexões entre essas ideias e o pensamento de Martin Buber, filósofo nascido em Viena em 1878. Ele aprofundou o universo da existência ao refletir sobre o relacionamento entre seres humanos, o homem e a natureza, o homem e Deus.

3.3 A filosofia da relação, do encontro e do dialógico

A meditação de Buber se estrutura na fenomenologia da relação, ou melhor, na observação voltada para as coisas, mesmo sem juízo lógico, para se verificar que tipo de conhecimento produz. É um esforço para se compreender o mundo por meio do mergulho no outro, na dialogia social, no inter-humano.

Dessa forma, ele se opôs à corrente então em voga da filosofia clássica, no início do século XX, centrada no indivíduo, na identidade do homem, no interno. A filosofia de Buber se baseia nas relações, no autoconhecimento vinculado ao externo. A ética é indissociável de seu pensamento. O encontro entre Eu e Tu nunca pode ser o de ideias ou objetos, mas de um sentido que leva a uma transformação. Essas ideias são formuladas nas suas principais obras *Eu e tu* (2008) e *Do diálogo e do dialógico* (2007).

Uma das principais fontes de inspiração para a filosofia buberiana é o hassidismo, movimento que promoveu uma radical transformação na vida comunitária judaica baseado na ideia de um misticismo para o homem comum. A oração, para seus adeptos, não poderia ser apenas um ritual, as palavras deveriam ser pensadas e sentidas e levar ao diálogo com Deus, a uma experiência com a divindade. Ele teve contato com essa maneira de vivenciar o mundo ainda na infância, o que marcou toda a sua obra.

Buber se distanciou do formalismo de doutrinas e modelos teóricos da sua época. Tentou um voo mais alto ao extrair desses ensinamentos o encontro do homem com Deus para transcender as coisas materiais. Ele também rechaçou a ideia de uma coletividade social formada apenas por vínculos externos, como propõem as ciências positivistas. Para o autor, o sentido de coletividade é de um grupo em que, mesmo ligado por um objetivo comum, seus indivíduos se relacionam entre si. “O homem é antropologicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana”, diz ele. (BUBER, 2007, p. 108)

As múltiplas relações de que o homem é capaz são resumidas em duas palavras-princípio, na sua ótica: “Eu-Tu” e “Eu-Isso”. São posturas que definem as atitudes do homem diante do mundo, diante do outro.

Como a existência se baseia nas relações, não existe o Eu isolado, mas somente o Eu de uma ou outra palavra-princípio. No universo do Isso, o homem vive as relações do mundo objetivo, funcional. O outro serve a algum fim. Já quando trata do universo pessoal do Tu, a palavra recebe a resposta, há uma troca, estabelece-se a reciprocidade, a dialogia.

O filósofo austríaco reforça a ideia de que o homem não é apenas razão e de que o saber independe de fórmulas preestabelecidas pela cultura vigente. Dessa forma, rompe com as limitações entre o interno e o externo, derruba as barreiras do preconceito político, para construir uma visão integrada do ser humano baseada numa antropologia social.

Não são as ideias e a moral que importam, e sim a experiência concreta. Essa condição traduz o grande desejo do autor: nada deve ficar restrito apenas à ação contemplativa. Ao contrário, a ação deve contribuir para uma ética capaz de fomentar a paz mundial.

Por sua abordagem dialética, a obra de Buber pode ser interpretada como uma crítica à comunicação das linguagens contemporâneas centradas no instrumental. O autor trabalha com a epistemologia da relação entre o Eu e o Tu, mergulhando num universo quase ignorado pelo jornalismo convencional.

Ao buscar esse aprendizado em Buber, Medina percorreu um caminho que permite driblar respostas ao factual simplificado e ir ao encontro do *signo da relação*, que além de lançar luz à variedade de vozes, também questiona a relação entre sujeitos.

3.4 Signo da relação

Medina defende que o jornalista deve rever seu posicionamento diante dos acontecimentos e da forma como processa a informação. Se o trabalho do jornalista é recolher informações e reordená-las com nexos, de maneira que sejam entendidas por parte da sociedade, a proposta é reposicionar o campo de visão do comunicador e assim ampliar as possibilidades de conexões que permitam produzir algo novo e transformador.

Mas como alterar a maneira tradicional da produção jornalística? Como inserir as teorias na vida diária?

A pesquisadora reconhece que boa parte da grande imprensa trabalha a notícia na superfície dos acontecimentos, sem grandes reflexões acerca do antes e do depois dos fatos. No rolo compressor dos prazos, resta pouco tempo para se discutir a importância da mediação entre a informação e a sociedade.

As técnicas de trabalho – as que informam o aprendiz de jornalismo – pecam por esquematismo tanto no que se refere às

decisões éticas quanto à inventividade estética. Aplica-se o modelo mental *quem, o que, quando, onde, como e por quê*, equaciona-se a notícia por um *lead* sumário “abertura de matéria jornalística” e narra-se um fragmento da história por meio da pirâmide invertida. Estão aí as agências de notícias internacionais que consagraram as fórmulas. No entanto, qualquer situação-limite da humanidade provoca nos jornalistas lúcidos e nos analistas uma angustiada reflexão a respeito das insuficiências da herança e da modernização técnica e tecnológica. De acordo com parâmetros éticos universais, esta gramática jornalística não dá conta das demandas coletivas (MEDINA, 2003, p. 36).

O processo de produção jornalística ganhará nova configuração, para a pesquisadora, à medida que o jornalista perceber que a comunicação se faz por meio das relações. Da mesma forma que Buber sugeriu uma reviravolta nas atitudes do homem com a sociedade, a natureza e a divindade, focada nas narrativas da contemporaneidade, Medina propõe que o jornalista precisa reavaliar suas posturas, a começar pela maneira com que se relaciona com a própria profissão, como produtor de sentidos.

Buber coloca a premissa “Eu-Tu” como princípio para a dialogia. Nesse mesmo caminho, Medina questiona o olhar do jornalista que se mantém distante dos acontecimentos e propõe o princípio “sujeito-sujeito”, para abrir o caminho de ele se posicionar como sujeito e olhar o mundo com outros sujeitos, de igual para igual. É o que ela chama viver sob o *signo da relação*, outro pilar de orientação, para esta autora, na análise das reportagens do Globo Rural diário.

Reposicionado e com melhor ângulo para reconhecer e entender a vastidão da realidade que o circunda, Medina acredita que o jornalista está em condições de ter uma percepção mais apurada de construir narrativas que correspondam às demandas sociais da atualidade.

Talvez os jornalistas, para se tornarem dignos de serem eles próprios autoresmediadores, tenham que percorrer os subterrâneos da sensibilidade coletiva. Como repórteres ressensibilizados por personagens da poética, renovam a competência para compreender os protagonistas da trama social contemporânea (MEDINA, 2006, p. 87).

Outro tópico do universo do *signo da relação* diz respeito ao olhar a partir da ideia de causa e efeito, herança de um paradigma sobre o qual já se falou neste trabalho. A pauta já nasce na redação com a deficiência do olhar, objetivada para um fator único dos fatos. Há um entendimento geral de que, se o assunto merece destaque na mídia, certamente foi provocado por uma causa determinada. O repórter, quando se aproxima da pauta, também já produziu deduções que o impedem de absorver as múltiplas possibilidades que compõem a realidade. Parte desse círculo viciado, ele busca as informações já contaminado e conversa com os envolvidos, buscando o que espera ouvir para ilustrar sua tese. Fechado para a novidade, o jornalista carrega preconceitos, opiniões e clichês que o impedem de perceber a complexidade dos fatos, as subjetividades presentes no cotidiano e, assim, se abstém de criar conexões diferenciadas, se distanciando da vida real.

Estabelecer diálogos entre os diversos segmentos da sociedade se instala entre os principais desafios do jornalismo no início do século XXI. Tecnologias encurtam distâncias e permitem interações cada vez mais velozes. No entanto, é prática comum as informações serem tratadas de maneira fragmentada e simplista. Recortando uma parte do todo, a exemplo da cultura científica, que especializa e fragmenta para analisar, os fatos parecem surgir sem a necessidade de uma relação entre o tempo presente, o antes e o depois. Tudo é presente, imediato e, ao mesmo tempo, instantâneo, efêmero. A notícia mais importante dura apenas até a próxima manchete.

Seguindo esta linha de raciocínio, o mundo da mídia valoriza, principalmente, as declarações de especialistas. Medina diz que, quando a ciência se fortificou com as especializações técnicas e tecnológicas, solicitou ao jornalismo para traduzir os dados e descobertas que os cientistas julgavam que deveriam abrir para a comunidade. Então, os comunicadores foram praticamente treinados para divulgar o que estava sob controle do saber científico. Ao mesmo tempo, foram se especializando em determinados temas.

O paradigma objetivista do século XX estaria então integrado ao jornalismo científico. E somente as fontes emissoras legitimadas neste poder – ou seja, a solução técnica para o progresso do

homem – conquistam espaço nos meios de comunicação convencionais (MEDINA, 2006, p. 11).

Estaríamos, desde então, sob o *signo da divulgação*. Mais uma vez o progresso da ciência, por meio das estratégias da divulgação científica, marcou a ruptura do saber especializado com o saber comum. Uma reviravolta neste contexto, segundo a pesquisadora, é a reflexão sobre os limites e as contradições do saber científico, sob a ótica na realidade humana e o meio ambiente humanizado. É a prática do que ela denomina epistemologia pragmática, condição necessária para transitar do *signo da divulgação* para o *signo da relação*.

A reconfiguração do modo de produzir narrativas jornalísticas abrirá espaço, então, para a construção de narrativas aptas a apreender a polifonia e a polissemia do humano e do social.

Medina propõe a implantação de laboratórios epistemológicos que exercitem essa dialogia atrofiada pelas práticas diárias, que impõem esquemas e receitas como resposta à pressão pela rapidez na produção. Quando as universidades inserirem no aprendizado oficinas que questionem as posturas do fazer jornalístico que apenas valoriza o factual, ela acredita que haverá uma transformação significativa na produção jornalística. Dessa maneira, o futuro profissional poderá vislumbrar a possibilidade de exercer seu papel sem ignorar um contexto mais abrangente dos fatos.

Se a dialogia está no centro de formação profissional de comunicação, em particular do jornalista, as ferramentas mentais, aptas a compor a polifonia e a polissemia em diagnósticos abrangentes constituem eixos pedagógicos a serem problematizados em laboratório (MEDINA, 2009, p. 224).

O comunicador social, mais atento e pronto para desempenhar sua função de mediação, de maneira mais aberta e arejada, vai conseguir alinhar diversos pontos de vista e vozes na tentativa de construir novas informações, outras possibilidades de observação da realidade. E, como consequência deste diferencial, vem a possibilidade da produção autoral. O sujeito que se deixa afetar pelas subjetividades e multicausalidades dos acontecimentos tem a curiosidade

de situá-los no tempo e espaço. Contextualizando seu recorte da contemporaneidade, tem mais chances de apresentar, sem ferir os preceitos do jornalismo, as idiosincrasias inerentes da sua vivência nas narrativas que mediam as diferentes maneiras de entender.

É o que Medina assinala como contraponto ao que chama de *signo da divulgação*, onde a prioridade é “explicar”. Atitude que, muitas vezes, evidencia as limitações do pensamento fragmentado e dualista, que em grande medida cerca a prática profissional e produz um jornalismo que tem o compromisso de informar, é certo, mas pouco preocupado em alavancar um entendimento transformador, que evolua para a percepção da complexidade do mundo.

3.5 Jornalismo de transformação

Ao colocar em ação o laboratório de jornalismo literário no curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, na década de 1990, o jornalista, escritor e professor Edvaldo Pereira Lima também conseguiu levar para o cotidiano dos estudantes um grande leque de ferramentas e competências que, aliadas à adoção de outras posturas no fazer técnico, possibilitaram novas formas de narrar o cotidiano.

Lima enfatiza que um jornalismo mais focado em buscar e dar espaço para diferentes olhares e interpretações pode criar sentidos que permitam afetar a percepção do que consideramos realidade. Vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABLJ), ele elegeu o jornalismo literário, especialmente o livro-reportagem, como estrada para se chegar a uma produção que, em diferentes mídias, consiga envolver a audiência e, ao mesmo tempo, levá-la à reflexão capaz de transformar o cotidiano. Ao valorizar as narrativas mais aprofundadas, acredita que o jornalismo tenha mais recursos para oferecer ao público uma melhor compreensão do homem e de seu tempo. Nas palavras de Lima, jornalismo literário é uma modalidade de algumas categorias do jornalismo:

Modalidade de prática da reportagem e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo²⁹.

Na revisão e ampliação do livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008, p. 355-398), baseado em sua tese de doutorado, Lima acrescentou mais alguns princípios filosóficos que, integrados, norteiam a prática do que se convencionou chamar de jornalismo literário. São eles:

- 1 – Exatidão e precisão – Como toda apuração jornalística, o texto produzido por jornalistas literários deve ser criterioso e preciso.
- 2 – Contar histórias – A valorização da narrativa na construção da reportagem.
- 3 – Humanização – Protagonistas e personagens criam pontes, identificações que permitem maior aproximação da audiência com a história.
- 4 – Compreensão – A busca por maneiras diversificadas de ver o mundo, ao ultrapassar estereótipos e mostrar a situação de forma mais inteira, com diferentes óticas sobre o assunto.
- 5 – Universalização temática – Alinhar temas com base no fator humano, aspecto que aproxima interesses porque transita na dimensão dos semelhantes.
- 6 – Estilo próprio e voz autoral – No jornalismo de Grande Reportagem fica impossível desvincular emissor da produção da notícia.
- 7 – Imersão – O autor mergulha no universo de seus personagens, alterando sua própria percepção.
- 8 – Simbolismo – Uso de metáforas e outros recursos de linguagem na tentativa de traduzir o real de maneira mais encantadora e criativa.
- 9 – Criatividade – capacidade de gerar coisas novas, novos sentidos, através da imaginação e das conexões inéditas.
- 10 – Responsabilidade Social – Compromisso com a realidade, pacto de ética do autor com a audiência.

Pela aplicação desses princípios, ele considera possível construir produções que tocam efetivamente o ser humano. Nesse pensamento, um jornalismo apto a integrar os saberes especializados, que valoriza o conhecimento plural e luta contra certezas que reduzem a compreensão do todo, tem o compromisso de revisitar as tradicionais formas de se relacionar com as fontes geradoras de informação.

²⁹ LIMA,.; <http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>. Acesso em 12 set. 2010.

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo (LIMA, 2008, p. 366).

Na obra, Lima (2008) traça também um paralelo com as concepções do psicólogo e professor da USP Dante Moreira Leite, ao pinçar para a comunicação as noções de “pensamento produtivo” e de “pensamento destrutivo” e dá um passo adiante com a ideia do Jornalismo Literário Avançado: o *jornalismo transformativo*. Dante Moreira Leite (in LIMA, 2008) analisou obras da literatura de ficção e mostrou que uma mensagem pode produzir dois tipos de efeitos nos receptores: a obra de arte que trata uma situação dramática ou dela dissecar parte do assunto, identificando um problema, mas sem oferecer solução gera o que ele chama de “pensamento improdutivo”, ou seja, quem recebe a mensagem fica com a percepção de um mundo cruel no qual o ser humano se encontra limitado. Já o pensamento produtivo ou criativo, na visão de Leite, pode ser detectado nas obras de arte que, mesmo focalizando alguma situação difícil da vida humana ou social, conseguem transcender a tragédia e gerar uma força transformadora.

Levando essas concepções para a seara do jornalismo, Lima diz que o jornalismo pode tanto provocar efeitos negativos – como estimular uma comunidade a acreditar em fatos previamente manipulados e a serviço de ideologias – quanto favorecer efeitos positivos, que despertem as pessoas para determinados temas e as façam capazes de alterar a visão de mundo.

Estamos falando do sentido e do significado dos acontecimentos, que a grande reportagem procura discernir para o leitor. Mas esse discernimento é falho, em muitas circunstâncias, transformando-se num pensamento improdutivo, na medida em que cumpre apenas a primeira etapa da descoberta de um sentido real para qualquer fenômeno. Essa primeira etapa diz respeito ao dissecamento crítico do problema. A segunda etapa corresponde ao encontro dos caminhos possíveis futuros do processo que se analisa. A realidade é plurívoca, mas a matéria excessivamente crítica não consegue penetrar nesses sentidos múltiplos, fica

limitada aos que apresentam uma face improdutivo, cáustica (LIMA, 2008, p. 238).

O autor defende o jornalismo interpretativo, com sua capacidade de humanizar a reportagem, e o uso das ferramentas da literatura para colocar em prática a concepção de *jornalismo transformativo*. Para Lima, a produção jornalística surgiu para dar conta das necessidades do homem de entender e saber lidar com o seu cotidiano. E a reportagem só vai exercer um bom serviço de orientação ao leitor na medida em que o jornalista não ignore as alterações nos instrumentos de percepção do mundo.

3.6 Complexidade e Comunicação

A proposta, ao juntar a noção de complexidade à noção de compreensão, é reforçar o que elas têm em comum para, a partir daí, conseguir percorrer o caminho da compreensão, dentro do universo da comunicação e das linguagens, com maior autenticidade. O pesquisador e professor Dimas Antônio Künsch (2009) entende que alguns aspectos da compreensão ultrapassam a ideia original de *complexus*, que na origem da palavra significa tecer e entretecer em conjunto. O termo original *comprehendere* remete ao sentido de juntar, abraçar, integrar.

Künsch alicerça a construção de um saber comunicacional complexo-compreensivo na justaposição entre uma ética cognitiva – que assume e valoriza a heterogeneidade – e, ao mesmo tempo, humaniza a relação entre os sujeitos do conhecimento. Ele aproxima o pensamento de autores modernos, como Bacon e Descartes, ao pensamento contemporâneo de Morin e Medina, ao mesmo tempo que revisita com olhar compreensivo, as contribuições teóricas de filósofos como Heráclito, Epicuro e Parmênides. E aposta na fértil conversa entre o antigo e o novo para se obter resultados práticos na atuação do profissional da comunicação. “O novo e o velho dialogam, os tempos se mesclam ou entrecruzam na sinfonia dos diferentes e não na hierarquia dos desiguais” (KÜNSCH; LAAN, 2008, p. 186), diz dando crédito a Medina.

Ao alinhar a relação entre tempos e espaços diferentes, o pesquisador aponta que a convivência entre as atitudes cognitiva e intersubjetiva permite fazer surgir um modo de ver o mundo com maior inteireza e vitalidade. Sem negar que a vinculação entre sujeitos se faz num território onde a imprevisibilidade, a intuição e os sentimentos também são influentes, a vivência em conjunto com o conhecimento cognitivo pode gerar uma racionalidade mais aberta ao diálogo com a realidade. Já um pensamento construído com base nas certezas traz no bojo a violência ditatorial dos conceitos.

Resulta dessa dupla vivência compreensiva – cognitiva e intersubjetiva – a noção de um saber comunicacional indissociável de uma ética cognitiva, que assume, defende e propõe uma reflexão sobre os sentidos humanos de todo o conhecimento e que assume a passagem do Signo da Explicação, dominante, para o Signo da Compreensão (KÜNSCH; LAAN, 2008, p. 174).

Na visão de Künsch, a passagem do *signo da explicação* para o *signo da compreensão* ganha corpo quando o comunicador rompe com a falsa ideia de que a objetividade advinda da cientificidade é a única maneira de compreensão do cosmos. O pesquisador insiste que a ruptura com o absolutismo do rigor científico, no que diz respeito ao discurso doutrinário e cerceamento das ideias, faz emergir a pluralidade, as multicausas e inúmeras dimensões do humano. A comunicação, então, se torna intelectual e humanamente compreensiva.

Quando o debate avança para o domínio do conhecimento e da epistemologia, o autor atenta que, para além das análises das questões técnicas, que apontam os limites e entraves do fazer jornalístico, também é necessário investigar e refletir sobre o produtor do conhecimento e sua lógica de representação de mundo. Mais que traduzir conhecimento, o tratamento da informação requer, quando se trata de elaborar a comunicação de uma maneira compreensiva, que as instituições e também o sujeito que processa as produções jornalísticas rompam com a obsessão pela explicação e com a visão disciplinar estreita, que condicionam o conhecimento em pacotes. Nesse sentido, Künsch sugere que a conexão entre diferenciadas noções e abordagens do mundo promova uma práxis transformadora na comunicação.

Para o pesquisador, complexa e também compreensiva, a vida não se faz dentro do rigor dos conceitos e da racionalidade científica, da ordem, nem com dualismos, nem com oposições e posturas excludentes. Reflexo desses questionamentos diante dos múltiplos cenários cognitivos e intersubjetivos que permeiam o mundo, a comunicação vai atingir uma ética compreensiva que seja capaz de apreender melhor a contemporaneidade.

A ética da compreensão, no campo da intersubjetividade, refaz a aposta no futuro da humanidade. Em um e outro caso – eis o argumento – a compreensão *faz conhecer*. Possui, portanto, um estatuto epistemológico. Isso quer dizer que a compreensão, tanto no sentido que a torna parceira da complexidade quanto no da intercompreensão e da intersubjetividade, se faz conhecimento e se faz comunicação. A compreensão é, pois, uma episteme, um elemento fundante do ato de conhecer (KÜNSCH, 2007, p. 59).

Simplesmente recortar os fatos sem qualquer preocupação contextual e sem comprometimento com a dialogia significa, em grande parte das vezes, para o autor, contribuir para a incomunicação. Ele argumenta que não só a complexidade, mas também a compreensão reforça a recuperação de sentidos mais humanos e positivos para a comunicação ao ressaltar o vínculo entre pessoas e grupos. Já a incomunicação favorece o distanciamento, pode gerar violência e até a guerra.

3.7 A leitura compreensiva do existente: narrativa e reportagem

Vivia numa tribo uma cobra enorme, a Boiúna Capei, que aterrorizava os índios. Para que a Boiúna não atacasse os índios, o cacique prometeu que lhe daria sua filha Naipi em casamento. A jovem Naipi tinha bom coração e queria salvar a tribo, mas era apaixonada por Titçatê, um valente guerreiro. Quando chegou o momento de Naipi ser entregue à Boiúna, a jovem rompeu em pranto e, de joelhos, suplicou ao pai que não a levasse. Titçatê, cheio de coragem, colocou-se à frente da cobra grande, empunhando arco e flecha. Vendo que era rejeitada pela formosa índia, Boiúna ficou furiosa. Usou seus poderes para transformar a moça numa cachoeira chorosa (as Cataratas do Iguaçu). E o guerreiro foi transformado numa linda planta de flores roxas, que ficou boiando sobre a água. Vendo a forma como o amor dos dois jovens foi destruído, os outros índios encheram-se de coragem.

Atacaram a Boiúna e arrancaram-lhe a cabeça. Como castigo por sua maldade, Tupã ordenou que a imensa cabeça da cobra fosse pendurada no céu durante a noite. E, na forma de Lua, iluminasse o amor de Naipi e Titçatê. (A Boiúna e a origem da lua – lenda indígena³⁰).

Como “começamos”? Qual a origem dos astros, das estrelas, das plantas, do homem? Mais que uma habilidade, contar histórias é uma necessidade para a construção de sentidos. As narrativas acompanham a cultura humana desde a pré-história, com as pinturas rupestres, depois com os relatos orais e, mais tarde, com os relatos escritos. No livro *Técnica de redação e jornalismo: escrever e comunicar*, a jornalista Patrícia Ceolin Nascimento contextualiza a narrativa como decisiva para a humanidade: “Lendas, mitos, parábolas fornecem o fundamento cultural de que o ser humano dispõe para se enxergar neste mundo, como ser de ação, de construtor de sentidos.” (NASCIMENTO, 2009, p. 44)

Ordenamento do real, intimamente ligado às formas míticas do pensamento, as narrativas retratam o imaginário da sociedade e conseguem aproximar os homens, trazer sentido de acolhimento e identificação, senso de pertencimento que os protegem da imprevisibilidade, do caos inerente ao cosmos. Nas palavras de Künsch:

A narrativa, ontem, como hoje, se põe a serviço das forças instauradoras do cosmos, na interface permanente com as forças contrárias, antagônicas e complementares, da produção do caos. A narrativa constitui uma habilidade inerente ao ser humano, e, para alguns autores configura-se como o próprio fator de humanização da nossa espécie (KÜNSCH, 2005:44).

Na esfera do discurso jornalístico, essa necessidade de um melhor entendimento dos acontecimentos norteou o surgimento do jornalismo interpretativo e das reportagens, no início do século XX. Desde que se estabeleceu como narrativa do presente, o jornalismo cumpre uma função muito importante: informar, com a precisão e a rapidez possíveis os fatos e acontecimentos que influenciam a vida cotidiana. Para isso criou técnicas e

³⁰ http://www.lendorelendogabi.com/lendas_mitos/lendas_dia_e_noite2.htm. Acesso em 25 out. 2010

normas, sempre privilegiando a objetividade, nos moldes de uma ciência. A informação e, principalmente, a prestação de serviços se tornaram essenciais para a sociedade. No entanto, esse modelo não foi suficiente para ajudar o homem a entender o mundo contemporâneo. Ainda no século XIX, conforme pesquisou o professor Marcelo Bulhões, o repórter começou a buscar no local dos acontecimentos o que os envolvidos tinham para contar.

A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço essencial do gênero: a necessidade do jornalista, o repórter, no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive atentamente com os fatos. Um marco dessa conquista teria sido a Guerra de Secessão ou a Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), que mobilizou correspondentes no palco da batalha, realizando entrevistas, descrevendo testemunhas e o próprio cenário desolador da guerra. No Brasil, a presença de Euclides da Cunha, em 1897, no cenário da Guerra de Canudos como correspondente de *O Estado de S. Paulo* pode ser evocada como um bom exemplo dessa atitude (BULHÕES, 2007, p. 45).

Em *Páginas ampliadas*, Lima relata que, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a imprensa se depara com um dilema ao constatar que “estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles” (2008, p. 37). Ele considera que a demanda por maior amplitude na compreensão dos fatos deu força a uma nova modalidade de se articular o jornalismo que começou a surgir nesse período: o jornalismo interpretativo.

Na prática do jornalismo interpretativo, a elucidação do que está mal explicado se corporifica mediante a inclusão de alguns ou todos esses ingredientes: o contexto; o resgate dos antecedentes; o suporte especializado (para dar a sustentação que evita a informação oca); a projeção (consequência possível do caso) e perfil (a humanização da reportagem). E tudo isso voltado para uma abordagem multiangular, para uma compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear [...] no esforço de estabelecer relações entre as causas e as consequências de um problema contemporâneo (LIMA, 2008, p. 37-38).

É nesse novo ambiente, do jornalismo mais comprometido com a notícia ampliada, que a reportagem, mais especificamente a grande reportagem, se

fortalece. Conhecida como jornalismo de aprofundamento, começou a se destacar com projetos editoriais diferenciados, como a revista semanal *Time Magazine*, no início dos anos 1920. O sucesso da publicação abriu espaço para experiências semelhantes em vários países.

Mas não é interesse dessa pesquisa se estender no aspecto histórico do surgimento das reportagens, nem mesmo dar atenção à classificação desse tipo de gênero no mundo do jornalismo. O que nos interessa, de fato, ao traçar de maneira rápida a evolução da reportagem é alinhar que a narrativa jornalística, assim como a ciência, o senso comum, o mito, a arte, a religião e outros saberes, também se fundamenta na necessidade de o homem compreender o presente e se organizar no mundo.

Na concepção de Medina, a narrativa incorporada ao jornalismo deu sutileza “à arte de tecer o presente”.

Dotado da capacidade de produzir sentidos, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o homem não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 47-48).

Em sua tese de doutorado, Alex Criado (2006) chama a atenção para o alcance e influência das reportagens aprofundadas na compreensão de fenômenos que o jornalismo cotidiano – grudado ao factual - não consegue abranger:

O jornalismo de aprofundamento penetra na esfera social, procurando descortinar os múltiplos nexos entre os fatos e os contextos nos quais estão inseridos. Ainda assim, essa segunda camada do real é insuficiente. É preciso atingir o nível da cultura. Nas tradições, costumes, visões de mundo é que se encontram sentidos para o real. Mas o jornalismo terá sido revelador se, finalmente, tocar nas dimensões do mito. Ou seja, se alcançar os elementos universais que falem à alma e ao coração de qualquer ser humano. Aí estarão os significados simbólicos mais profundos da realidade (CRIADO, 2006, p. 36).

Colocada a importância das narrativas do presente para a contextualização social, econômica, histórica e cultural do homem contemporâneo, o interessante para esta pesquisa é refletir se a teoria conversa com a prática na confecção das reportagens do Globo Rural diário, corpo do estudo.

Reconhecido por vários estudos acadêmicos como um expoente das grandes reportagens na mídia eletrônica, o programa semanal Globo Rural é considerado um exemplo de narrativa aprofundada em televisão. No trabalho desenvolvido, entre os anos de 2008 e 2009, pela jornalista e professora Mônica Martinez, *Programa Globo Rural: um exemplo de jornalismo literário em mídias eletrônicas*, a pesquisadora conclui que as edições são marcadas pelo estilo autoral dos repórteres e a habilidade em tecer um diálogo “com especialistas e seus saberes acadêmicos e com gente comum, com seus saberes tradicionais”:

A análise do Programa Globo Rural demonstra que é possível fazer narrativas aprofundadas e envolventes em televisão, que respeitem a inteligência do telespectador ao mesmo tempo em que trabalhem temas tão diversos quanto a produção de picolés, catástrofes ambientais ou a preservação da natureza. No fundo, essa análise revela que, mesmo em tempos de inovação tecnológica, o Jornalismo bem feito compreende uma série bem conhecida de elementos. São eles: pautas apropriadas ao público com o qual o programa interage, que tenham enfoque criativo ou busquem solucionar problemas, de preferência pautados por uma redação bem informada e receptiva à interação com os entrevistados e telespectadores (MARTINEZ, 2009, p. 14).

Em *A grande reportagem: um estudo do Globo Rural*, dissertação de mestrado desenvolvida por Júlio César Degl'iesposti (2009), no Programa de Pós-graduação da Cásper Líbero, o pesquisador realça a linguagem complexo-compreensiva como fator preponderante para o desenvolvimento de produções originais.

A reportagem elaborada com recursos da linguagem da complexidade permite ao jornalista uma visão mais profunda e humana dos acontecimentos de seu tempo. Permite ainda afirmar que as impressões do repórter contam de forma significativa para a sensibilização do leitor, no sentido de levá-lo a uma aproximação com os fatos narrados e suas intersubjetividades, aquilo que diz respeito ao sensorial, às emoções e que representam uma forma de conhecimento da realidade. A construção da grande-reportagem, em que o narrador se

transporta para dentro da condição do outro, convive com suas fontes, observa o cotidiano das pessoas e compartilha experiências e ambientes de cada personagem, traz uma grande contribuição ao jornalismo, pois permite captar e registrar experiências com marcas de autor. É um mergulho nos mistérios do mundo por meio da reportagem (DEGL'IESPOSTI, 2009, p.181).

3.8 Operadores de análise do Grud

Como já mencionado, a proposta é tentar descobrir qual a narrativa criada pelo Grud e quais as especificidades do programa pela análise do modo de produção e exibição da notícia. Já deixamos claro que a veia teórica que alinhava toda a pesquisa é constituída pela narrativa complexo-compreensiva, pensamento que serve de contexto para toda a investigação qualitativa da pesquisa. Mas acreditamos que a observação do “como fazer”, as circunstâncias e as condições empíricas poderão ser mais bem interpretadas sob a ótica de alguns operadores, que servirão como fio condutor para a análise. Eles estão relacionados ao conteúdo, que diz respeito à interpretação dos fatos que são objeto do jornalismo. Por isso elencamos alguns operadores metodológicos que vão permitir as avaliações do desempenho do objeto, que será materializado com a análise da pesquisa.

Começamos pelo contexto. Tão importante quanto a noção do que é e do que trata o Globo Rural, é situá-lo no espaço em que é veiculado. O processo comunicativo televisual inclui a função de comunicar e transmitir notícias, mas também estabelece uma intervenção direta na realidade social. A televisão está inserida na dinâmica da indústria de massa, e, portanto, o programa televisivo, e especificamente o telejornal, é um produto da indústria de informação.

Faremos a análise tentando compreender como o conteúdo temático do Globo Rural diário é apresentado na televisão segundo características próprias do meio e de sua linguagem. Partimos do pressuposto que os diferentes modos

pelos quais a televisão veicula um conteúdo podem ser interpretados a partir da perspectiva dos gêneros, subgêneros e formatos.

O gênero é o que se coloca entre o produto e o telespectador, no processo de recepção. Está interligado desde a produção até a recepção, influenciando as expectativas da audiência diante de um produto. Não é interesse desta pesquisa o estudo sob a ótica da recepção, mas achamos importante posicionar o Grud dentro da programação televisiva, para tentar entender melhor o seu mecanismo de construção, faceta que será analisada com maior interesse neste estudo.

É por meio do reconhecimento do gênero que o público acompanha a programação, posicionando-se de maneira diferenciada diante do programa proposto. Os gêneros televisivos, conforme Martín-Barbero (1995, p. 64), são estratégias de comunicabilidade que se colocam entre os programas e os receptores, servindo como referência tanto para os produtores quanto para a audiência. Diz: “O gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais de leitura. Enquanto as pessoas não encontram a chave do gênero, não entendem o que está se passando na história.”

Para Itânia Gomes (2006), os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, como a ficção seriada ou o programa jornalístico, na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido.

Os programas telejornalísticos são, então, considerados como uma variação específica dentro da programação televisiva, enquanto gênero programa jornalístico televisivo, obedecendo a formatos e regras próprias do campo jornalístico em negociação com o campo televisivo. Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos, as várias formas de jornalismo temático (esportivos, rurais, musicais, econômicos) são variações dentro do gênero: podemos chamá-los subgêneros. E demandam ser abordados em categorias que impliquem considerá-los, ao mesmo tempo, como um produto de jornalismo televisivo – o que implica uma abordagem que leve em conta a linguagem televisiva e os elementos próprios do campo jornalístico – e como um produto comunicacional – o que implica uma abordagem da interação como os telespectadores (GOMES, 2006, p. 8).

Em uma abordagem complementar, Elizabeth Duarte (2006, p. 22) entende o gênero como um feixe de traços de conteúdo capazes de abrigar produtos com poucas características em comum. E afirma que o gênero se materializa pela articulação entre subgêneros e formatos, esses sim procedimentos de construção discursiva que obedecem a uma série de regras de seleção e combinação. De acordo com a autora, “os gêneros são categorias discursivas e culturais que se manifestam sob a forma de subgêneros e formatos, sendo que o subgênero seria da ordem da atualização; o formato da ordem da realização.” (DUARTE, 2006, p. 1 e 5)

Duarte considera que a classificação de gêneros e formatos televisivos deve ser capaz de distinguir muitos tipos de produtos, que embora tenham elementos comuns que permitam reuni-los sob o mesmo rótulo, as diferenças entre eles serão sempre maiores devido à sua natureza combinatória.

Tavares (2008) observa que um fator relevante deve ser observado na aplicação das classificações do jornalismo televisivo no estudo deste gênero: a própria natureza da televisão, isto é, o uso da imagem e do som na transmissão de informações (sendo que cada um desses elementos abriga não só uma tecnologia como respostas político-sociais e estéticas). Jensen (apud GOMES, 2007, p. 50) explica esta convenção e relata como se dá a construção dos gêneros informativos na TV:

Em princípio o gênero notícia televisiva expõe duas narrativas paralelas: **a narrativa visual** que se coloca como um documento do que realmente aconteceu, assim demonstrando a pretensão da objetividade, e **a narrativa falada** que contribui com a informação complementar, ainda que permaneça relativamente distinta, sem comprometer o status da narrativa visual como pura informação. Para a audiência, essa convenção de gênero contribui para a potencial heterogeneidade da experiência com o jornalismo. Qualquer que seja sua justificação econômica ou organizacional, a convenção resulta numa estrutura de mensagem que é relativamente aberta a um leque de interpretações.

Classificamos a programação da televisão brasileira em cinco gêneros básicos: programas jornalísticos, programas de auditório, ficção seriada, programa de variedades e blocos publicitários. Os programas jornalísticos,

interesse desta pesquisa, podem ser divididos em subgêneros: telejornais, programas de jornalismo temático, programas de entrevista e documentário.

Para Tavares (2008), quando um programa de televisão, a exemplo do Globo Rural, surge na grade de programação é logo definido pelo jargão do mercado como temático ou de mídia segmentada: um tipo de produto televisivo que transmite a informação de um setor, fala para um público específico e pressupõe investimentos maiores e mais produção.

Estas práticas do mercado estão assimiladas de uma maneira geral pelos pesquisadores, por profissionais da mídia e até certo ponto pelos telespectadores, mas foi a partir do estudo do telejornalismo rural, e mais especificamente, do programa *Globo Rural*, que se pôde certificar como a criação e o desenvolvimento de um produto televisivo se mantém imbricado aos pressupostos da teoria das categorias e gêneros na Comunicação exigindo uma análise de contexto. O gênero é uma chave para a análise dos programas de TV, mas é o formato que mantém ativo os mecanismos de combinação e interação deste gênero, que por sua vez promovem as diferenciações entre os produtos televisivos (TAVARES, 2008, p. 27).

Usamos aqui, o entendimento de Aronchi de Souza (2004, p. 183) de que o “formato é uma linguagem desenvolvida pela televisão para dar forma a um gênero de programa e transmiti-lo.”

É certo que alguns formatos são reproduzidos à exaustão, a exemplo dos programas de auditório e os reality shows, mas mantendo linhas semelhantes, cada programa também revela diferenças que o caracterizam e identificam, levando-se em conta que cada emissora tem recursos técnicos e uma grade de programação diferenciados. Rezende (2000) comparou programas de um mesmo gênero e com formatos semelhantes, os telejornais do horário nobre, e apontou que os programas, apesar de trazerem praticamente as mesmas notícias, ganhavam composições diferentes na veiculação. As reportagens podiam ser reunidas de acordo com o gênero ou o tipo de comentário a ser feito; e ainda, os formatos jornalísticos eram utilizados em proporções diferentes, o que resultava em um telejornal com formatos mais opinativos ou mais informativos.

Nesse sentido, com uma formatação própria, cada programa constrói sua identidade e por meio dela se dirige à audiência e é assimilado (ou não) por ela.

Vamos acrescentar outro ingrediente que, no pensamento desta pesquisadora, deve enriquecer a análise do Grud: o modo de endereçamento do programa. Assumimos o conceito utilizado por Gomes (2006, p. 9), que caminha com o olhar da recepção e também da produção:

Adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. Nessa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais.

Para a autora, o modo de endereçamento se refere ao tom ou estilo de um telejornal, àquilo que o distingue dos demais e, nessa perspectiva, o conceito remete não somente à imagem da audiência, mas ao estilo, às especificidades de um determinado programa.

Neste sentido, fica implícito que a investigação pretende também identificar como os profissionais que atuam no Grud estabelecem essa relação, até porque a comunicação requer vínculo entre os interlocutores.

O projeto “Produção televisual: entre formatos e tons”, coordenado pela professora Elisabeth Duarte, da USP, estuda, principalmente o processo de *tonalização* do discurso televisual, suas relações com a temporalização e a espacialização, as expectativas tonais dos diferentes subgêneros televisuais e as estratégias de ruptura com essas expectativas. Inspirado no pensamento de Jost e Barbero, o projeto ocupa-se dos casos em que o ator discursivo condutor de um programa televisual – apresentador, âncora, repórter, entrevistador – concentra em sua pessoa também uma função de mediação, encarregando-se da proposição, modulação, gradação e manutenção do tom a ser conferido a um produto televisual.

Duarte (2009) alerta, no entanto, que essa função mediadora não pode ser confundida com os enunciadores de um produto televisual, responsáveis pelo direcionamento do tom do programa. O processo comunicativo televisual tem diferentes sujeitos enunciadores: o nível institucional, refere-se ao emissor, que é responsável pelas informações veiculadas; a instância de realização, representada pelos sujeitos que fazem parte da equipe de produção/realização de programa, ou seja, o enunciador é coletivo; os atores discursivos, as figuras de discurso que operam, no texto televisual, como apresentadores, animadores, âncoras, repórteres e/ou entrevistadores e que, no interior do programa, também representam o papel de enunciadores; e a instância de representação simbólica pertencente aos telespectadores, que validam os conteúdos propostos e os valores assumidos por um programa, respondendo ou não à combinatória tonal proposta.

É a relação entre o que se espera do programa pelas normas do subgênero – e o que pode variar, dependendo do formato adotado. Isso faz com que cada programa comporte elementos já dados e elementos novos. Ele responde a combinatórias tonais preexistentes, previstas pelo subgênero, mas reserva espaços para o novo, o surpreendente: a escolha entre essas opções tonais passa, então, a identificar um produto televisual enquanto formato.

Trata-se de uma relação semântica estreita entre o que ditam as normas do subgênero, ponto de partida já conhecido pelo enunciador e o enunciatário, e o formato, que muitas vezes fratura ou rompe com seus tons de origem, substituindo-os, alterando-os, propondo novas combinatórias tonais que se tornem marcas registradas do programa, pois, mesmo que não sejam sempre absolutamente originais, atuam como signo de diferenciação, com forte potencial fidelizador do público telespectador (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 65).

A proposição de um tom orienta-se pela tentativa de harmonização entre o subgênero do programa, o tema da emissão, o público a que se destina e o tipo de interação que se pretende manter com o telespectador. Do ponto de vista discursivo, o processo de *tonalização* interfere na configuração dos atores e também na organização narrativa. Já, em nível de conteúdo, expressa diferentes traços que o exteriorizam. E se manifesta de forma pulverizada articulando-se nos

diferentes aspectos da linguagem televisiva: a harmonização de cores, formas e sons, o jogo de câmeras e edição, os registros de língua, o guarda-roupa, o cenário, a encenação.

Assim como a natureza híbrida dos gêneros e formatos dos programas televisivos, esta pesquisa pretende analisar o Grud sob diversos aspectos. É seguindo o pensamento de que o fazer jornalístico é influenciado por um paradigma que comanda as técnicas cognitivas do processo de feitura dos produtos jornalísticos que se estabelecem os referenciais qualitativos da análise. Neste aspecto serão analisadas as diferenças de olhares no contexto urbano-rural, a ambiguidade criada pela variável imprevisibilidade no referencial de tempo e espaço do cotidiano das atividades jornalísticas e agropecuária. Já, na abrangência da televisualidade, acreditamos que a observação do “como” fazer está relacionada às competências (os saberes relativos à natureza do fazer), às circunstâncias e às condições empíricas que constituem o jornalismo, mas também está interligada ao conteúdo, que diz respeito à interpretação dos fatos que são objeto do jornalismo. Nesse sentido, elegemos alguns operadores metodológicos, para melhor compreender o desempenho do Grud.

Esses operadores fazem parte e são resultado do percurso do grupo de pesquisa “Análise de Telejornais”, coordenado pela professora doutora Itânia Maria Mota Gomes, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Fundamentados no estudo da recepção, eles funcionam em mão dupla, centrados na audiência e também no produtor da notícia, elo de interesse desta pesquisa. A intenção é cruzar a investigação quantitativa com um viés qualitativo, por isso usaremos apenas os operadores que também dizem respeito aos produtores da notícia.

A metodologia envolve funções específicas para aproximação analítica do objeto: pacto sobre o papel do jornalismo; temática, organização das editorias e proximidade com a audiência; contexto comunicativo e a relação com as fontes de informação.

3.8.1 O pacto sobre o papel do jornalismo

A relação entre o programa e o telespectador funciona como um pacto onde tanto os produtores da notícia quanto a audiência assumem um “acordo” do que esperam um do outro. Para compreender a noção de pacto, é fundamental a análise de como o programa constrói as ideias de verdade e relevância da notícia, com quais valores-notícia opera, como lida com as questões de responsabilidade social, do direito público à informação e da liberdade de expressão e opinião (GOMES, 2004).

Dessa maneira, o pacto sobre o papel do jornalismo desempenha a função de unir os aspectos relativos ao gênero dos programas jornalísticos com as especificidades dos acordos que são estabelecidos de maneira particular em cada subgênero por meio do modo de endereçamento. A inclusão de uma informação em um programa jornalístico está diretamente ligada aos critérios de noticiabilidade empregados para selecionar o que deve ser exibido e revela escolhas que permitem perceber a imagem que o endereçador constrói do endereçado. Embora a seleção das notícias esteja dentro dos referenciais do pacto assumido pelo jornalismo na sociedade e de seu compromisso por ser instituição pública, esse aspecto expressa a posição que o programa assume como aquela que acredita ser a preocupação da audiência, pelos referenciais do gênero programa jornalístico e pelas atualizações produzidas pelas influências do ambiente cultural, histórico e social sobre a estrutura genérica.

Entre os aspectos que serão observados estão a atualidade, a função de vigilância, que se faz com o acompanhamento dos acontecimentos nas várias esferas da vida social com a preocupação de divulgar fatos e posições que exponham uma realidade de transgressão e desrespeito às regras e normas sociais e a função de “conversação social”, quando o programa assume o caráter informativo de relato dos acontecimentos e, assim, alimenta a conversação cotidiana que influencia a formação da opinião pública sobre a realidade social

3.8.2 Temática, organização das editorias e proximidade com a audiência

Os critérios empregados pelo telejornal na seleção, organização e apresentação das notícias é outro indicador do que os produtores da notícia revelam sobre os interesses e as competências do telespectador. No caso dos programas de jornalismo temático, a esfera da cobertura, ou seja, a natureza do tema se impõe e é a principal identificação do modo de endereçamento a ser observado por este operador.

3.8.3 Contexto comunicativo

O que fundamenta e confere legitimidade aos telejornais é a promessa do relato do mundo real. Para corresponder ao pacto que assumem, os telejornais cercam-se de estratégias discursivas e mecanismos que garantam os efeitos de sentido de verdade, autenticidade e credibilidade de que necessitam.

Como os telejornais operam com os espaços interno (estúdio), e externos, que são próprios das ações do mundo, dos acontecimentos, conectados pelos dispositivos tecnológicos, o contexto comunicativo está difuso e pulverizado nas duas ambientações. Ele é a soma do ambiente comunicativo do programa e, portanto, é bastante difuso. Traduz o juízo de valor em relação a um modo de considerar a notícia e a realidade social apresentada e também elementos da postura do apresentador e do cenário que servem para configurar o ambiente comunicativo do programa. Faz parte desse operador a análise dos recursos técnicos, os recursos da linguagem televisiva e o formato de apresentação da notícia.

- a) Recursos técnicos: serão observados a utilização de transmissões ao vivo com imagens, apenas com áudio e o uso de infográficos³¹, mapas do tempo exibidos através de chromakey³², telões e cenários virtuais.

³¹ Infográficos são representações visuais de informação. É um recurso que pode combinar desenho, fotografia e texto.

- b) Recursos da linguagem televisiva: verificação dos recursos de edição e montagem da imagem, enquadramentos e movimentação das câmeras no estúdio e nas coberturas externas, efeitos sonoros como o uso do chamado *BG – background* – o som gravado no local da filmagem. E a produção de vinhetas³³. A vinheta utilizada na abertura do programa e nas passagens de saída e entrada dos blocos faz parte da estratégia de criar a identidade do programa, facilitando, por parte dos telespectadores, o reconhecimento do início e do intervalo em sua exibição.
- c) Formato de apresentação da notícia: A notícia é transformada em diversos formatos ou modos de apresentação para relatar os acontecimentos. Os telejornais costumam reproduzir os formatos convencionais e socialmente partilhados pelos jornalistas, seguindo as normas dos manuais de redação. São nomenclaturas criadas para funcionar como um código, onde todos os jornalistas da redação falam a mesma língua. Já descrevemos grande parte delas no capítulo 1, quando contamos como funciona o dia a dia na redação do Globo Rural. São elas: nota pelada – nota lida pelo apresentador e sem imagens – nota coberta (com imagens), lapada – várias notas cobertas, separadas por efeitos como cortina ou virada de página – reportagem, stand-up ou boletim – repórter aparece sozinho e dá a notícia de modo conciso coberta, reconstituição (geralmente com arte) e infográficos. Essa diversificação é uma maneira de demonstrar a capacidade de cobertura jornalística de uma emissora. As notas cobertas com imagens de agências de notícias, por exemplo, indicam a falta de um repórter no local do fato para elaborar uma matéria com maior credibilidade. No entanto, uma nota coberta também pode demonstrar uma menor valorização da notícia.

³² Efeito técnico que permite a inserção de imagens “atrás” do apresentador. Para obtê-lo é usado, ao fundo, uma tapadeira azul ou verde. (PATERNOSTRO, 2005, p. 198)

³³ A vinheta marca a abertura e intervalo do telejornal e, normalmente, é composta por imagem e música características, trabalhadas com efeito. Em eventos especiais é criada uma vinheta específica para o assunto. (PATERNOSTRO, 2005, p. 226)

3.8.4 Relação com as fontes de informação

Conforme os estudos desenvolvidos pelo grupo coordenado pela professora Itânia Gomes, a presença, o tempo e a posição dados às fontes oficiais, autoridades, especialistas e ao cidadão comum demonstram a seleção de endereçamento do telejornal para a sua audiência e também demonstram o compromisso ideológico de acordo com a abordagem da notícia.

A participação dos especialistas em textos noticiosos legitima as interpretações assumidas pelo programa. Já se essas fontes aparecem como alvo de questionamentos, a leitura do programa é modificada. O cidadão comum participa dos programas jornalísticos para expressar sua opinião quando ele é afetado pelos acontecimentos, quando ele próprio se transforma em notícia por meio da humanização do relato ou nas enquetes, quando ele garante a autenticidade da notícia, através do povo-fala. Interessa a esta pesquisa investigar, neste operador, como a equipe e, especialmente, como o repórter se posiciona ou deixa seus entrevistados se posicionarem. Eles atuam sob o *signo da relação* ou sob o *signo da divulgação*?

Nas análises das reportagens exibidas pelo telejornal diário, tema do próximo capítulo, a proposta é observar, sob a ótica dos autores destacados neste estudo, qual o peso do fazer diário, se a urgência do factual é predominante no tratamento jornalístico ou se a experiência da equipe consegue criar suporte para minimizar as estruturas convencionais e dar espaço a reportagens humanizadas e profundas, com a alma do jornalismo que investe no ato relacional, na costura de novas conexões e está preocupado em produzir sentidos que interajam com a contemporaneidade.

4 ANÁLISE DAS EDIÇÕES E REPORTAGENS

4.1. Como narra o Grud

Quando entrou no ar, em 9 de outubro de 2000, o Grud emplacou uma proposta de jornalismo diário com a temática voltada para o cotidiano rural em seus diferentes aspectos: econômico e sociocultural. Surgiu já como um híbrido entre os subgêneros telejornal e programa temático.

E, diferentemente do GRU, que é gravado às sextas-feiras e somente exibido aos domingos, o Grud adotou o formato de telejornal ao vivo, com notícias atualizadas, principalmente sobre o agronegócio. Desdobramento do bloco de mercado do programa semanal, a missão do Grud, como um telejornal diário, é focada no que a equipe acredita ser o universo do programa: o mundo rural. A seleção, organização e apresentação das notícias indicam que o programa é endereçado para esse público. No entanto, o fato de ser veiculado em TV aberta e generalista também interfere nos critérios de noticiabilidade. Um exemplo é a maior frequência de receitas culinárias, a partir do momento de que os produtores tiveram conhecimento, e que o público feminino é predominante audiência do horário. Mas mesmo com a possibilidade de criar um diálogo com diversos tipos de audiência, as matérias sempre são condicionadas a produtos em safra, começam na lavoura e desembocam na cozinha, geralmente, simples de uma agricultora ou dona de casa que mora na zona rural. Portanto, o que é notícia no Grud, mesmo que mesclado a outros gêneros como o entretenimento (culinárias, musicais etc.) está direcionado a temas e situações tratados nas reportagens rurais.

Outro aspecto que consolida o subgênero telejornalismo é a estrutura operacional comum aos programas da TV Globo: a divisão por blocos, com padrões repetidos nas edições. A organização dos blocos também demonstra a reprodução de um padrão. É o caso da meteorologia. Nos primeiros oito anos, quando o programa tinha 12 e depois 17 minutos de produção jornalística, a

previsão do tempo ocupava os dois blocos principais do programa. No primeiro bloco, a apresentadora destacava os índices do dia anterior e dava a previsão do dia. A informação para os próximos 6 dias era assunto do segundo bloco. O programa aumentou de tamanho e o espaço meteorológico também. Agora as informações são distribuídas nos três blocos principais. Primeiro entram as informações do dia anterior, com os principais índices pluviométricos e temperaturas. A previsão do tempo hoje passou a ser mais detalhada no mapa do bloco seguinte. E a previsão dos próximos 6 dias é apresentado no mapa do último bloco. Esses padrões reforçam a identidade, funcionam como mapas para os telespectadores, que sabem o que esperar do programa e também são facilitadores para os editores do programa. De maneira geral, o Grud firmou um pacto com seus telespectadores, de exibir classes de informações e serviços que necessitam de atualização diária como as cotações e a meteorologia.

A abrangência das notícias é outro aspecto evidenciado e que revela a preocupação dos enunciadores, tanto da Rede Globo quanto da equipe do programa, em deixar claro que as informações veiculadas chegam de vários estados do país. Em todas as edições há referência de localização, o que mostra claramente o objetivo de reforçar a cobertura jornalística nas diferentes regiões do Brasil, parte integrante do pacto firmado com os telespectadores de que o programa tem amplitude nacional.

Nas onze edições estudadas, foram veiculadas informações referentes a vinte estados e o distrito federal. Também encontramos duas notícias internacionais: uma dos Estados Unidos e outra do Reino Unido.

O maior número de inserções foi do estado de São Paulo (09), seguido do Paraná (08), Rio Grande do Sul (08), Distrito Federal (06), Minas Gerais (05), Paraíba (03), Pernambuco (03), Alagoas (03), Pará (03), Espírito Santo (02), Mato Grosso (02), Goiás (02), Rio Grande do Norte (02), Maranhão (01), Bahia (01), Rondônia (01), Mato Grosso do Sul (01) e Ceará (01).

A análise da apresentação das notícias por região revela maior visibilidade dos estados do centro-sul do país, onde a agropecuária utiliza maior tecnologia e estão concentrados os principais produtores de grãos do país.

A função de vigilância é demonstrada nas reportagens de acompanhamento das normativas do setor, geralmente produzidas em Brasília e também são frequentes nas edições. No total de jornais analisados aparecem em três: a renegociação das dívidas dos agricultores, medida anunciada pelo governo para amenizar a grave crise que o setor viveu no ano de 2005, na edição do dia 11/08/2006. O lançamento de uma linha de crédito para as prefeituras renovarem a frota do transporte escolar da zona rural, em 15/08/2007, e as medidas adotadas pelo Ministério do Meio Ambiente para conter o desmatamento na Amazônia, em 04/08/2009. Outro indicador dessa função são as reportagens sobre a apreensão de madeira ilegal no Espírito Santo (retranca Apreende Pau-Brasil, 18/06/2003) e sobre o aumento das queimadas em Rondônia, no dia 12/10/2004.

Na análise do contexto comunicativo, verificamos que, no ambiente interno, o Grud reproduz o mesmo mecanismo adotado pelo programa semanal. Ele é apresentado de uma bancada, mesmo cenário que também é utilizado em grande parte do GRU, nos blocos de abertura, de mercado e da seção de cartas. No programa semanal, a apresentação da matéria de encerramento é feita em outra composição: duas poltronas, com um telão de fundo, o que não ocorre no Grud. Ao longo dos dez anos de programa, o tratamento visual do Grud acompanhou as mudanças ocorridas no GRU. A versão atual, em que predominam o marrom, o verde, amarelo e um tom avermelhado, que lembra o sol poente, entrou no ar em abril de 2010. A bancada do telejornal tem cobertura de madeira clara e a frente é azul clara. Ao fundo e à esquerda da apresentadora está instalado um telão, um plasma, que permite a inclusão de imagens para compor as informações meteorológicas e o enquadramento dos repórteres nas transmissões ao vivo.

Vale lembrar que, diferentemente do programa de domingo, que tem dois apresentadores, o Grud é comandado apenas por um. A dinâmica também ganha outro contexto com a entrada, atualmente em três blocos, de outro mediador: a apresentadora do mapa tempo, que num tom informal e de familiaridade interage com a apresentadora. Essa conversa durante o programa também demonstra que há a preocupação de dar credibilidade ao assunto. Quando fala: “Vamos saber agora com a Eliana Marques qual a previsão do tempo para hoje em todo o país”,

a apresentadora Ana Paula Campos, a exemplo do que ocorria com os apresentadores anteriores ao chamar o quadro, também anuncia uma fonte autorizada para falar sobre o tema. Esses momentos de diálogo, que são conduzidos dentro da estratégia da equipe de produzir um tom mais coloquial, fazem parte do script. Ganharam mais força ao longo dos anos, com o crescimento do espaço do Grud e servem para criar uma atmosfera mais leve durante a apresentação.

Outro momento em que a apresentadora também se posiciona num tom mais conversado ocorre durante a transmissão ao vivo, no diálogo com os repórteres e/ou entrevistados. No entanto, em grande parte do jornal, predomina o caráter informativo do Grud, e a apresentação fica restrita à interpretação do que está escrito no *teleprompter*. Apesar do texto muitas vezes chamar o telespectador para participar: “Veja agora”, “vamos conferir”, “nós vamos ver agora”, a relação com a audiência se faz de maneira mais formal, sem muita proximidade, como acontece tradicionalmente nos jornais de bancada. Já, no GRU, essa relação é construída de maneira diferenciada. Com menos assuntos, maior espaço e sem o compromisso da factualidade, o programa já começa com um editorial que convida o telespectador a entrar na temática do programa. As cabeças e notas pé das reportagens são maiores e bastante conversadas e possibilitam um maior vínculo com a audiência.

Observar esses mesmos aspectos nas reportagens, ambiente externo do Grud, é uma tarefa mais complicada. Como as matérias são produzidas pelas afiliadas, com reportariado local, o programa é um mosaico, com diferentes maneiras de interlocução com os telespectadores, e a relação se faz de forma mais pulverizada. Nas onze edições, registramos 53 reportagens e 53 diferentes repórteres.



Mapas utilizados na previsão do tempo – Grud 06/12/2010

Entre os recursos técnicos verificados, destacamos o uso de um plasma, no quadro do Mapa Tempo, onde aparecem figuras que representam imagens de satélite com nuvens nos locais onde ocorreram os maiores índices pluviométricos. Em um telão aparecem com efeito de fusão³⁴ as reportagens relacionadas a clima, chamadas pela apresentadora do tempo e o enquadramento dos repórteres, nas entradas ao vivo.



Cotação café – Grud 13/04/2011



Cotação boi - 13/04/2011

O uso de infográficos também é constante, principalmente nas cotações. Podem ter base neutra ou específica, no caso do boi ou café. Com base neutra para os demais produtos. O texto é narrado em off pelo apresentador, e um quadro com caracteres indica os locais e valores, conforme são falados. Outro recurso, que começou a ficar mais constante a partir de 2008, é o uso de mapas de localização dentro das reportagens. São mapas que situam o estado e o município citado em off pelo repórter.

No início de cada edição entra a vinheta de abertura, que tem a função de identificar o programa dentro da grade da programação³⁵. O Grud utiliza a vinheta de abertura e as vinhetas de passagem de bloco do GRU, com imagens de plantações, paisagens e animais e a mesma trilha sonora, porém em tamanho

³⁴ Desaparecimento simultâneo de uma imagem ao aparecimento de outra (como se viesse por trás). Em determinado momento, as imagens ficam superpostas. (PATERNOSTRO, 2005, p. 205)

³⁵ Na Rede Globo, as vinhetas são produzidas pelo Departamento de Videographics, coordenado pelo designer Hans Donner. Elas são criadas dentro de uma estética e de uma estratégia comercial definidas pela emissora para os telejornais (como o uso em destaque do logotipo da Rede Globo dentro do nome do programa). (TAVARES, 2008, p. 121).

menor. Vinheta especiais também fazem parte das edições e anunciam uma reportagem especial. Nas edições analisadas, observamos duas: no dia 02/05/2008 uma vinheta comemorativa dos 100 anos da imigração japonesa abria a reportagem de Ivaci Matias sobre o imigrante Shunji Nishimura. A matéria de Daniela Assayag sobre a pecuária praticada nas áreas de várzea da Amazônia, exibida em 16/09/2010, também foi anunciada com a vinheta da Amazônia, produção de um núcleo especial dentro da rede Globo, criado para dar cobertura jornalística ao bioma³⁶.

Entre os principais formatos de notícia adotados temos: a nota pelada, a nota coberta, a reportagem, o *teaser*, o boletim, os infográficos, as reportagens ao vivo e o editorial.

Logo que volta da vinheta, a apresentadora lê uma notícia ou um pequeno editorial e chama a escalada, com as principais notícias do dia. Elas podem ser apresentadas de duas maneiras: com o off do apresentador ou através do *teaser*³⁷ feito pelo repórter. Em seguida, o programa pode ir direto para um intervalo ou voltar direto para o estúdio dependendo da grade de programação. Esse espaço está diretamente ligado ao número de inserções comerciais ao longo de todo o dia.

Sem ordem fixa no espelho do jornal, o preço de produtos como o café e o boi gordo são repassados, por meio de infográficos como já foi mencionado, em praticamente todas as edições. Nos onze jornais analisados, verificou-se também o preço do milho, soja, quilo vivo do suíno, feijão. Essas notas ajudam a compor o tempo do jornal e, às vezes, funcionam como nota pé da matéria que tratou do mercado de determinado produto. Embora menos frequentes, os infográficos também são utilizados para a divulgação de balanços comerciais, como as exportações do agronegócio, anúncios e resultado dos produtos ofertados dos estoques públicos (a exemplo da edição do dia 21/11/2001) ou a divulgação de

³⁶ O núcleo foi ampliado em 2010 e passou a se chamar Núcleo Natureza. Atualmente são produzidas reportagens em diversos biomas, inclusive em outros países.

³⁷ O *teaser* sempre foi utilizado na escalada do *Grud*, porém passou a ser mais frequente nos últimos anos, com os insistentes pedidos da equipe para que os repórteres façam, também, esta pequena chamada da matéria.

estimativa de safra (como ocorreu no dia 11/08/2006) com os números divulgados pelo IBGE.

As reportagens que trazem uma pequena mostra do principal assunto do GRU são apresentadas, em quadro fixo, todas as sextas-feiras. Nos jornais analisados aparecem nas edições do dia 12/10/2006, matéria de Néelson Araújo, chamando uma reportagem da série da saga dos tropeiros, exibida no GRU do dia 14/10/2006, sobre expedição que refez o caminho desses personagens do século dezenove, entre a Argentina e o estado de São Paulo. Outra reportagem do quadro “Chamada GRU” foi exibida no dia 02/08/2008. Da Paraíba, a repórter Camila Marconato mostrou os problemas causados por uma praga que destrói as plantações de palma, principal alimento do gado no nordeste, durante os meses de seca. A reportagem completa foi exibida no domingo seguinte, 04/08/2008.

Já, as festas e eventos não constituem um quadro fixo, como ocorre no GRU, e são veiculadas de maneira aleatória. No conjunto de onze edições estão presentes em três jornais do Grud.

Nas passagens de bloco, as reportagens em destaque são apresentadas com off da apresentadora ou com o teaser do repórter. Nas edições com até 17 minutos, eram selecionadas apenas as matérias que seriam exibidas no bloco seguinte. Mas, a partir de dezembro de 2010, com a ampliação de mais um bloco, a seleção fica a critério do fechador, que pode chamar na passagem 1, por exemplo, uma reportagem que será exibida apenas no último bloco.

A nota coberta é um formato muito utilizado para agrupar uma mesma classe de informações que chegam fragmentados, de vários estados do país. No total de edições estudadas, contabilizamos seis. A maioria trata de assuntos de ocorrência simultânea, como os protestos dos movimentos ligados à reforma agrária. O jornal do dia 21/11/2001 mostrou a desocupação de uma fazenda em Pontão, no Rio Grande do Sul. Mesmo amparados pela Justiça, que negou a reintegração de posse, os sem-terra fizeram acordo com o dono da propriedade e saíram pacificamente da área. Em Pernambuco, agricultores ligados à Fetraf (Federação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) acamparam em

frente à Secretaria de Planejamento do Estado e pediam a desocupação de 4 mil hectares para a implantação de assentamentos rurais.

Em 18/03/2003, uma nota coberta abria o jornal, com o protesto de funcionários da Embrapa em greve. A matéria mostrou diferentes manifestações, em três estados e no Distrito Federal: em Brasília, os grevistas fizeram um almoço para a população; em Londrina, Paraná, distribuíram soja; em Campina Grande, na Paraíba, milho; e em Juiz de Fora, Minas Gerais, doaram leite. Foram duas sonoras, uma em Brasília, falava sobre a falta de dinheiro para a pesquisa e o pedido de reajuste de 20% nos salários e uma, em Juiz de Fora, falava sobre a falta de manutenção dos veículos.

Outro motivo que também provoca a elaboração de nota coberta é quando o assunto não vale reportagem, mas pode ajudar a compor um quadro, como aconteceu no jornal do dia 11/08/2006. O incêndio que atingiu o parque estadual da Serra do Rola-Moça, na região metropolitana de Belo Horizonte, já tinha sido controlado e virou nota coberta. O fogo destruiu mais de 60 mil metros quadrados de vegetação rasteira e arbustos.

O tempo das reportagens se tornou mais flexível ao longo dos últimos 10 anos. Com 12 minutos de produção jornalística, em média, o Grud apresentava quatro a cinco reportagens por telejornal. Quando o programa passou para 17 minutos, em 2008, o número não subiu muito, aumentou para cinco ou seis, em média por edição. A alteração mais significativa ocorreu no tempo das matérias exibidas, que passaram de um minuto e vinte a um minuto e trinta segundos para dois minutos, em média. Essa mudança, de maneira geral, permitiu edições com maior respiro, sonoras maiores. Com a ampliação para 25 minutos, são exibidas entre seis e sete reportagens. O jornal ganhou no aspecto qualitativo: com mais tempo, é possível fazer a seleção dos assuntos do dia e deixar tempo para as produções mais apuradas. Não são raras as reportagens com três, quatro minutos no jornal.

Como, geralmente, o foco do Grud é o agronegócio, o mais comum é encontrarmos reportagens enxutas, com a situação de determinado produto exposta em forma de números e posicionamento do mercado: em queda,

paralisado ou com demanda crescente. Um exemplo típico é a matéria sobre a paralisação dos negócios do algodão em Mato Grosso, exibida dia 21/11/2001. O estado tinha conseguido aumentar a produção e se tornar o principal produtor nacional, a crise na comercialização estava influenciando o plantio da safra de 2002. A última safra nem tinha sido vendida pela maioria dos agricultores. E a estimativa era de queda de 70% na área plantada. De tanto número, o material exibido parece o relatório de algum órgão econômico.

Em off, o repórter diz: “Na propriedade do seu Evandro Cortezia, com 4.800 hectares, não foi plantado nenhum pé de algodão para a próxima safra. Mesmo porque a produção deste ano ainda não foi vendida. Nos armazéns estão 70% do que foi retirado da lavoura, cerca de 1 tonelada de pluma”, entra uma sonora do produtor comentando o aumento no custo de produção e a crise na comercialização, e o repórter emenda na passagem: “Aqui em Lucas do Rio Verde, a produtividade em 4 anos chegou a 4.500 quilos por hectare, uma das melhores do mundo, mas essa mesma eficiência tem que ser aplicada fora da porteira.” E a reportagem termina com um especialista de mercado falando que o problema foi gerado por causa do excesso na produção. O estado, responsável por 60% da safra nacional, aumentou de 20 mil para 430 mil hectares a área ocupada com a cultura. Essa maneira de tratar os assuntos ligados ao agronegócio, sempre com muitos dados estatísticos, herança da imprensa especializada em economia, é sempre um desafio para a equipe. O texto informativo, vocação maior do Grud, é mais árido, exige urgência por conta das factuais, mas para não se transformar em um levantamento de dados, como vimos acima, exige sensibilidade de toda a equipe.

Uma das maneiras de amenizar o jornal é, sempre que possível, incluir no espelho matérias mais leves ou positivas. No mesmo dia em que a matéria do algodão foi veiculada, o jornal encerrou com uma reportagem sobre o bom momento do mercado de suínos. Nesse aspecto, o Grud reproduz a receita da maioria dos telejornais. Os assuntos áridos e mais pesados são posicionados no início de cada bloco. E os temas considerados mais suaves encerram as edições.

Por isso, em meio a tanto número também encontramos curiosidades como a reportagem da Vaca Sortuda, encerramento da edição do dia 04/03/2009. A matéria mostra a história de uma vaca holandesa com 6 tetos (o normal são 4) que abre porteiras e vive fugindo. O animal é criado numa fazenda de Joatuba, Minas Gerais. Em tom mais leve, a repórter explora detalhes de como é feita a ordenha e qual a produção diária do animal. Um veterinário explica os motivos da anomalia genética, mas a narrativa é construída, principalmente, em cima das estripulias da vaca Asa Branca e do carinho que ela recebe do tratador, Gilson Rodrigues.

Dentre a diversidade nesses assuntos, verificamos reportagens relacionadas à preservação do meio ambiente (como a história da professora Euzana Ramos, que ganhou um prêmio do Ministério da Educação por incentivar a consciência ecológica nos mangues do Maranhão) as novidades tecnológicas (o projeto de criação de vieiras, desenvolvido pelas UFSC, no litoral catarinense), eventos (a festa do galetto, em Taió, também Santa Catarina), culinária (como a receita do pastel de angu, de Minas Gerais) e as belas paisagens da produção de girassol em Sergipe.

Um das particularidades da maneira como a temática é apresentada no Grud é o desdobramento das notícias, mecanismo pouco adotado nos telejornais generalistas. A edição do dia 21/11/2001 mostra bem esse aspecto ao tratar de mercado de suínos na principal região produtora, o sul do país. Uma primeira reportagem tratou do crescimento das vendas externas e a satisfação dos produtores do Paraná com a reação dos preços, reflexo da maior demanda. Em seguida, o mesmo assunto é relacionado com outra realidade. Por causa de um foco de aftosa, o produto gaúcho não pode ser vendido fora do estado e muito menos exportado. Nessa época, novembro de 2001, o Rio Grande do Sul era o segundo maior produtor nacional de suínos. A cabeça, apresentada por Priscila Brandão, mostrava o espírito da matéria: “E o Rio Grande do Sul ainda está fora dessa festa. É que por causa dos focos de aftosa do primeiro semestre, o porco gaúcho não é aceito fora do estado.” A nota pé completava o assunto: “Hoje a União Europeia deve divulgar se volta ou não a consumir a carne gaúcha. O comitê veterinário da União Europeia está reunido desde ontem em Bruxelas, na

Bélgica. Técnicos europeus estiveram no Rio Grande do Sul para avaliar as medidas de combate à aftosa no estado.” Esse mesmo mecanismo, de aglutinar assuntos relacionados, é herança do GRU, onde é adotado com frequência, principalmente, no bloco de mercado. Na produção do programa de domingo recebe até um nome especial: é uma rodada. Rodada de café sempre inclui Minas e Espírito Santo. Rodada de soja – há estados de várias regiões produtoras. A diferença é que nas rodadas do GRU, os próprios repórteres chamam as matérias seguintes, sem necessidade de voltar para o estúdio, e a apresentadora apresentar o próximo vídeo, como normalmente acontece no Grud. O telespectador é avisado da mudança com o efeito de virada de página ou cortina³⁸. Produzidas com maior antecedência, nas rodadas do semanal, dá tempo de revisar os textos e planejar a sequência.

Outra ideia herdada do GRU é a reportagem provocada pelos telespectadores. Muito antes da interatividade chegar aos programas televisivos, inclusive os telejornais, o GRU já abastecia suas pautas com as cartas enviadas pelos telespectadores. E a mesma estratégia se estendeu ao Grud. Quando a produção do GRU recebe uma carta ou email que pode ter chance de se transformar em reportagem, repassa para a produção do Grud. O material é produzido pelas afiliadas. No caso do dia 02/05/2008, a carta enviada por dois telespectadores rendeu a reportagem sobre a Festa de São José Operário, em Sacramento, Minas Gerais. A matéria foi realizada pela TV Integração, com sede em Uberlândia. A cabeça reforçava a participação do telespectador: “O seu Arnaldo Melo e o seu Matheus dos Santos encaminharam emails para o Globo Rural falando sobre a cavalgada de São José Operário, lá na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Nós fomos conferir esta festa e descobrir como ela começou.”

As reportagens do Grud, mesmo as que desenvolvem assuntos relacionados a mercado e comercialização, sempre trazem agricultores ou

³⁸ A virada de página é um recurso gráfico, inserido na ilha de edição, que faz com que a imagem seja levada por um desenho que lembra uma página virando, enquanto outra imagem se sobrepõe. O efeito é um reforço para o telespectador entender que houve mudança, principalmente de local, na reportagem. A cortina é o desenho de uma linha vertical que pode aparecer da direita para a esquerda ou vice-versa e funciona com o mesmo propósito.

criadores. São baseadas em suas vivências que as histórias são construídas. Mas, diferentemente do que ocorre no programa semanal, os personagens figuram como eixo central do texto, e há uma grande preocupação no desenvolvimento da narrativa em explicar pedagogicamente alguns processos técnicos da atividade. O compromisso do Grud com o texto informativo determina uma dinâmica diferente na construção das narrativas. Em uma das edições escolhidas, temos um exemplo raro desse tipo de matéria no Grud. A reportagem, que será observada com maior profundidade na etapa seguinte da análise, mostrou o perfil do imigrante japonês Sunji Nishimura e fez parte da série exibida na época do centenário da imigração japonesa no Brasil, em 2008. Um dos pontos que merecem destaque é a utilização de música na composição da matéria. O recurso é muito usado nas reportagens do programa semanal, mas essa é uma das poucas vezes em que esteve presente no Grud.

Com relação a áudio, regra no Grud é a utilização de som ambiente para dar vida à matéria. Atrelado aos acontecimentos diários, não tem mesmo muito sentido aparecer no meio de uma matéria econômica um solo de violino ou sanfona. O recurso, neste caso, seria usado como “enfeite”, sem qualquer comunhão com a narrativa verbal ou mesmo de imagens. Para evitar a falta de senso, o pedido da equipe é que as matérias sejam editadas apenas com o aproveitamento do som ambiente. No ABC do GRU, um tópico lembra ao repórter que na hora que o cinegrafista estiver gravando as imagens o ideal é que todos fiquem calados ou mesmo conversem em outro local, para não atrapalhar a captação do áudio ambiente. O vento, os pássaros, a música tocada ao vivo são elementos que fazem uma enorme diferença no acabamento do material. A matéria sobre a semana do folclore, em Olímpia, noroeste de São Paulo, mostra o quanto este recurso é importante. Exibida no dia 11/08/2006, a reportagem mostra um grupo sergipano de bacamarteiros³⁹, cantando, representando e dançando para trabalhadores em plena zona rural do município. Recheada de

³⁹ Os bacamarteiros são grupos folclóricos que comemoram as festas juninas e natalinas com dança, música e muitos tiros de bacamarte (espécie de rifle artesanal). As mulheres trajam chapéu de palha e vestido de chita, dançam sempre em círculo, enquanto os homens, que ficam atrás, vão disparando tiros de bacamarte, de acordo com o desenrolar da dança. São acompanhados por bandas de pífanos ou zabumbas.

sons captados no ambiente da reportagem, o vídeo foi feito com atenção voltada para o aproveitamento deste recurso.

Nas matérias analisadas, a edição é simples, com o tradicional corte seco⁴⁰, sem maiores efeitos. Fusão é utilizada apenas quando se quer dar o efeito de passagem de tempo. E, em vários vídeos, observamos a repetição de imagens em vez de efeitos como *slow motion*⁴¹, que “estica” as imagens.

A reportagem com transmissão ao vivo, mais comuns nos últimos meses, depois que o jornal passou para 25 minutos, foi verificada apenas na edição do dia 06/12/2010. Nesse jornal, o principal assunto do terceiro bloco foi o clima no Rio Grande do Sul, importante produtor de grãos e carnes do país. Duas reportagens mostraram as diferentes realidades dos agricultores gaúchos. Enquanto no norte e noroeste do estado choveu até um pouco acima do esperado, as demais regiões estavam sofrendo com a estiagem, provocada pelo efeito La Niña. O assunto também foi detalhado na segunda entrada da previsão do tempo que, nesse dia, em vez de dar a previsão para todo o país, ficou concentrada na distribuição de chuvas no estado gaúcho. A entrada ao vivo do repórter Rodrigo Saccone completou o assunto. De Porto Alegre, ele entrevistou o diretor técnico da Emater, o principal órgão de assistência técnica extensiva do país, para fazer um balanço das perdas na safra dos produtos agrícolas. Foram dois minutos de conversa, inclusive com perguntas do estúdio, feitas pela apresentadora Ana Paula. A apresentação em tempo real é evidenciada com o uso de um selo do lado direito do vídeo, com a logomarca da emissora e a inscrição “ao vivo”. Um sinal que reforça a credibilidade e serve para marcar para o telespectador que a equipe está atenta aos mais importantes acontecimentos do setor.

Quem fala no Grud são agricultores, trabalhadores rurais, agrônomos, especialistas em mercado, em clima, integrantes de movimentos sem-terra,

⁴⁰ Corte seco é o tipo mais simples de união entre duas cenas. O último quadro da cena A é justaposto ao último quadro da cena B. (PATERNOSTRO, 2005:199)

⁴¹ *Slow motion*: efeito que faz a imagem ter um andamento mais lento. (PATERNOSTRO, 2005, p. 220)

cooperativas, representantes de ministérios ligados ao setor agropecuário, donas de casa que moram na zona rural.

Mas como o Grud se relaciona com as fontes? Para observação desse operador, verificamos com maior profundidade as onze reportagens mais extensas de cada edição. São elas: Abacaxi Programa (PB), Porco (RS), Assaí Japoneses (PR), Feijão Colheita (GO), Manga Exporta (BA), Olímpia Folclore (SP), Dívida Pequenos (AL), Shunji Nishimura (SP), Suíno Sobre (MS), Pecuária Várzea (AM), Clima Seca (RS).

Uma das principais especificidades que marcam tanto o GRU quanto o Grud é a temática, que direciona tempo/espaço de atuação dos protagonistas e dos produtores da notícia. É por essa variável, e também de alguns elementos que caracterizam a comunicação compreensiva, como o signo da relação, a imersão, compreensão e voz autoral, que optamos por verificar como o Grud se relaciona com suas fontes e constrói sua narrativa.

Já observamos, em capítulos anteriores, que as diferenças de olhares entre espaço urbano e rural são determinantes para a elaboração do produto. O tempo que fundamenta a percepção do entrevistado e do entrevistador também influencia de maneira visceral a construção da narrativa, na medida em que, baseado na interpretação dessas percepções, o jornalista seleciona a relevância das informações recolhidas em campo e as reordena como notícia formatada. Acreditamos que esse processo é fundamentado pelo relacionamento que o jornalista estabelece desde que recebe a pauta até a captação primária, *in loco*. E, embora seja importante frisar que as análises foram feitas com base no produto final, sem o acompanhamento da produção, confecção e edição das reportagens, vamos tentar compreender como a equipe, e principalmente o repórter, trabalhou com essas diferentes perspectivas.



Cena da reportagem Abacaxi Programa – Grud 22/08/2001

Na primeira reportagem analisada, Abacaxi Programa (PB), exibida no dia 22/08/2001, a repórter Michelle Meira visitou plantações da fruta no principal município produtor do estado e apresenta essa informação de maneira bem relatorial para o telespectador logo no texto de abertura: “O município de Santa Rita concentra a maior área de plantio de abacaxi da Paraíba. O equivalente a trinta e oito por cento dos doze mil hectares plantados no estado.” E mesmo quando nos leva à propriedade do produtor José Pedroza, as informações são dispostas de uma maneira distanciada, o que nos deixa a sensação de que ela foi lá e apenas buscou apoio para embasar a principal notícia da matéria, a retomada da cultura do abacaxi Paraíba. É desta propriedade que está saindo o primeiro carregamento embalado para o mercado nacional. A fala do agricultor mostra as preocupações de que o projeto, amparado pela parceria entre uma cooperativa, a empresa de assistência técnica do governo e uma empresa de comercialização, está dando certo: “Temos garantia da produção porque sai documentada, existe também garantia de transporte porque existe o seguro da carga e a chegada do produto hoje, chegando encaixado a gente ‘temos’ (sic) a certeza de que não vai haver avarias nas frutas.” Outro agricultor, que também é gerente da cooperativa complementa: “Toda a produção da gente era vendida diretamente aos atravessadores. Hoje, com a parceria da Emater e Bolsa do Mercado, os produtores diretamente se ‘direciona’ (sic) à Cooperativa, a Cooperativa faz o seu cadastro, faz a sua programação e envia para a Bolsa. Quando chega a parte de

carrego, ela faz os faturamentos, fechamento com os clientes no sul e sudeste do país e manda para as cooperativas fazerem os carregamentos no campo.”

A passagem, que é uma espécie de assinatura do repórter, quando ele mostra um aspecto que considerou relevante, parece solta, sem conexão com o restante da notícia, até porque não houve continuidade. A repórter diz: “Até noventa e oito, uma área como essa de aproximadamente vinte hectares empregava apenas dois homens. Hoje são oito trabalhadores no plantio e mais quinze nos períodos de colheita.” E o off seguinte reconduz o raciocínio ao eixo da reportagem, que a grande safra de 2001 pode devolver à Paraíba o título de maior produtor do Brasil, lugar que na época era de Minas Gerais. O coordenador do Fórum Regional do Abacaxi, órgão que organiza as políticas públicas no estado, fecha o encaminhamento puramente econômico da matéria: “A Paraíba produziu o ano passado duzentos e sessenta e oito milhões de frutos e esse ano tem uma perspectiva de produzir trezentos e cinquenta e três milhões, e isso representa um aumento na produção de trinta e um por cento.”

Todas as imagens mostram o trabalho em campo, colheita, armazenamento e carregamento dos frutos, o que reforça ainda mais o tom de que há um projeto de sucesso em andamento, e a repórter apenas divulgou esse aspecto.

A segunda reportagem, recortada da edição do dia 21/11/2001, traz um contexto mais abrangente da situação dos criadores de suínos do Rio Grande do Sul, impedidos de vender a produção para outros estados, por causa de um foco de febre aftosa, registrado meses antes no estado. A matéria foi exibida depois de outra que mostrava a satisfação dos criadores do Paraná com a exportação da carne suína e por esse motivo conseguiu estabelecer um panorama mais amplo e a questão foi assimilada com maior fluidez. O evidente direcionamento econômico da reportagem também não foi empecilho para que o telespectador tivesse uma melhor noção do conjunto da situação em 2 minutos e 44 segundos, tempo somado das duas reportagens.

Na cabeça da matéria, a apresentadora introduz o problema dos criadores gaúchos: “E o Rio Grande do Sul ainda está fora dessa festa. É que por causa

dos focos de aftosa do primeiro semestre, o porco gaúcho não é aceito fora do estado.” O texto tem a preocupação de ampliar o assunto com informações sobre o quanto o Brasil exportou no mês anterior: “No mês de setembro foi batido o recorde na venda da carne brasileira. Foram exportadas, em trinta dias, vinte e nove mil toneladas. O maior comprador é a Rússia.” Essas informações ganham força quando o repórter diz na passagem: “Enquanto estados como Santa Catarina e Paraná comemoram, o Rio Grande do Sul contabiliza os prejuízos. O estado, que é o segundo maior produtor, está desde maio com o mercado russo fechado.”



Cena da reportagem Porco/RS – Grud 21/11/2001

A matéria mostra duas entrevistas, uma com o dono de um frigorífico, que fala sobre o impacto do embargo do mercado russo para as indústrias que só trabalham no estado e outra com um criador de Erechim, no norte do estado, onde a cooperativa que absorve a produção local também negocia a produção de outros estados, e por esse motivo esses criadores estão sofrendo menos o impacto, porque são remunerados com os mesmos preços pagos aos criadores catarinenses e paranaenses. O fato de o repórter chamar o produtor pelo nome é uma prática comum nas reportagens do GRU e do Grud, uma estratégia também usada na maioria dos telejornais para criar um clima de aproximação entre o jornalista que esteve no local e o personagem, mas, na maioria dos casos, como

observamos na reportagem do abacaxi, esse vínculo é pró-forma. Nesse caso, em particular, há certa naturalidade no tratamento, um tom de conversa. Quando ouvimos o repórter Basílio Rota dizer: “Para o ‘Seu Ibenor’, receber o mesmo valor que os produtores catarinenses pelo quilo do suíno é um incentivo ao aumento da criação gaúcha. Hoje ele ganha um real e trinta e cinco centavos pelo quilo do animal vivo” notamos que o repórter compreendeu bem a situação que está contando, estabeleceu conexões sobre as diferentes realidades e conseguiu um vínculo maior com a fonte, exercitando o signo da relação. E é de maneira coloquial e tranquila que o criador responde sobre a sua vivência: – “Olha, quanto a preço hoje dá para se dizer ‘que tá, que tá’ bom. Podia até ser melhor, mas ‘tá bom’, dá pra se trabalhar até com certa, com uma boa até margem de lucro, né?”

Exemplo bem diferente encontramos na matéria “Assaí Japoneses”, exibida no dia 18/06/2003. A repórter Raquel Rodrigues literalmente relatou como foram as festividades dos 95 anos da imigração japonesa, no município de Assaí, localizado no norte do Paraná e onde vive uma importante colônia do país oriental. Fomos informados de como foi a programação, quais os costumes que os japoneses preservam e qual a relação dos descendentes dos imigrantes com a agricultura, o que justificaria o vídeo ter sido exibido no programa, mas tudo sem qualquer proximidade. Como normalmente acontece com os assuntos mais econômicos, as informações vão surgindo sem costura, como uma lista de ingredientes: “No centro da cidade um templo. Ponto de encontro dos antigos que aproveitam para ler o jornal na língua nativa.” Na imagem, um japonês idoso lendo o jornal em língua nativa, sentado em uma confortável cadeira. Daí o texto emenda “No gateball a conversa é toda em japonês.” E aparecem senhoras japonesas jogando gateball, conversando em japonês e correndo durante a partida. Não dá tempo nem de se decodificar o que afinal seria o tal jogo “gateball”, e o texto avança para mais informações: “Eles fazem questão de manter a cultura, a arte, a culinária, a religião.” Na sequência, as imagens mostram japoneses em um templo budista, em seguida na preparação de pratos decorados e um grupo de japoneses em um culto religioso. Em seguida, uma senhora japonesa, com trajas próprios para a cozinha, dá seu depoimento, como

se não fizesse parte da colônia: “Tudo o que é de japonês ‘eles queria que nós acompanhasse’ (sic). É, ... dança, comida, ... é ... comida principalmente, né.”



Cena da reportagem Assaí/Japoneses – Grud 18/06/2003

A reportagem ainda mostrou a apresentação de *tae ko*, os tambores japoneses, o ensino da língua japonesa nas escolas e a propriedade do seu Lauro Okamura, agricultor de produtos orgânicos, mas não conseguiu quebrar a grande distância na narrativa, indicando o cumprimento burocrático de uma pauta.

O momento ruim da cultura do feijão no estado de Goiás foi o tema da quarta reportagem analisada. Veiculada no dia 07/04/2004, a matéria realizada pelo repórter Alaor Rodovalho, em Catalão, no sudoeste do estado, expôs os fatores que levaram a cultura a perder espaço na região. O clima prejudicou a safra em diferentes momentos da cultura. Resultado: o produto perdeu qualidade e para piorar está sem comercialização. O texto repassa as informações com coerência, mas os três agricultores que falam na matéria servem apenas como ilustração da situação. Em nenhum momento a matéria dá pistas que o repórter se envolveu com o assunto. Ao contrário, nem mesmo a lição de casa dá proximidade, ou seja, o tratamento do personagem pelo nome foi observado. No caso, o único agricultor, que ainda está plantando feijão e que pode lucrar com a cultura, é citado assim: “Este produtor plantou seis hectares do feijão de safrinha e apesar do surgimento de ferrugem na lavoura, até agora não teve nenhum problema mais grave.” Em depoimento seu Vado Ferreira diz que espera preços melhores com a menor oferta: “Tenho notícias por aí que perderam muitas

lavouras aqui na região, né. Não só Catalão como Campo Alegre, a gente soube aí que perdeu muita lavoura por aí, né. Então, eu acho que com isso a gente vai alcançar até um preço melhor, talvez, né.”



Cena da reportagem Feijão Colheita – Grud 07/04/2004

E não ficamos sabendo, nem na nota pé, quais são os preços praticados, quanto que se pagou na última safra. Um exemplo típico de pauta detectada na redação. O repórter saiu com a incumbência de mostrar que o feijão estava perdendo espaço para outras culturas como a soja e o milho. E deixou de mostrar qual a real situação dos produtores de feijão safrinha, a produção que o repórter encontrou em campo.



Cena da reportagem Manga Exporta – Grud 12/10/2004

Os produtores do Vale do São Francisco, localizado na divisa da Bahia com Pernambuco, se destacam pela produção de frutas, principalmente manga e uva, que são comercializadas diretamente com o mercado externo. Mas na reportagem do dia 12/10/2004, eles não foram procurados para falar sobre a abertura do mercado japonês. A única entrevista sobre produção ficou restrita aos aspectos técnicos da exportação. O superintendente da Associação dos Exportadores, que representa as empresas encarregadas de embalar e distribuir as frutas para o mercado externo, falou sobre as adaptações necessárias para que o governo japonês aprovasse os embarques: “É necessário que algumas adaptações sejam feitas a exemplo da colocação de um número maior de ventiladores para fazer um revolvimento mais intenso da água. É necessário também que se faça uma espécie de um isolamento nas paredes do tanque, e também o ministério da agricultura japonês exige que os produtos tenham um acompanhamento de temperatura maior.”

No off anterior, o repórter já citava algumas alterações que as empresas precisariam fazer nos galpões para atender às exigências solicitadas: “Para medir a temperatura dos tanques onde ficam as mangas que são vendidas para os mercados americano e europeu, são usados apenas quatro termômetros em cada um. O governo japonês exige que sejam instalados pelo menos doze termômetros em cada tanque.” Ao mesmo tempo, as imagens gerais, de trabalhadores transportando pilhas de caixas de mangas, e das frutas rolando pela esteira onde

passam pelo processo de higienização, confundem o telespectador, que não sabe direito de quais tanques estão falando, porque nenhum deles foi mostrado. Não dá para saber se não conseguiram produzir as imagens para a cobertura do texto ou o vídeo foi mal finalizado, o fato é que a narrativa falada fica distante da narrativa visual. E tanto a centralização do setor num único entrevistado representando toda a cadeia, quanto a deficiência no acabamento da reportagem são fortes indicadores de que a urgência em dar a notícia foi mais forte do que a elaboração da reportagem.

Na semana nacional do folclore, o Grud exibiu a reportagem “Folclore Rural”, integrante da sexta edição analisada por esta pesquisa. O material foi produzido durante o Festival de Olímpia, em São Paulo, que desde a década de 1960 reúne grupos folclóricos de vários estados do país. Na matéria, o repórter Antônio Nóbrega mostrou o grupo de bacamarteiros de Sergipe, em uma apresentação na zona rural. O material é farto de som ambiente das danças e tiros de bacamarte, o que ajudou a reproduzir o clima artístico da notícia, como já citamos, quando priorizamos o áudio na análise das edições. Na passagem, o repórter destaca o bacamarte: “O ponto alto da apresentação é o uso do bacamarte, uma arma que pesa mais de cinco quilos. Esta daqui foi feita pelo seu Manoel.” Em seguida, ele mostra o bacamarte e o entrega a seu Manoel, um dos integrantes do grupo e continua: – “Seu Manoel, que material o senhor utilizou?” Seu Manoel mostra o bacamarte, enquanto explica ao repórter quais os materiais utilizados por ele na fabricação: –“Eu utilizei um cano de aço, utilizei uma chapa de ferro, utilizei um pedaço de sucupira, utilizei três chapas de inox e uma verga de aço.”



Cenas da reportagem Olímpia Folclore – Grud 11/08/2006

Plasticamente, o material foi bem produzido, o cinegrafista mostrou bem os passos da dança. Os entrevistados também se mostraram bem à vontade, o que mostra que o repórter investiu numa linguagem mais leve, como o assunto pede. Mas o telespectador fica sem ter noção de que os bacamarteiros são uma das tradições dos nordestinos festejarem as festas juninas e natalinas. Que o grupo representa um pelotão, com os homens carregando os bacamartes, os rifles artesanais e que são sempre acompanhados de uma banda de pífanos. Aqui, o tempo de duração da matéria, 1 minuto e 47 segundos, pode ter contribuído para a mutilação do material, não deixando margem para contextualizar e mostrar para o Brasil o que de fato representam as danças e cantos do grupo. Ficou a vontade de ver mais, saber mais a respeito do assunto.

Outro aspecto que indica que o material foi editado priorizando o tempo é o pequeno espaço reservado às impressões que o grupo causou na comunidade. O repórter bem que tentou, ao ambientar o acontecimento, em off: “A cantoria chama a atenção”, a imagem mostrava, inclusive a agitação dos cavalos no pasto ao lado da apresentação, os moradores da fazenda olhando e dançando, mas uma sonora muito curta, que nem deu para creditar a entrevistada de tão rápida, legitimou a participação dos moradores rurais: “Adorei. Achei muito bonito”.

A sétima reportagem, “Dívida Pequenos” demonstrou como um assunto árduo, quando bem assimilado pelo repórter e pela equipe, consegue ser formatado com maior equilíbrio. A reportagem foi realizada por Mauro Anchieta, frequentador de todos os jornais de rede da TV Globo. Em 2007 ele estava em Alagoas e mostrou que uma liminar da Justiça Federal estava obrigando o Tesouro Nacional a retirar do Cadastro de Devedores o nome de agricultores de todo o país que contraíram dívida com financiamentos na década de noventa. No estado, oito mil produtores poderiam receber o benefício. O problema se arrastava há anos, e para que o telespectador entendesse a questão, o repórter contou o que estava acontecendo com os agricultores José Vicente Ferreira e Antônio Ferreira. Foi por meio desses personagens que ficamos sabendo que a seca foi o principal motivo para a inadimplência. Os juros acumulados em quase 20 anos inviabilizaram o pagamento do seu José, do município de Craíbas: “O senhor comprou quantos animais com este dinheiro?” – “Eu comprei, eu comprei

dezesseis vacas e um boi touro, né. E o restante foi para plantar, sessenta tarefas de palma.... para plantar, vinte de capim.” – “E porque o senhor não teve condição de pagar?” –“Porque eu ainda não tive. Quer dizer que a seca comeu tudo. O gado morreu... e a seca tai, e o trabalho não dá para cobrir.



Cena da reportagem Dívida/Pequenos – Grud 15/08/2007

A sonora, mais longa, respeitando os respiros e tropeços do entrevistado, indica que tanto o repórter quanto o editor da matéria procuraram agregar o depoimento do agricultor como parte da notícia. O texto também revela a preocupação de contextualizar o problema, bastante intrincado, recuperando de maneira simples, como a situação desembocou na medida anunciada pela Justiça Federal de Alagoas, com validade para todos os agricultores do país na mesma situação. Nesse caso, mais que o repórter, a equipe também se posiciona de forma mais integrada com a pauta, desde a origem até a edição.



Cena da reportagem Shunji Nishimura – Grud 02/05/2008

O japonês Shunji Nishimura foi o protagonista da reportagem de destaque da edição do dia 02/05/2008, elaborada pelo repórter Ivaci Matias, que há 30 anos faz parte da equipe do GRU, para a série do centenário da imigração. A matéria mostrou em 4 minutos e 51 segundos, tempo bem maior do que o usual no programa, a história do imigrante que chegou sem quase nada ao Brasil e construiu fortuna. A imigração já tinha sido assunto de reportagem, em 2003, quando completava 95 anos da chegada do primeiro navio japonês ao Brasil, como já vimos. Mas essa foi uma reportagem especial, estruturada de maneira diferenciada, que agregou elementos pouco utilizados no dia a dia do Grud, como o resgate da história do imigrante pelas fotografias e filmes antigos. Os depoimentos do filho e de um funcionário ajudam a compor as facetas do empresário, que também criou uma fundação educacional e ajudou centenas de jovens a conquistarem uma profissão. O imigrante já tinha, 15 anos antes, sido personagem de uma matéria feita pelo mesmo repórter para o GRU, e parte deste material foi recuperada, o que enriqueceu bastante a narrativa. Além do trabalho de campo, o tratamento técnico e estético na ilha de edição também ajudou a produzir um vídeo diferenciado. Com mais tempo de produção, a exemplo do que ocorre no GRU, o repórter teve condições de fazer uma imersão para atualizar o assunto e produzir um vídeo mais autoral, conectando passado e presente com uma narrativa leve e fluída.

A nona reportagem, “Suíno Sobre”, realizada pela repórter Camila Caires, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, outra frequentadora do GRU e do Grud, também revela a intimidade que a jornalista tem do assunto. A matéria tem um encaminhamento econômico e conta o drama dos criadores que estão sem mercado para comercialização dos animais. Sem ter para quem vender, eles estão gastando mais para manter a granja. Os números do prejuízo estão todos contidos no texto, no entanto, a situação é contada de maneira mais humanizada, sem despejar no telespectador uma enorme quantidade de valores sem sentido. O entendimento da repórter sobre o tema é perceptível nas entrevistas, que avança o imediatismo causado pela situação. Geralmente as matérias econômicas ficam presas ao fato principal e esclarecem pouco sobre quais providências os criadores ou agricultores pretendem tomar.



Cena da reportagem Suíno Sobre – Grud 04/03/2009

O conhecimento da repórter ajuda a construir uma relação de maior igualdade com o entrevistado, que não precisa explicar o be-a-bá da atividade para ser entendido. Nesse caso, para tentar resolver o problema, o criador José Alberto Pinesso, de São Gabriel do Oeste, está abatendo as matrizes: “Com estes preços baixo que tá aí, a gente tem que diminuir o máximo possível os animais, para a gente poder conseguir diluir este custo lá na frente, se caso a gente venha a ter lucro, né?” – “E quanto vocês diminuiram até agora?” – “Olha, são em torno mais ou menos de duzentas matrizes que nós já mandamos para abate, né, e tem mais alguma coisa que ‘tá’ indo, depois do parto a gente vai selecionando os

animais que tem uma performance menor, a gente vai mandando eles para o abate também.” O mesmo ocorreu com o outro entrevistado, o criador Zélio Pessato: – “Uma granja de trezentas matrizes, eu estou desativando porque não tem mais condições. Tem que baixar, porque nós não aguenta mais o custo muito alto, e sem lucro nós não podemos trabalhar, né?”

A experiência da repórter, que também é responsável pelo programa rural da TV Morena, de Mato Grosso do Sul, talvez tenha sido o diferencial para amenizar os confrontos entre o universo rural e urbano, latentes em outras reportagens desta mesma edição do dia 04/03/2009.



Cena da reportagem Pecuária Várzea – Grud 16/09/2010

A pecuária de várzea foi o tema da reportagem de Daniela Assayag, a décima analisada por esta pesquisa. Construída ao longo de um ano, com o apoio do núcleo Natureza, o material teve chance de ser trabalhado com maior apuro e capricho desde a produção. O vídeo mostra as várias fases da criação de bois e búfalos nas propriedades ribeirinhas dos rios do estado do Amazonas. O acompanhamento dos manejos, com várias visitas da repórter às mesmas propriedades nas épocas de seca e cheia, facilitou o estabelecimento de uma relação mais amigável e direta com os entrevistados, evidenciada nas falas, que preservaram o regionalismo: – “Eles aguentam assim dentro da água quanto

tempo Antonio?” – “Três dias e três noites. Mais do que isso já começa a suspender a mão, começa a dar unheiro, né!” Em seguida o off explica: “Unheiro é como o ribeirinho trata a dermatite, inflamação nos vãos dos cascos do animal quando ele fica muito tempo dentro da água ou na lama.”

Integrante de uma série sobre o Amazonas, apresentada naquela semana, a reportagem revela a imersão da repórter ao universo dos ribeirinhos e um texto mais autoral com passagens participativas e a conexão entre tempo e espaço que envolve o telespectador.

A seca na região sul do Rio Grande do Sul, última matéria da análise, foi exibida no dia 06/12/2010, primeira edição do Grud com 25 minutos. A reportagem, com 2 minutos e 42 segundos, estava integrada a outra, que mostrava como o clima se comportou nas outras regiões do estado e as previsões do Inpe, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, baseada nas influências do fenômeno La Niña no sul do país. Também foram exibidos mapas com a distribuição da chuva no mês de novembro, um reforço para demonstrar o problema e ainda um link sobre as perdas já registradas, com o diretor técnico da Emater, o mais importante órgão de assistência técnica do país. Dessa maneira, o telespectador teve condições de perceber a dimensão da estiagem num dos mais importantes produtores de grãos, frutas e carnes do país. Esse mesmo contexto nos levou a considerar o assunto como um todo, da mesma maneira que já tínhamos optado por olhar o conjunto da situação em uma análise anterior, também no Rio Grande do Sul, no ano de 2001.

Na abertura do bloco ficamos sabendo que a distribuição de chuvas no norte e noroeste do estado gaúcho foram dentro da média, apesar da previsão de seca para todo o Rio Grande do Sul. Os produtores de soja estavam receosos de faltar chuva em fevereiro, época de enchimento dos grãos, e quando a seca derrubaria a produtividade das lavouras. Em seguida, a reportagem de Jandira Vanin mostrou as perdas já provocadas pela seca, na porção mais ao sul do estado. O vídeo detalhou o prejuízo nas plantações de arroz e pêssego. Depoimentos, como do agricultor Gilberto Reguzzoni, que utilizou a água que já tinha armazenado para o ciclo principal da cultura, ajudava a entender o medo

dos produtores: – “Há 30 anos plantamos aqui em Dom Pedrito, eu e meu sócio, e nós não tínhamos nunca que ter banhado pra nascer. É uma seca muito antecipada, na região”. A entrevista com a meteorologista Estael Sias, no entanto, foi o ponto principal da reportagem. Em uma sonora longa para o padrão dos telejornais, 37 segundos, ela esclareceu quais as influências que o La Niña teria nos próximos 3 meses. “O padrão de chuva muda em todo o país. A umidade da Amazônia, que define o regime de chuvas, estará voltada para as regiões centro-oeste e sudeste. Com o La Niña, que é o resfriamento das águas do Oceano Pacífico, a seca, que é uma característica típica de verão no Rio Grande do Sul, acaba sendo acentuada, e a tendência é de estiagens mais longas.”

Ao dar voz ao tema, bastante técnico e por isso mesmo espinhoso, e conseguir buscar respostas diretas e simples, a repórter e os editores da matéria conseguiram mais que divulgar o acontecimento, estabelecer relações entre os fatos.



Cena da reportagem Clima Seca RS – Grud 06/10/2010

Outros aspectos também indicam a pretensão da equipe em ampliar o tema e permitir conexões mais aprofundadas da questão. Na chamada para o Mapa Tempo, a apresentadora retomou a situação dos agricultores. “A preocupação do seu Lauro e do seu Gilberto (os dois produtores da reportagem) é a mesma de muitos agricultores do Rio Grande do Sul. Nós vamos conversar agora com a Eliana Marques (a apresentadora do quadro meteorologia) para saber a situação da chuva no Rio Grande do Sul”. Em seguida entrou a previsão de pouca chuva para o estado, e o mapa mostrando os principais pontos de

estiagem, nas diferentes regiões do estado. “Em Santa Maria, na região central, a média é de 140 milímetros, e o índice ficou em 60. Em Bagé, dos 120 milímetros esperados, choveu 50”. Na sequência, durante a reportagem ao vivo, com o repórter Rodrigo Saccone, de Porto Alegre, a apresentadora Ana Paula fez uma intervenção, também buscando proximidade ao recolocar a questão. – “Rodrigo, como vimos nas reportagens, já tem agricultor sofrendo com a falta de chuva. Já existe uma estimativa de perdas por causa dessa condição climática?” No conjunto, o assunto consumiu mais de 6 minutos da edição.

A seguir, uma análise comparativa das 11 reportagens.

Abacaxi Programa	Informações dispostas de maneira distanciada, as falas viram apêndice da matéria. A passagem não tem conexão com o restante da notícia, encaminhamento puramente econômico. Signo da divulgação. (-)
Porco RS	Matéria exibida depois de outra relativa ao assunto, amplia o panorama, o telespectador tem melhor noção de conjunto da situação. Aproximação entre jornalista (que esteve no local) e personagem. Signo da relação (+)
Assaí Japoneses	Reportagem sem qualquer proximidade com tema e personagens. Texto relatorial, sem preocupação em contextualizar detalhes da cultura japonesa. Signo da divulgação (-)
Feijão Colheita	As fontes servem apenas como ilustração. Repórter distante do tema, sem envolvimento com entrevistado. Signo da divulgação (-)
Manga Exporta	Produtores não foram ouvidos, reportagem restrita aos aspectos técnicos, uma única fonte entrevistada. Signo da divulgação (-)
Olímpia Folclore	Plasticamente bem produzido, mas edição não contextualiza nem mostra o significado das danças, nem se preocupa com as impressões que o grupo causou na comunidade (+ ou -)
Dívida Pequenos	Sonoras mais longas, respeitando os uspiros e tropeços do entrevistado. Repórter e equipe se integram com a pauta desde a origem até a edição. Signo da relação (+)
Shunji Nishimura	Repórter integra a equipe do GRU há 30 anos, material captado é diferenciado, desde a gravação até edição. História de vida bem contada, em seus vários aspectos – Signo da relação (+)
Suíno Sobra	Situação é contada de maneira humanizada, o conhecimento da repórter sobre o assunto constrói relação de maior igualdade com o entrevistado. Signo da relação (+)
Pecuária Várzea	Material trabalhado com capricho. Várias visitas da repórter, relação amigável e direta com os entrevistados. Imersão (produção durou 1 ano). Texto autoral, com passagens participativas. Temporalidade que envolve o telespectador. Signo da relação (+)
Clima Seca	Reportagem integrada com outra (cadeia de enunciados), depoimentos ajudam a entender o medo dos produtores, respostas diretas e simples estabelecem a relação entre os fatos. Aprofundamento. Signo da relação (+)

Dentro do quarto operador foram observados: o signo da relação, imersão, compreensão (polifonia e polissemia) e voz autoral. E a relação entre entrevistador e entrevistado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever e observar o modo de produção e exibição da notícia veiculada pelo Grud, proposta desta pesquisa, também me debrucei em meu próprio trabalho, e, independentemente dos resultados que ora estou procurando alinhar, eles já produziram imensa repercussão no fazer diário e no meu crescimento profissional e pessoal.

Também é importante registrar que as considerações elaboradas a partir deste estudo não têm a pretensão de estabelecer certezas nem conclusões que se arrogam definitivas. Por meio de uma pequena amostragem e também da experiência e convívio com a equipe produtora do programa, a tentativa foi de buscar as conexões que mostrassem quais as especificidades das narrativas do Grud.

O fio condutor da análise foram observações sobre a construção do estilo e do tom – o que se espera do programa pelas normas do gênero – utilizados pela equipe de profissionais que materializa o programa, na formatação das notícias apresentadas. A maneira como o Grud se relaciona com seu público e elabora um jeito de dizer específico, aqui identificado como modo de endereçamento, deu suporte para a interpretação do fazer relacionado às competências, às circunstâncias e às condições empíricas que envolvem o jornalismo. As edições e reportagens selecionadas foram avaliadas com a verificação do contexto comunicativo; da temática e organização das editorias; do pacto que a equipe assume com o público e da relação com as fontes. Este último aspecto também foi verificado por meio de elementos do ponto de vista epistemológico da compreensão, sobretudo no que diz respeito ao modo como o repórter se relaciona com suas fontes e personagens.

O Grud surgiu como desdobramento do bloco de mercado do programa semanal e, embora, tenha a mesma grife, aos poucos, foi se firmando como um programa híbrido, mesclando a temática rural aos padrões comuns dos telejornais generalistas exibidos pela Rede Globo de Televisão. Inserido no gênero programa jornalístico televisivo, está articulado ao subgênero telejornal temático. Responde

aos elementos já dados, ou seja, ao modelo socialmente reconhecido como telejornal, e responde às combinatórias tonais já existentes previstas por esse subgênero e varia na temática, propondo, ao abordar os temas rurais, atuar com um signo diferenciado. Nesse sentido, a integração da equipe e até a manutenção do mesmo nome para os dois programas aponta para a estratégia da emissora de agregar o valor construído pela história da edição dominical. No entanto, o Grud já nasceu com outra vocação, e ao longo dos dez anos de existência, fortaleceu sua personalidade, e, mostra hoje identidade própria. Essas marcas podem ser observadas, principalmente, na organização narrativa.

A proposta de abastecer o público com notícias atualizadas, com prioridade para as reportagens voltadas para o agronegócio, faz parte do compromisso da equipe com o que presume ser uma demanda dos telespectadores: um produto que atenda aos interesses do cotidiano do produtor rural e também de numa audiência supostamente ligada ao universo rural. As matérias que tratam de saúde, educação, cultura, esporte, curiosidades, indicam o diálogo com uma audiência mais diversificada. Mas, no estudo das edições analisadas, verificou-se, entre os critérios de noticiabilidade, uma grande quantidade de notícias relacionadas à atividade econômica dentro de toda a cadeia produtiva. Das 200 retrancas contidas nos espelhos, cerca de 60% correspondem a reportagens que falam do assunto. São cotações, boletins meteorológicos, andamento das safras, análise de mercado. A relevância das matérias de cunho mais econômico também foi observada durante as entrevistas com os integrantes da equipe.

A escolha de uma edição por ano permitiu observar traços importantes na linha evolutiva do programa. O que mais chamou a atenção desta autora foi como a ampliação do tempo do telejornal influenciou no tom e no estilo do programa e, também, na narrativa das reportagens. Imprimiu novo ritmo ao programa.

Um tempo maior para a realização de uma matéria pode oferecer a possibilidade de ampliação na qualidade de percepção do universo levado ao telespectador. Um tempo maior associado às intenções dos produtores pode fazer com que o personagem da matéria não seja inserido em uma receita pré-estabelecida, como acessório para a fala autorizada, independentemente de sua

vida e de suas experiências. O tempo permite inserir elementos que atestem a preocupação com o ritmo rural, que traga marcas das dinâmicas espaciais e culturais desse lugar e possibilita uma atenção de outra natureza, porque produz um saber que é inseparável da vida vivida. E para se fugir dos modelos padronizados e das estratégias midiáticas do registro, deixando as pessoas falarem um pouco mais, é preciso mais tempo.

Atualmente o Grud ocupa um espaço muito superior ao destinado ao programa semanal, que tem 45 minutos de produção jornalística e 1 hora de exibição por semana: os 25 minutos diários de produção jornalística do Grud representam ao final de uma semana 2 horas e 5 minutos de informação. No tempo total, dentro da programação, com as inserções comerciais, são 2 horas e meia no ar. Isso sem contar a contribuição da equipe do Grud para a produção do bloco de mercado do GRU, o que representa mais 8 minutos de reportagens exibidas aos domingos. Ao passar de 12 para 25 minutos de produção jornalística, as reportagens, que tinham, em média, 1 minuto e 20 segundos, aumentaram para 2 minutos. E esse crescimento alterou as edições e também a condução do conjunto do telejornal.

A maior diversidade de assuntos e a possibilidade de agregar diversas reportagens para detalhar melhor determinadas problemáticas já mostraram importantes alterações no ritmo do programa quando ele ganhou mais 40% de produção jornalística, em 2008, e chegou aos 17 minutos. Essas marcas se firmaram, e o andamento ganhou novo reposicionamento com a obtenção de mais 7 minutos de jornalismo, no final de 2010, quando alcançou 25 minutos.

As cabeças e notas pé, que antes eram mais enxutas por conta do tempo do jornal, não davam muita margem para um texto conversado e fluido. A maior frequência das transmissões ao vivo tem mostrado um diferencial na atualização de notícias e também na dinâmica do jornal. A maior oferta de serviços, assim como o aprofundamento de análises da conjuntura econômica dos produtos agrícolas, permite ao público interessado no agronegócio, por exemplo, estabelecer conexões de contexto e tendências de mercado, reforçando a função de responsabilidade social, no intento de ampliar as percepções das questões atuais.

Com 12 minutos de produção jornalística, em média eram exibidas diariamente de 4 a 5 reportagens. Quando o programa passou para 17 minutos, esse número aumentou para 5 ou 6, em média, por edição. Essa mudança permitiu edições com maior respiro, sonoras maiores e com maior preocupação de contextualizar os fatos. Com a ampliação para 25 minutos, são exibidas entre 6 e 7 reportagens. Mais uma vez o jornal ganhou no aspecto qualitativo: com mais tempo, é possível fazer a seleção dos assuntos do dia e deixar espaço para reportagens produzidas com maior fôlego, editadas com mais capricho.

As edições dos últimos 3 anos mostram que o Grud está menos relatorial, e mais apto a humanizar os acontecimentos. É claro que a diversidade imposta pela característica principal de um telejornal, que é variedade de notícias, sempre dá margem para edições mais duras, com reportagens enxutas, com a situação de determinado produto exposta apenas com números e sonoras ilustrativas. No entanto, o programa está menos engessado.

Outro aspecto que esta pesquisadora também considerou importante destacar é a relação do repórter com o assunto e os entrevistados. O “saber” e a “experiência” dos profissionais do jornalismo também são determinantes para a prevalência do signo da relação, ou seja, daquilo que se chamou neste trabalho, de “a percepção diferenciada que permite ao jornalista e à sociedade captarem a polifonia, a polissemia e os signos que emergem da realidade social”. As reportagens com acompanhamento da equipe de retaguarda, na redação, até conseguem trazer o clima e o linguajar mais simples para assuntos às vezes complexos, mas também correm o risco de evidenciar o que foi detectado de fora, na medida em que influencia toda a captação em campo. Mas nos casos onde o jornalista tem maior domínio do tema e da linguagem do programa, o resultado é superior.

Nas onze reportagens analisadas, cinco situações chamaram a atenção: o perfil do imigrante japonês Sunji Nischimura, realizada pelo repórter Ivaci Matias; a pecuária de várzea na região amazônica, feita por Daniela Assayag; o mercado de suínos em Mato Grosso do Sul, conduzida por Camila Caires; as dívidas dos pequenos agricultores, desenvolvida por Mauro Anchieta, em Alagoas, e o

embargo de suínos do Rio Grande do Sul, do repórter Basílio Rota. Todas essas matérias fazem parte do *corpus* da análise e foram escolhidas para serem analisadas com maior profundidade por conta do espaço de publicação: são as mais extensas de cada edição. O que motivou essa seleção foi o entendimento desta autora de que, com a maior disponibilidade de tempo, as narrativas ganham melhor condição para o aprofundamento e contextualização dos assuntos.

Neste sentido, esta pesquisa arrisca dizer que o tempo, somado à compreensão e imersão do repórter, pode produzir narrativas mais preocupadas em dar voz e sentido aos acontecimentos contemporâneos. Vale lembrar que esse raciocínio não tem a pretensão de indicar, de maneira simplista, que a conjugação dessas duas variáveis significa um resultado satisfatório em todas as ocasiões. Outros fatores precisam ser levados em consideração quando tratamos de valores qualitativos.

Um deles é que, quando falamos de televisão, não podemos ignorar o conjunto representado por toda a equipe. Não se faz comunicação televisiva solo. Por isso, é importante lembrar que o repórter tem sua atuação limitada, e que sua experiência acontece dentro de um tempo cercado de constrangimentos, podendo, portanto, confirmar o que já é conhecido tanto quanto perturbar o que parecia óbvio. Assim, o que existe de especial em uma experiência é o modo como ela testemunha e cria condições para burlar padrões.

E é importante reestabelecer nesta argumentação que o Grud está umbilicalmente ligado à veia operacional e editorial que garante o sucesso de mais de 30 anos do programa dominical. O modo de produção, edição e exibição da notícia nasceram e continuam vinculados ao GRU. Impregnada do fazer ligado ao compromisso de estabelecer diálogos e novas conexões às questões rurais, a prática diária tem mostrado que a equipe do Grud tem outro foco, e é justamente esta tensão, entre a linguagem do semanal, que está centrado em reportagens mais longas, na difusão de tecnologia, no ambiente sócio-cultural rural, sem tanta ligação com a factualidade e a urgência do fazer diário para dar conta, principalmente, das classes de informações que atendem ao universo do agricultor, para ajudá-lo a compreender as demandas de atualidade dentro dos

negócios rurais. que configuram as narrativas do Grud. Assim, ele se impõe como um produto diferenciado, embora utilize o mesmo sobrenome.

REFERÊNCIAS

- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.
- BARBERO, Jesus-Martín. *Ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BARBERO, Jesus-Martín. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2008.
- _____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CASTRO, Ana Caroline. *Escrevendo cartas para um programa de TV: cartas na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CASTRO, Gustavo; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Orgs). *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- COHN, Gabriel. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CRIADO, Alex. *Falares: a oralidade como elemento construtor da grande reportagem*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- DEGL'IESPOSTI, Júlio César. *A grande reportagem na televisão brasileira: um estudo do Globo Rural*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Cásper Líbero. São Paulo, 2009.
- DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: entre gêneros/formatos e produtos*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2003, Belo Horizonte, MG. Disponível em:
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/5068/1/NP15DUARTE.pdf>
. Acesso em: 20 mar. 2011.

_____. Produção televisual: incidências do tempo sobre o tom. In: *Unirevista*. v. 1, n. 3:3, julho de 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_BDuarte.PDF . Acesso em 20 mar. 2011.

_____. Quando e como a TV fala de si. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/duarte-elizabeth-bastos-quando-como-tv-fala-desi.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: *Televisão e Realidade*. GOMES, Itânia Maria Mota (Org.) Salvador: EDUFBA. 2009.

FARO, J. S. Raízes culturais de nossa imprensa contemporânea. *Revista de Cultura Vozes*, volume LXXI, ano 71, n. 6, ago. 1977.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente*. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2005.

GOMES, Itânia Maria Mota (Org.) *Televisão e realidade*. Salvador: EDUFBA. 2009.

GOMES, Itânia Maria Mota. Questões de método na análise de telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. *Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação*, abr. 2007.

_____. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teórico-metodológicos para análise. Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, do XV Encontro da Compós, Unesp, Bauru, SP, 2006.

_____. A noção de gênero televisivo como estratégia de interação: o diálogo entre os cultural studies e os estudos da linguagem. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, dez. 2002.

GOMES, Itânia Maria Mota et al. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 25, p. 85-98, dez. 2004.

GOMES, Itânia Maria Mota et al. Modos de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

http://www.lendorelendogabi.com/lendas_mitos/lendas_dia_e_noite2.htm

KÜNSCH, Dimas Antônio. Teoria Compreensiva da Comunicação. In KÜNSCH, Dimas Antônio & BARROS, Laan, Mendes de . *Comunicação*:

saber, arte ou ciência? São Paulo: Plêiade, 2008, p173-195.

KÜNSCH, Dimas Antônio. Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador. *Líbero*, n. 22, 2008, p.43-51.

_____. Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão. *Líbero*, v.10, n.19, 2007, p.51-59.

_____. A comunicação jornalística em tempos de ódio: as revistas brasileiras e a guerra contra o Iraque. *Comunicação Midiática*, v. 5, 2006, p. 79-98.

_____. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2005.

_____. Compreendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. *Communicare*, v. 5, n.1, 1º sem., 2005, p.43-54.

_____. Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo. *Líbero*, v.15/16, 2005, p. 22-31.

_____. Jornalismo transformativo (um diálogo com Edvaldo Pereira Lima), 2004. Disponível em:
<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20040607154202&category=ensaios&lang> . Acesso em: 19 jul. 2010.

_____. *O eixo da incompreensão: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação*. Tese de Doutorado, ECA-USP. São Paulo, 2004.

_____. Elogio à razão luminosa. *Communicare*, v.3, 2003, p.159-161.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª ed. Barueri: Manole, 2008.

_____. Conceito: Jornalismo literário. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em:
<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>. Acesso em: 12 set. 2010.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo, Editora SENAC, 2000.

MACHADO DA SILVA, Juremir. Em busca da complexidade esquecida. *Famecos*. n. 5.1996, p.14-20.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida. Variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007 a.

_____. *O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007 b.

_____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAIA, Jussara Peixoto. *O Jornal Nacional e o Globo Rural: as relações entre gêneros e modos de endereçamento no telejornalismo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da UFBA, Salvador, 2005.

MAIA, Jussara Peixoto. *Globo Rural: edições diárias, programa temático ou telejornal?* Trabalho apresentado ao NP Comunicação Audiovisual, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2007.

MARTINEZ, Monica. *Programa Globo Rural: um exemplo de jornalismo literário em mídias eletrônicas*. Intercom, Curitiba, 2009.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

_____. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Ciência e sociedade: mediações jornalísticas*. São Paulo, CCS/USP, 2005.

_____. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo & GRECO, Milton (Orgs.) *Saber Plural: o discurso fragmentalista das ciências e a crise de paradigmas*. São Paulo: ECA/USP, 1994.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil recente: 1964-1980*. São Paulo: Ática, 1988.

MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Cultura de massas no século XX: Necrose, Vol. 2*. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.

_____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1975.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Técnica de redação em jornalismo: escrever e comunicar*. São Paulo: Saraiva, 2009.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

PEREIRA, Humberto. Um olhar sobre o Brasil. *Revista Globo Rural*. São Paulo. out. 2000. Disponível em: <http://globorural.globo.com/barra.asp?d=/edic/180/rep15anos.htm> .

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil*. um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. Um discurso sobre as ciências. Discurso proferido na abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra no ano letivo de 1985/86 disponível em: carla.cristiana.googlepages.com/DiscursoCiencias.pdf. Acesso em: 21 jul. 2010.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUSA, Rainer. <http://www.brasilecola.com/historiag/a-razao-cartesiana.htm>. Acesso em 20 nov. /2010.

TAVARES, Maria José de Castro Souza. *Produção em telejornalismo rural: um estudo de caso do Globo Rural*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Universidade de Marília, Marília, SP, 2008.

ANEXO 1

ESPELHO GRUD 22/08/2001

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	22/08/2001
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	22/08/2001
3	ESCALADA	GRUD	22/08/2001
4	ABACAXI/PROGRAMA	GRUD	22/08/2001
5	ABACAXIPROGRAMA/PÉ	GRUD	22/08/2001
6	SUDENE/INVASÃO	GRUD	22/08/2001
7	SUDENEINVASÃO/PÉ	GRUD	22/08/2001
8	CHAMA/TEMPO1	GRUD	22/08/2001
9	TEMPO/HOJE	GRUD	22/08/2001
10	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	22/08/2001
11	QUARTA - 22/08/2001	GRUD	22/08/2001
12	COTAÇÃO BALAIO	GRUD	22/08/2001
13	*** PASSAGEM 1 *****	GRUD	22/08/2001
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	22/08/2001
15	MANGARITO/FICHA	GRUD	22/08/2001
16	MANGARITOFICHA/PÉ	GRUD	22/08/2001
17	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	22/08/2001
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	22/08/2001
19	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	22/08/2001
20	CHUVA/5 DIAS	GRUD	22/08/2001
21	BOI COTAÇÃO	GRUD	22/08/2001
22	12' 30"/ NO AR 06:28	GRUD	22/08/2001
23	MULHERES/LAVOURA	GRUD	22/08/2001
24	MULHERES/LAVOURAS	GRUD	22/08/2001
25	*** ENCERRAMENTO *****	GRUD	22/08/2001
26	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	22/08/2001
27	**** STAND BY *****	GRUD	22/08/2001
28	PEIXE/RACEWAY	GRUD	22/08/2001
29	PEIXERACE-WAY/PÉ	GRUD	22/08/2001

Apresentação: Rosana Jatobá - Tempo Jornal: 12' de produção jornalística

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA ESCALADA

Cresce o trabalho feminino nas lavouras do Espírito Santo. / Agricultores invadem a sede da antiga Sudene, no Recife. / **Teaser** "A Paraíba recupera a produção de abacaxi./ A expectativa de safra neste ano é de 353 milhões de frutos./ Em São Paulo, está terminando a colheita de mangarito, uma planta brasileira cada vez mais difícil de se encontrar.//

ABACAXI PROGRAMA – Santa Rita – PB

Cabeça: A Paraíba volta a investir alto na produção de abacaxi, depois de perder o primeiro lugar da produção nacional em noventa e três./ A adoção de estratégias de venda e a suspensão da cobrança do ICMS deram um novo impulso à lavoura no estado.//

Nota pé: Agricultores como seu José Pedrosa, que você viu aí na reportagem, recebem três reais e quarenta e quatro centavos pela caixa de abacaxi com oito unidades, já descontado o custo da embalagem./

SUDENE OCUPA – Recife – PE

Cabeça: Trabalhadores rurais de vários estados do nordeste ocupam a sede da extinta Sudene, no Recife./ Eles querem a ampliação do número de cadastrados no bolsa-renda e aumento no valor do benefício//

Nota pé: A Contag – a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - quer que o número de pessoas cadastradas no programa bolsa-renda passe de setecentos mil para dois milhões./ O governo diz que não negocia com os trabalhadores enquanto o prédio não for desocupado./ De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, mais de oitocentos municípios castigados pela seca vão ter direito ao bolsa-renda.//

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentador: Lúcio Sturm

COTAÇÃO BALAIO

Soja: em Ponta Grossa, no Paraná, vinte e sete e cinquenta a saca.// O quilo vivo do frango foi vendido por noventa e sete centavos em Pará de Minas, Minas Gerais./

PASSAGEM DE BLOCO:

Veja no próximo bloco: colheita de mangarito em São Paulo./ E aumenta o trabalho feminino nas lavouras do Espírito Santo.//

Segundo bloco

MANGARITO/FICHA – Sarapuí – SP

Cabeça: Um produtor de Sarapuí, em São Paulo, está cultivando uma planta brasileira cada vez mais difícil de se encontrar./ Ela lembra a batata ou a mandioquinha-salsa: é o mangarito./

Nota pé: O mangarito se come cozido, como a batata./ No Globo Rural de domingo, você vai aprender uma receita muito gostosa de frango caipira com mangarito.//

COTAÇÃO CAFÉ

Veja os preços do café no mercado interno: Café fino: cento e treze reais em Araguari, Minas./ Café conilon: quarenta e seis, em São Gabriel da Palha, Espírito Santo.//

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 5 dias**BOI COTAÇÃO**

Mercado do boi gordo: Em Guararapes, São Paulo, quarenta e três reais./ Em Itapetinga, na Bahia, quarenta./ O índice **ESALQ/BM&F** fechou em quarenta e dois e noventa.//

MULHERES/LAVOURA – ES

Cabeça: Cresce a mão de obra feminina nas lavouras do Espírito Santo./Cento e oitenta mil mulheres já conquistaram vaga no mercado de trabalho rural do estado.//

Nota pé: As mulheres e os homens recebem o mesmo salário pela colheita de mamão: cento e oitenta e três reais por mês./ Na colheita da pimenta só trabalham mulheres./ Elas recebem de dezessete a vinte centavos por quilo colhido./ O pagamento varia de acordo com a qualidade da pimenta./ Nos dois casos os trabalhadores têm carteira assinada como safrista.//

NOTA DE ENCERRAMENTO

Fique agora com as notícias do seu estado./Um bom dia pra você e até amanhã.//

=====

==

ESPELHO GRUD 21/11/2001

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	21/11/2001
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	21/11/2001
3	ESCALADA	GRUD	21/11/2001
4	FEIJÃO/PR	GRUD	21/11/2001
5	FEIJÃO/PÊ	GRUD	21/11/2001
6	ALGODÃO/REDUZ	GRUD	21/11/2001
7	ALGODÃO/PÊ	GRUD	21/11/2001
8	CHAMA/TEMPO1	GRUD	21/11/2001
9	TEMPO/HOJE	GRUD	21/11/2001
10	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	21/11/2001
11	RESULTADO/LEILÃO	GRUD	21/11/2001
12	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	21/11/2001
13	*** PASSAGEM 1 *****	GRUD	21/11/2001
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	21/11/2001
15	SEGURO/SAFRA	GRUD	21/11/2001
16	SEGUROSAFRA/PÊ	GRUD	21/11/2001
17	COTAÇÃO BALAIO	GRUD	21/11/2001
18	LAPADA	GRUD	21/11/2001
19	CHAMA/TEMPO2	GRUD	21/11/2001
20	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	21/11/2001
21	CHUVA/5 DIAS	GRUD	21/11/2001
22	BOI COTAÇÃO	GRUD	21/11/2001
23	SUÍNO/MERCADO	GRUD	21/11/2001
24	PORCO/RS	GRUD	21/11/2001
25	PORCORS/PÊ	GRUD	21/11/2001
26	*** ENCERRAMENTO *****	GRUD	21/11/2001

27	*** STAND BY *****	GRUD	21/11/2001
28	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	21/11/2001
29	FAMÍLIA MEL	GRUD	21/11/2001
30	FAMÍLIA MEL PÉ	GRUD	21/11/2001

Apresentação: Rosana Jatobá – Tempo Jornal: 12'

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Mau resultado./ Agricultores do Paraná aumentam o plantio do feijão./ Esforço inútil./ O Mato Grosso produz mais algodão do que consegue vender./ Boa notícia no campo./ Teaser "o programa seguro safra deverá beneficiar um milhão e cem mil famílias"./ Fim de ano traz otimismo ao mercado do porco./ E os criadores gaúchos aguardam uma boa notícia da Europa./

FEIJÃO/PR – Prudentópolis – PR

Cabeça: Bom dia./ O preço do feijão está bom no Paraná./ Mas a geada prejudicou a safra que está sendo colhida na região central do estado./ Muitos agricultores não tem produto para vender.//

Nota pé: a saca do feijão preto no Paraná custa cerca de oitenta e cinco reais.//

ALGODÃO/REDUZ – Lucas do Rio Verde – MT

Cabeça: Mato Grosso, em poucos anos, se tornou o principal produtor de algodão do país, responsável por quase sessenta por cento da safra nacional./ Mas no plantio de agora, os agricultores estão cautelosos./ A comercialização da safra passada não foi boa e eles temem novos investimentos.//

Nota pé: A estimativa é que cem mil hectares deixem de ser cultivados com algodão, em Mato Grosso.//

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Lúcio Sturm

RESULTADO LEILÃO – Texto com GC

A Conab realizou, ontem, dois leilões de estoques de milho dos estados de Goiás e Mato Grosso./ Foram ofertadas cinquenta e cinco mil e trezentas toneladas./ Houve arremate de sessenta por cento./ O preço mínimo da saca de milho ficou entre oito reais e noventa centavos e nove reais e cinquenta.//

COTAÇÃO CAFÉ

Veja os preços do café: / Café fino: cento e quatorze em Guaxupé, Minas./

Café conilon: cinquenta e um em São Gabriel da Palha, Espírito Santo.//

PASSAGEM DE BLOCO

Você vai ver no próximo bloco./ Agricultores protestam em Pernambuco./ E os criadores de suínos investem na alta do mercado./

Segundo bloco

SEGURO SAFRA – Brasília – DF

Cabeça: Hoje o governo vai lançar o programa seguro safra, que deve atender agricultores vítimas da seca./ A repórter Camila Guimarães, de Brasília, tem outras informações.//

Nota pé: O programa seguro safra vai ser lançado hoje pelo presidente Fernando Henrique e pelo ministro do desenvolvimento agrário, Raul Jungmann, em Petrolina, Pernambuco.

COTAÇÃO BALAIO – Cotação de vários produtos agrícolas, na mesma arte

Mercado agrícola:/ Milho: nove reais e sessenta centavos em Maringá, Paraná./ Feijão: Cinquenta e dois em Itapeva, São Paulo./

LAPADA – Reforma Agrária - RS + PE

Cabeça: Começa hoje o seminário internacional de agricultura familiar e desenvolvimento sustentado./ O encontro vai reunir técnicos, pesquisadores e agricultores da América Latina e Europa./ As apresentações de experiências e os debates vão até sexta-feira, no auditório da Embrapa, no Parque da Estação Biológica, em Brasília./ Vamos a outras notícias do campo.//

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo:/Em Presidente Prudente, São Paulo, quarenta e seis reais./ em Naviraí, Mato Grosso do Sul, quarenta e três./ O índice ESALQ/BM&F se manteve em quarenta e seis reais.//

SUÍNO MERCADO – PR

Cabeça: Criadores de porcos têm motivos para comemorar./ As vendas estão boas no mercado interno e no exterior./ Nas granjas, o investimento é no melhoramento genético e no aumento do rebanho./

PORCO/RS

Cabeça: E o Rio Grande do Sul ainda está fora dessa festa./ É que por causa dos focos de aftosa do primeiro semestre, o porco gaúcho não é aceito fora do estado.//

Nota pé: Hoje a União Européia deve divulgar se volta ou não a consumir a carne gaúcha./ O comitê veterinário da União Europeia está reunido desde ontem em Bruxelas, na Bélgica./ Técnicos europeus estiveram no Rio Grande do Sul para avaliar as medidas de combate à aftosa no estado.//

NOTA DE ENCERRAMENTO – Fique agora com as notícias do seu estado./ Um bom dia e até amanhã./

=====

ESPELHO GRUD 18/06/2003

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	18/06/2003
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	18/06/2003
3	ESCALADA	GRUD	18/06/2003
4	TEMPO DE BLOCO 1	GRUD	18/06/2003
5	PESQUISA PROTESTO	GRUD	18/06/2003
6	PROTESTO PÉ	GRUD	18/06/2003
7	CHAMA/TEMPO1	GRUD	18/06/2003
8	TEMPO/HOJE	GRUD	18/06/2003
9	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	18/06/2003
10	MAMONA/DIESEL (RN)	GRUD	18/06/2003
11	PÉ MAMONA	GRUD	18/06/2003
12	*** PASSAGEM 1 *****	GRUD	18/06/2003
13	TEMPO DO BLOCO 2	GRUD	18/06/2003
14	PAUBRASIL/APREENDE (ES)	GRUD	18/06/2003
15	PAUBRASIL/PÉ	GRUD	18/06/2003
16	SEM TERRA/AL	GRUD	18/06/2003
17	SEM TERRA PÉ	GRUD	18/06/2003
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	18/06/2003
19	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	18/06/2003
20	CHUVA/5 DIAS	GRUD	18/06/2003
21	CARTAZES QUARTA (18)	GRUD	18/06/2003
22	ASSAÍ JAPONESES (PR)	GRUD	18/06/2003
23	*** ENCERRAMENTO *****	GRUD	18/06/2003
24	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	18/06/2003
25	MANDIOCA/PREÇO (PR)	GRUD	18/06/2003
26	MANDIOCA PÉ	GRUD	18/06/2003
27	MANGA/ OMC	GRUD	18/06/2003
28	BOI COTAÇÃO	GRUD	18/06/2003
29	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	18/06/2003

Apresentação: Priscila Brandão – Tempo Jornal: 12' de produção jornalística

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Faltam recursos para a pesquisa agropecuária brasileira./ Este foi um dos motivos das manifestações promovidas pelos funcionários da Embrapa em todo o país./ Durante o protesto, houve distribuição de alimentos./ Integrantes do MST invadem prefeitura em Alagoas./ No Espírito Santo, a polícia descobre um depósito clandestino de Pau-Brasil./ Agricultores do Rio Grande do Norte apostam no cultivo da mamona de olho na produção de biodiesel./Comunidades do norte do Paraná comemoram os noventa e cinco anos da primeira imigração japonesa./ O Globo Rural volta já, já./

PESQUISA PROTESTO – LAPADA – DF+PR+PB+MG -

Cabeça: Funcionários da Embrapa protestaram, ontem, em todo o país./ Eles querem mais recursos para a pesquisa e reajuste salarial./

Nota pé: O Ministério da Agricultura informou que oitenta e nove milhões de reais foram liberados para a pesquisa, semana passada./ E também que o reajuste dos servidores vai ser tratado dentro das políticas de salários do governo./

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Evaristo Costa

MAMONA DIESEL/RN

Cabeça: Um projeto desenvolvido no Rio Grande do Norte quer incentivar o cultivo da mamona para a produção de biodiesel./ Os primeiros testes mostram que um veículo movido a óleo de mamona rende até quinze por cento mais que com o diesel de petróleo./

Nota pé: Além de ser mais barato, o biodiesel é menos poluente que o diesel de petróleo./

PASSAGEM DE BLOCO

Você vai ver a seguir./ Polícia ambiental descobre depósito clandestino de Pau-Brasil no Espírito Santo./ E no Paraná, as festas para celebrar os noventa e cinco anos da imigração japonesa./

Segundo bloco

PAU BRASIL/APREENDE – Aracruz – ES

Cabeça: A Polícia ambiental apreendeu dezessete toneladas de pau-brasil, em um depósito no município de Aracruz, no Espírito Santo./

Nota pé: Manter em depósito madeira nativa sem documentação é crime ambiental./ A multa varia de cem a quinhentos reais por metro cúbico apreendido./ E a pena pode ser de seis meses a um ano de detenção./

SEM TERRA / Murici – AL (N/COBERTA)

Cabeça: Integrantes do M-S-T e da Comissão Pastoral da Terra invadiram o prédio da prefeitura de Murici, em Alagoas, e mantiveram vinte funcionários reféns./

Nota pé: o prefeito de Murici prometeu pedir ajuda ao governador do estado para atender aos pedidos dos sem-terra./

MAPA TEMPO 2 - A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

CARTAZES QUARTA

Veja agora as festas programadas para a semana./ Exposição rural em Cristalândia, Tocantins./ Em Minas: concurso leiteiro em Santa Rita de Ibitipoca./ Festa do peão em Santa Juliana./ Festa do produtor rural de Medeiros./ E exposição agropecuária de Pará de Minas./ E de São Vicente de Minas./

ASSAÍ JAPONESES – Assaí – PR

Cabeça: Há noventa e cinco anos, o primeiro navio com imigrantes japoneses chegava ao Brasil./ No norte do Paraná, região onde a presença oriental é forte, hoje é dia de festa./

NOTA DE ENCERRAMENTO - Um bom dia pra você e até amanhã./

=====

ESPELHO GRUD 07/04/2004

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	07/04/2004
2	VINHETA/ABERTURA	GRUD	07/04/2004
3	ESCALADA	GRUD	07/04/2004
4	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	07/04/2004
5	TRANSPORTE PERDAS	GRUD	07/04/2004
6	TRANSPORTE PÉ	GRUD	07/04/2004
7	SOJA GRAJAÚ (MA)	GRUD	07/04/2004
8	CHAMA/TEMPO1	GRUD	07/04/2004
9	TEMPO/HOJE	GRUD	07/04/2004
10	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	07/04/2004
11	INVASÕES RURAIS	GRUD	07/04/2004
12	QUARTA - 07/04/2004	GRUD	07/04/2004
13	INVASÕES PÉ	GRUD	07/04/2004
14	*** PASSAGEM 1 *****	GRUD	07/04/2004
15	TEMPO DO BLOCO 2	GRUD	07/04/2004
16	FEIJÃO COLHEITA (GO)	GRUD	07/04/2004
17	COLHEITA PÉ	GRUD	07/04/2004
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	07/04/2004
19	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	07/04/2004
20	CHUVA/6 DIAS	GRUD	07/04/2004
21	VIEIRAS PILOTO (SC)	GRUD	07/04/2004
22	VIEIRAS PÉ	GRUD	07/04/2004
23	ENCERRAMENTO	GRUD	07/04/2004

24	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	07/04/2004
25	STAND-BY=====	GRUD	07/04/2004
26	12'00"-NO AR:06:15	GRUD	07/04/2004
27	ÓLEOS/ASSENTAMENTO (SP	GRUD	07/04/2004
28	BOI GORDO	GRUD	07/04/2004
29	BOI COTAÇÃO	GRUD	07/04/2004
30	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	07/04/2004
31	12'00"-NO AR:06:15	GRUD	07/04/2004

Apresentação: Priscila Brandão - Tempo Jornal: 12'

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Agricultores de Goiás estão preocupados com as perdas na safra de feijão./ Muitos deles já decidiram abandonar o cultivo do grão na próxima safra./ Agricultores sem-terra protestam em vários estados do Brasil./ Empresas do Paraná combatem o desperdício no transporte da safra de soja./ Uma nova fronteira agrícola começa a despontar no centro-oeste do Maranhão. / Em Santa Catarina, um projeto incentiva a produção de vieiras./ Um molusco muito disputado por restaurantes de todo mundo./ O Globo Rural volta já./

TRANSPORTES PERDAS – PR

Cabeça: Empresas do Paraná buscam formas de combater o desperdício no transporte da soja./ Parte da produção brasileira acaba na beira das estradas./

Nota pé: Segundo a Embrapa, contando todas as etapas da soja, desde a produção, passando pelo transporte, até o consumo, o país deve perder, nesta safra, **treze milhões** de toneladas de soja./

SOJA GRAJAÚ – Grajaú – MA

Cabeça: Produtores de soja e arroz descobrem na região centro-oeste do Maranhão condições favoráveis para expandir as lavouras./ No município de Grajaú, os produtores esperam começar a colheita em dois meses.//

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Fabrício Bataglini

INVASÕES RURAIS – (N/COBERTA)

Cabeça: Agricultores sem terra ampliam os protestos em todo o Brasil./ Estradas de vários estados foram bloqueadas durante as manifestações./

Nota pé: A meta do governo federal, para este ano, é assentar cento e quinze mil famílias./

PASSAGEM DE BLOCO

A seguir./O excesso de chuva compromete parte da safra de feijão em Goiás./ O cultivo de vieiras começa a ganhar espaço no litoral de Santa Catarina./

Segundo bloco

FEIJÃO – GO

Cabeça: Produtores de feijão de Goiás estão desanimados com o prejuízo das últimas colheitas./ No estado, são plantadas três safras por ano./mas apenas a safrinha deve ser satisfatória./

Nota pé: Goiás responde por oito por cento da produção nacional de feijão.//

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

VIEIRAS/PILOTO – SC

Cabeça: As vieiras, um tipo de molusco utilizado em pratos requintados da culinária, começam a ser cultivadas em Santa Catarina./ Os maricultores do estado estão recebendo incentivo para investir na criação./

Nota pé: A distribuição das sementes é feita através de uma parceria entre a universidade federal de Santa Catarina e a Epagri./

NOTA DE ENCERRAMENTO – Um bom dia pra você e até amanhã.//

=====

==

ESPELHO GRUD 12/10/2004

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	VINHETA ABERTURA	GRUD	12/10/2004
2	ESCALADA	GRUD	12/10/2004
3	SECA AGRICULTURA (SP)	GRUD	12/10/2004
4	CHAMA/TEMPO1	GRUD	12/10/2004
5	TEMPO/HOJE	GRUD	12/10/2004
6	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	12/10/2004
7	BOI COTAÇÃO	GRUD	12/10/2004
8	APOENA VÉLÓRIO (DF)	GRUD	12/10/2004
9	APOENA PÉ	GRUD	12/10/2004
10	QUARTA 13/10/2004	GRUD	12/10/2004
11	PASSAGEM BLOCO	GRUD	12/10/2004
12	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	12/10/2004
13	MANGA EXPORTA (BA)	GRUD	12/10/2004
14	MANGA PÉ	GRUD	12/10/2004
15	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	12/10/2004
16	CHAMA/TEMPO2	GRUD	12/10/2004
17	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	12/10/2004
18	CHUVA/6 DIAS	GRUD	12/10/2004
19	QUEIMADAS RONDÔNIA	GRUD	12/10/2004
20	QUEIMADAS PÉ	GRUD	12/10/2004

21	PROFESSORA MANGUEZAL	GRUD	12/10/2004
22	(NO AR 06:15)	GRUD	12/10/2004
23	PROFESSORA PÉ	GRUD	12/10/2004
24	ENCERRAMENTO	GRUD	12/10/2004
25	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	12/10/2004
26	STAND BY	GRUD	12/10/2004
27	TRIGO/PEP	GRUD	12/10/2004
28	(NO AR 06:15)	GRUD	12/10/2004

Apresentação: Priscila Brandão – Tempo Jornal: 12’

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

A estiagem atrasa o plantio do milho em São Paulo./ Teaser manga - "O primeiro carregamento de manga deve ser enviado aqui do vale do São Francisco para o Japão, dentro de um mês."./ O corpo do sertanista da Funai, José Apoena Meireles, é velado em Brasília./ Alerta da natureza./ O número de queimadas em Rondônia cresceu cinquenta por cento este ano./ E do Pará vem um exemplo de preservação./ Manguezais viram sala de aula pra criançada aprender a conservar o meio ambiente./

SECA AGRICULTURA – SP

Cabeça: A estiagem está atrasando o plantio do milho em várias regiões do estado de São Paulo./ em Sorocaba, as lavouras de alcachofra também estão comprometidas./

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Flávia Freire

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo: em Maringá, Paraná, a arroba do boi rastreado foi vendida por cinquenta e oito reais./ A do comum, por cinquenta e seis./ Em Araçatuba, São Paulo, boi rastreado, sessenta e um reais./

APOENA VELÓRIO – Brasília – DF

Cabeça: O corpo do sertanista José Apoena Meireles vai ser enterrado hoje./ Ontem, o ex-presidente da Funai, que foi assassinado em Rondônia, recebeu várias homenagens em Brasília./

Nota pé: O corpo do sertanista foi levado para o Rio de Janeiro, onde vai ser enterrado./

PASSAGEM DE BLOCO

Você vai ver a seguir: a manga produzida no vale do São Francisco deve chegar ao Japão em um mês./e crianças aprendem a importância de preservar os manguezais no Pará./

Segundo bloco

MANGA EXPORTA (BA) – Juazeiro – BA

Cabeça: Produtores de manga do vale do São Francisco, na divisa da Bahia com Pernambuco, se preparam para começar a exportação da fruta para o Japão./ Eles estão se adaptando às normas do governo japonês e esperam iniciar os embarques ainda este ano./

Nota pé: O vale do São Francisco é o maior produtor de mangas do Brasil./

COTAÇÃO CAFÉ

Veja os preços do café:/ Café fino: duzentos e quinze em Araguari, Minas./Café conilon: cento e trinta e um em São Gabriel da Palha, Espírito Santo./

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

QUEIMADAS RONDÔNIA – RO

Cabeça: Pouca gente para fiscalizar e uma área de milhares de quilômetros para preservar são fatores que não combinam./ em Rondônia, os focos de queimada, nos nove primeiros meses do ano, aumentaram quase cinquenta por cento em relação ao mesmo período do ano passado./

Nota pé: Nos dez primeiros dias de outubro foram registrados mil, quatrocentos e setenta e um focos em Rondônia./

PROFESSORA MANGUEZAL – Bragança – PA

Cabeça: O trabalho de uma professora que incentiva a preservação dos manguezais da Amazônia está sendo reconhecido pelo ministério da educação./ Na sala de aula ao ar livre, nos mangues do município de Bragança, no Pará, os filhos de catadores de caranguejo aprendem a importância da conservação do meio ambiente./

Nota pé: O prêmio de incentivo ambiental, do ministério da educação, será entregue à professora Euzana Ramos, esta semana, em Brasília./

NOTA DE ENCERRAMENTO - O Globo Rural termina aqui./ Um bom dia pra você e um ótimo feriado!

=====

ESPELHO GRUD 11/08/2006

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	11/08/2006
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	11/08/2006
3	ESCALADA	GRUD	11/08/2006
4	SUSPENDE CONTRATO (RS)	GRUD	11/08/2006
5	PÉ - SUSPENDE	GRUD	11/08/2006
6	CHAMA/TEMPO1	GRUD	11/08/2006
7	TEMPO/HOJE	GRUD	11/08/2006
8	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	11/08/2006
9	IBGE - LSPA	GRUD	11/08/2006
10	FOLCLORE RURAL (SP)	GRUD	11/08/2006
11	SEXTA-FEIRA - 11/08/06	GRUD	11/08/2006
12	PÉ - FOLCLORE	GRUD	11/08/2006
13	PASSAGEM DE BLOCO	GRUD	11/08/2006
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	11/08/2006
15	RENEGOCIAÇÃO BANCO	GRUD	11/08/2006
16	INCÊNDIO PARQUE N/C	GRUD	11/08/2006
17	CHAMA/TEMPO2	GRUD	11/08/2006
18	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	11/08/2006
19	CHUVA/6 DIAS	GRUD	11/08/2006
20	CHAMADA GRU	GRUD	11/08/2006
21	PÉ - CHAMADA	GRUD	11/08/2006
22	CARTAZES SEXTA	GRUD	11/08/2006
23	GALETO FESTA (SC)	GRUD	11/08/2006
24	ENCERRAMENTO	GRUD	11/08/2006
25	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	11/08/2006
26	STAND BY	GRUD	11/08/2006
27	POMBO-CORREIO (SE)	GRUD	11/08/2006
28	POMBO PÉ	GRUD	11/08/2006
29	BOI COTAÇÃO	GRUD	11/08/2006
30	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	11/08/2006

Apresentação: Priscila Brandão – Tempo Jornal: 12'

Primeiro bloco:**VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA****ESCALADA**

Nota pelada: O ministério do trabalho libertou duzentas e quarenta e nove pessoas mantidas em situação de trabalho escravo numa fazenda em Mato Grosso./ Os trabalhadores eram do nordeste e estavam sem receber desde janeiro./ O valor da indenização chega aos quinhentos e trinta mil reais./ Todos estão sendo encaminhados aos estados de origem./

E no Globo Rural de hoje você vai ver./Foco de newcastle no Rio Grande do Sul impede a produção de frango em alguns municípios./ Mais sessenta mil metros quadrados de vegetação foram queimados num parque estadual de Minas Gerais./ Teaser – folclore -"em Olímpia.... até ...folclore nacional."/ Município de Santa Catarina ganha a festa do galeto, pra mostrar a importância da avicultura./ O Globo Rural volta já./

SUSPENDE CONTRATO – Santa Rosa – RS

Cabeça: Os criadores de frango da região de **Santa Rosa**, no Rio Grande do Sul, estão enfrentando um sério problema./ Eles forneciam as aves para uma indústria de Santa Catarina./ Mas, desde a descoberta de um foco de **newcastle**, em julho, o governo catarinense proibiu a entrada dos frangos vivos no estado.//

Nota pé: O ministério da agricultura pode divulgar, hoje, o resultado dos exames feitos nas granjas que ficam no entorno do foco de newcastle./ Esses testes irão comprovar se o vírus ainda está presente na área./

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Michelle Loreto

IBGE/LPSA –

Texto + GC

O IBGE divulgou ontem a sétima estimativa para a produção de grãos deste ano./ A safra dois mil e seis deverá ficar em cento e dezoito milhões de toneladas./ A estimativa é bem inferior à divulgada na quarta-feira pela Conab, que prevê cento e dezenove milhões e setecentas mil toneladas de grãos.//

FOLCLORE RURAL – Olímpia – SP

Cabeça: Há mais de quarenta anos o festival do folclore reúne grupos de várias regiões do país em Olímpia, São Paulo./ E eles fazem apresentações por todo o município.//

Nota pé: O festival do folclore termina domingo.//

PASSAGEM DE BLOCO

A seguir./ A destruição causada por um incêndio em um parque estadual de Minas Gerais./ Em Taió, Santa Catarina, a primeira festa do galetto mostra a importância do frango para a região./

Segundo bloco

RENEGOCIAÇÃO BANCO – Nota pelada

Noventa e seis por cento dos produtores rurais que tinham dívidas com o Banco do Brasil já fizeram a renegociação./ Pelos cálculos do banco, o valor deve chegar a seis bilhões e oitocentos milhões de reais./ A maioria dos contratos prorrogados é ligada à soja, e dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso./ Os quatro por cento que não manifestaram interesse pela renegociação, vão ter de quitar totalmente os débitos./ A prorrogação de dívidas foi uma das medidas de apoio ao setor, anunciadas pelo governo em maio.//

FOGO PARQUE – Belo Horizonte – MG – N/Coberta

Cabeça: Um incêndio destruiu mais de **sessenta mil** metros quadrados de vegetação do parque estadual da Serra do Rola-Moça, na região metropolitana de Belo Horizonte./

MAPA TEMPO 2 - A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias.

CHAMADA GRU 14/10/2006

Cabeça: Domingo, o Globo Rural vai mostrar uma nova reportagem da série da rota dos tropeiros./ A reportagem é do Nelson Araújo.//

Nota pé: Domingo, o Globo Rural começa às oito da manhã./

CARTAZES SEXTA

Divulgação dos cartazes de eventos do fim de semana. Veja agora as festas e eventos do fim de semana./ Em Minas Gerais, exposição agropecuária em Itutinga./ Festa do peão em Campos Gerais./ Festa da moagem em Palmital de Minas./ Festa do cavalo em São Geraldo do Jataí./ Em São Paulo, festa do Bom Jesus em Mogi Mirim e da banana em Miracatu, São Paulo./

GALETO FESTA – Taió – SC

Cabeça: A primeira festa do galetto de Taió, em Santa Catarina, está animando a região./ A avicultura é importante atividade na economia do município.//

NOTA DE ENCERRAMENTO – Um bom dia pra você e um ótimo fim de semana./

=====

ESPELHO GRUD 15/08/2007

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	15/08/2007
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	15/08/2007
3	ESCALADA	GRUD	15/08/2007
4	DÍVIDAS PEQUENOS(AL)	GRUD	15/08/2007
5	DÍVIDAS PÉ	GRUD	15/08/2007
6	CHAMA/TEMPO1	GRUD	15/08/2007
7	TEMPO/HOJE	GRUD	15/08/2007
8	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	15/08/2007
9	RURAL TRANSPORTE (DF)	GRUD	15/08/2007
10	RURAL PÉ	GRUD	15/08/2007
11	MILHO/COTAÇÃO	GRUD	15/08/2007
12	PASSAGEM DE BLOCO	GRUD	15/08/2007
13	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	15/08/2007
14	PIMENTA ROUBO (PA)	GRUD	15/08/2007
15	PIMENTA ROUBO PÉ	GRUD	15/08/2007
16	CHAMA/TEMPO2	GRUD	15/08/2007
17	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	15/08/2007
18	CHUVA/6 DIAS	GRUD	15/08/2007

19	AFTOSA UK	GRUD	15/08/2007
20	BOI COTAÇÃO	GRUD	15/08/2007
21	AGROLEITE CASTRO(PR)	GRUD	15/08/2007
22	AGROLEITE PÊ	GRUD	15/08/2007
23	ENCERRAMENTO	GRUD	15/08/2007
24	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	15/08/2007
25	STAND BY	GRUD	15/08/2007
26	SECA CASCAVEL (CE)	GRUD	15/08/2007
27	SECA PÊ	GRUD	15/08/2007
28	EXPORTAÇÕES MAPA	GRUD	15/08/2007
29	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	15/08/2007

Apresentação: Kelly Varraskin – Tempo Jornal: 12”

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Agricultores do Pará enfrentam uma quadrilha especializada no roubo da safra de pimenta do reino./ Decisão da justiça retira da lista de devedores da união milhares de pequenos agricultores./ Ministério da Educação lança linha de crédito para compra de veículos para o transporte de alunos das escolas rurais./ E o bom momento do leite estimula os criadores numa exposição em Castro, no Paraná./

DÍVIDA PEQUENOS – AL

Cabeça: Uma liminar obriga o tesouro nacional a retirar do cadastro de devedores o nome de agricultores, de todo o país, que contraíram dívida com financiamentos na década de noventa./em Alagoas, oito mil produtores podem receber o benefício./

Nota pé: A fazenda nacional está obrigada a cumprir a determinação judicial./ Como a decisão foi em primeira instância, o governo ainda pode recorrer.//

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Michelle Loreto

RURAL TRANSPORTE – Brasília – DF

Cabeça: O governo federal lançou, em Brasília, um programa de financiamento para o transporte de estudantes da zona rural./

Nota pé: O governo destinou outros trezentos milhões de reais para atender a empresas de transporte escolar que já prestam serviço para governos estaduais e prefeituras./

MILHO COTAÇÃO

O preço do milho está em alta no Paraná./ Mais da metade da safrinha já foi colhida, segundo a estimativa da secretaria da agricultura./ Veja a cotação: Em Cascavel e em Maringá, a saca foi negociada por dezessete reais./

PASSAGEM DE BLOCO

A seguir./ A safra de pimenta do reino vira alvo de bandidos no Pará./ E os detalhes da Agroleite, em Castro, no Paraná./

Segundo bloco

PIMENTA ROUBO – Mocanjuba – PA

Cabeça: A safra de pimenta do reino virou alvo de bandidos no Pará./ Na região de Mocajuba, produtores e comerciantes estão preocupados./

Nota pé: O Pará responde por oitenta e cinco por cento da safra nacional de pimenta do reino.//

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

AFTOSA UK – Nota pelada

Autoridades sanitárias do Reino Unido estão investigando dois novos focos de febre aftosa na Inglaterra./ Um deles numa fazenda do condado de Kent e outro num zoológico para crianças, em Surrey./ Os resultados dos exames ainda não foram divulgados./ Este mês dois focos da doença já foram confirmados no Reino Unido./

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo./ Em Tangará da Serra, Mato Grosso, boi rastreado cinquenta e nove./ Em Bauru, São Paulo, rastreado, sessenta e quatro./ O indicador Esalq/Bm&f fechou ontem a sessenta e cinco reais e setenta e sete centavos./

AGROLEITE CASTRO – Castro – PR

Cabeça: Começou em Castro, no Paraná, uma das maiores feiras de gado leiteiro do país./ Com a reação nos preços, o otimismo voltou aos currais./

Nota pé: A Agroleite, em Castro, vai até sábado.//

NOTA DE ENCERRAMENTO – Um bom dia pra você e até amanhã./

=====

==

ESPELHO GRUD 02/05/2008

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	02/05/2008
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	02/05/2008
3	ESCALADA	GRUD	02/05/2008
4	ARROZ SÃO FRANCISCO (SE)	GRUD	02/05/2008
5	CHAMA/TEMPO1	GRUD	02/05/2008
6	TEMPO/HOJE	GRUD	02/05/2008
7	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	02/05/2008
8	NOZ PECÃ (RS)	GRUD	02/05/2008
9	PÉ NOZ PECÃ	GRUD	02/05/2008
10	AGRISHOW BALANÇO (SP)	GRUD	02/05/2008
11	SEXTA-FEIRA - 02/05/08	GRUD	02/05/2008
12	PÉ - AGRISHOW	GRUD	02/05/2008
13	PASSAGEM DE BLOCO	GRUD	02/05/2008
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	02/05/2008
15	FESTA SÃO JOSÉ (MG)	GRUD	02/05/2008
16	PÉ -FESTA	GRUD	02/05/2008
17	JERICO CORRIDA (PE)	GRUD	02/05/2008
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	02/05/2008
19	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	02/05/2008
20	CHUVA/6 DIAS	GRUD	02/05/2008
21	CHAMADA GRU (PB)	GRUD	02/05/2008
22	PÉ - CHAMADA	GRUD	02/05/2008
23	NISHIMURA (SP)	GRUD	02/05/2008
24	PÉ - NISHIMURA	GRUD	02/05/2008
25	ENCERRAMENTO	GRUD	02/05/2008
26	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	02/05/2008
27	STAND BY	GRUD	02/05/2008
28	DENGUE VARGEM ALTA	GRUD	02/05/2008
29	DENGUE PÉ	GRUD	02/05/2008
30	CUSTO PECUÁRIA	GRUD	02/05/2008

Apresentação: Kelly Varraskin – Tempo Jornal: 17'

Primeiro bloco:**VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA****ESCALADA**

Teaser - "Preço do arroz em alta anima produtores sergipanos" ./ **Teaser** – "Produtores de noz pecã do Rio Grande do Sul estão otimistas ./ o preço para a venda da fruta é o melhor dos últimos vinte anos ./ **Teaser** - "Você vai conhecer a história do imigrante japonês, Shunji Nishimura, que chegou ao Brasil com cem dólares no bolso e construiu uma das maiores indústrias de implementos agrícolas do país." ./ "E a comemoração do primeiro de maio com cavalgada em Minas Gerais e corrida de jericos em Pernambuco"

ARROZ SÃO FRANCISCO – SE

Cabeça: Produtores de arroz, em Sergipe, colhem a safra de inverno ./ E já estão animados com os preços. //

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Michelle Loreto

NOZ PECÃ – Cachoeira do Sul – RS

Cabeça: A noz pecã é uma alternativa de renda no Rio Grande do Sul./ Produtores de Cachoeira do Sul estão conseguindo um preço até sessenta por cento maior.//

Nota pé: Parte da fruta é exportada para a Europa e Ásia.//

AGRISHOW – Ribeirão Preto – SP

Cabeça: Em Ribeirão Preto, no norte de São Paulo, o feriado foi movimentado na Agrishow, uma das maiores feiras agropecuárias do Brasil.//

Nota pé: A Agrishow termina amanhã.//

PASSAGEM DE BLOCO

Veja a seguir./Corrida de jericos e carroças enfeitadas em Pernambuco./e a saga do seo Nishimúra, na série em homenagem ao centenário da imigração japonesa.//

Segundo bloco

FESTA SÃO JOSÉ – Sacramento – MG

Cabeça: O seo Arnaldo de Melo e o seo Matheus dos Santos encaminharam e-mails para o Globo Rural falando sobre a cavalgada de São José Operário, lá da cidade de Sacramento, em Minas Gerais./Nós fomos conferir essa festa e descobrir como ela começou.//

Nota pé: A festa existe desde mil novecentos e setenta e dois.//

JERICO CORRIDA – Panelas – São Caetano – PE

Cabeça: E moradores de Panelas e São Caetano, em Pernambuco, comemoraram o dia do trabalho com corrida e desfile.//

MAPA TEMPO 2 - A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

CHAMADA GRU 04/08/2008

Cabeça: o Globo Rural deste domingo vai à Paraíba falar de uma praga que destrói a palma, principal fonte de alimento para o gado na seca./ A reportagem é da Camila Marconato.//

Nota pé: No Globo Rural de domingo, às oito da manhã./

SUNSHI NISCHIMURA – Pompeia – SP

Cabeça: Conheça agora a história de um imigrante japonês de noventa e sete anos que chegou ao Brasil sem nada./ E de uma sucata construiu um império./

Nota pé: Você pode assistir as reportagens da série em homenagem ao centenário da imigração japonesa na internet./ O endereço é: G1.com.br / Globo Rural.//

NOTA DE ENCERRAMENTO - Um bom dia pra você./

=====
==

ESPELHO GRUD 04/03/2009

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	04/03/2009
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	04/03/2009
3	ESCALADA	GRUD	04/03/2009
4	DESMATA MINC	GRUD	04/03/2009
5	DESMATA PÊ	GRUD	04/03/2009
6	INTERDITA 275	GRUD	04/03/2009
7	INTERDITA PÊ	GRUD	04/03/2009
8	CHAMA/TEMPO1	GRUD	04/03/2009
9	TEMPO/HOJE	GRUD	04/03/2009
10	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	04/03/2009
11	MILHO EMBALAGEM	GRUD	04/03/2009
12	MILHO PÊ	GRUD	04/03/2009
13	PASSAGEM DE BLOCO	GRUD	04/03/2009
14	TEMPO DO BLOCO 1	GRUD	04/03/2009
15	SUÍNO SOBRA	GRUD	04/03/2009
16	SUÍNO PREÇO	GRUD	04/03/2009
17	ETANOL EUA	GRUD	04/03/2009
18	ETANOL PÊ	GRUD	04/03/2009
19	CHAMA/TEMPO2	GRUD	04/03/2009
20	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	04/03/2009
21	CHUVA/6 DIAS	GRUD	04/03/2009
22	17'00 NO AR 6H10	GRUD	04/03/2009
23	BOI COTAÇÃO	GRUD	04/03/2009
24	VACA SORTUDA (MG)	GRUD	04/03/2009
25	ENCERRAMENTO	GRUD	04/03/2009
26	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	04/03/2009
27	STAND BY	GRUD	04/03/2009
28	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	04/03/2009
29	LAVOURA VERDE (CE)	GRUD	04/03/2009

Apresentação: Ana Paula Campos – Tempo Jornal: 17'

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Excesso de chuva prejudica estradas do Pará e complica o escoamento do gado e de alimentos./ Teaser "Ministério do Meio Ambiente"... "da Amazônia"./ A crise

na produção de etanol nos Estado Unidos./ Agricultores de São Paulo buscam alternativas para agregar valor à safra de milho./ Teaser "Em Mato Grosso do Sul"..."fechar negócio./ E você vai conhecer asa branca, uma vaca que está dando o que falar, em Minas Gerais./

DESMATA MINC – Brasília – DF

Cabeça: O Ministério do Meio Ambiente divulgou novos números do desmatamento da Amazônia. / O ritmo da derrubada da floresta diminuiu nos últimos meses.//

Nota pé: O Deter mapeia o corte raso, que é a derrubada total da mata e também processo de desmatamento, a chamada degradação progressiva./ O sistema serve de alerta para ações de fiscalização dos órgãos ambientais./

INTERDITA 275 – PA

Cabeça: Motoristas que trafegam pela rodovia que liga o município de Parauapebas a Curionópolis, no sudeste do Pará, estão com dificuldade para terminar a viagem./ As enxurradas abriram buracos na pista e nem os desvios improvisados amenizaram a situação./

Nota pé: E a situação não deve melhorar, pelo menos por enquanto./ A Secretaria de Transportes do Pará informou que não há previsão para a recuperação do asfalto nos trechos destruídos pela chuva./ Uma avaliação dos danos só poderá ser feita após o período chuvoso./

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Michelle Loreto.

MILHO EMBALAGEM – Capela do Alto – SP

Cabeça: Produtores de milho verde em São Paulo estão em busca de alternativas para agregar mais valor à produção./ É o que mostra a repórter Giuliana Girardi./

Nota pé: Além da retirada das espigas, os produtores também aproveitam as folhas e talos da lavoura para usar na silagem de animais./

PASSAGEM DE BLOCO

A seguir./ Queda nos negócios faz produção de suínos encalhar em Mato Grosso do Sul./ E você vai ver como a crise econômica mundial afeta a produção de combustível à base de milho, nos Estados Unidos./

Segundo bloco

SUÍNOS SOBRA – São Gabriel do Oeste – MS

Cabeça: Criadores de suíno de Mato Grosso do Sul estão com dificuldade para negociar os animais./ Muitos já atingiram o ponto de abate e não há comprador./

Nota pé/ Cotação suíno

Veja como está o preço do suíno em outras regiões.//Em Estrela, no Rio Grande do Sul, o quilo vivo está sendo negociado, em média, por um real e oitenta e seis centavos./ Em Chapecó, Santa Catarina, o preço médio é de um real e sessenta centavos./

ETANOL – EUA

Cabeça: A queda no preço do petróleo está gerando uma crise para as indústrias que produzem combustível à base de milho nos Estados Unidos./ Em vez de abastecer com o etanol, os consumidores preferem a gasolina./

Nota pé: De um ano para cá, o preço do petróleo, cotado na bolsa de Nova York, caiu cinquenta e cinco por cento.//

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia seguinte e os próximos 6 dias

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo. Em Mozarlândia, Goiás, a arroba saiu por setenta e dois reais./ Em Barretos, São Paulo, setenta e nove./ A média Cepea fechou a setenta e nove reais e noventa e cinco centavos./ Queda no dia de zero vírgula três por cento./

VACA SORTUDA – Joatuba – MG

Cabeça: Você vai conhecer agora a história de Asa Branca./ Uma vaca da raça girolanda, que virou atração numa fazenda da região metropolitana de Belo Horizonte./

NOTA DE ENCERRAMENTO - O Globo Rural fica por aqui./ Um bom dia pra você e até amanhã./

=====

ESPELHO GRUD

16/09/2010

	TÍTULO	FONTE	DATA
1	Espelho	GRUD	16/09/2010
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	16/09/2010
3	ESCALADA	GRUD	16/09/2010
4	INTERVALO 1	GRUD	16/09/2010
5	ENCONTRO CONFINADORES	GRUD	16/09/2010
6	ENCONTRO PÉ	GRUD	16/09/2010
7	BOI COTAÇÃO	GRUD	16/09/2010
8	MILHO SECA (PR)	GRUD	16/09/2010
9	CHAMA/TEMPO1	GRUD	16/09/2010
10	TEMPO/HOJE	GRUD	16/09/2010

11	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	16/09/2010
12	PORCO PRÊMIO (PR)	GRUD	16/09/2010
13	CARTAZES (QUINTA)	GRUD	16/09/2010
14	PASSAGEM DE BLOCO	GRUD	16/09/2010
15	INTERVALO 2	GRUD	16/09/2010
16	PECUÁRIA VÁRZEA	GRUD	16/09/2010
17	SECA NORTE (AM)	GRUD	16/09/2010
18	CHAMA/TEMPO2	GRUD	16/09/2010
19	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	16/09/2010
20	CHUVA/6 DIAS	GRUD	16/09/2010
21	GIRASSOL COLHEITA (SE)	GRUD	16/09/2010
22	PÉ - GIRASSOL	GRUD	16/09/2010
23	ENCERRAMENTO	GRUD	16/09/2010
24	TEMPO DO PROGRAMA	GRUD	16/09/2010
25	STAND BY	GRUD	16/09/2010
26	CANA VARIEDADE (SP)	GRUD	16/09/2010
27	VARIEDADE PÉ	GRUD	16/09/2010
28	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	16/09/2010

Apresentação: Ana Paula Campos – Tempo Jornal: 17'

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

A falta de chuva está atrasando o plantio da safra de milho no Paraná./E você vai ver também./ Teaser "produtores de girassol"..."boa safra"/ Teaser "em Goiânia"..."de confinadores"/ A seca nos rios da Amazônia dificulta o escoamento da produção./ Na quarta reportagem da série que mostra como vivem os ribeirinhos, você vai conhecer técnicas usadas para criar os animais durante a cheia./ O Globo Rural volta em instantes./

ENCONTRO CONFINADORES

Cabeça: Pecuaristas estão reunidos, em Goiânia, para participar da Conferência Internacional de Confinadores./ A modernização do setor é um dos temas em debate./

Nota pé: O encontro termina hoje.//

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo./ Em Ituiutaba, Minas, a arroba saiu por oitenta e seis reais./ Em Santa Fé do Sul, São Paulo, noventa./a média Cepea, calculada com o Funrural, fechou valendo noventa e dois reais e quarenta e um centavos./ Ligeira alta./

MILHO SECA

Cabeça: O tempo seco está atrasando o plantio de milho no Paraná./ Quem plantou antes da chuva se arrependeu./

MAPA TEMPO

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Michelle Loreto.

PORCO PRÊMIO (N/COBERTA)

Cabeça: O Globo Rural ganhou o prêmio Pork-world dois mil e dez./ A entrega foi ontem, em Curitiba, durante o quinto Fórum Internacional da Suinocultura./ O Globo Rural foi escolhido como o programa de televisão que melhor divulga a suinocultura no país./

CARTAZES QUINTA

Veja agora as festas e eventos pelo Brasil./ Em Minas Gerais, festa do pastel em Santana de Cataguases, festa do rocambolê em Lagoa Dourada, e festival de banda de folia de reis em Queluzito./ Em Jandira, São Paulo, tem festa do peão./ Na Bahia, exposição agropecuária de Itapebí e festa do vaqueiro em Cristópolis./ Romaria em São José do Ouro, Rio Grande do Sul./ No Espírito Santo, exposição agroindustrial em Dores do Rio Preto./exposição da mandioca em Umbaúba, Sergipe./ No Paraná, rodeio em Guaporema./ E exposição de orquídeas em São Paulo e em Oliveira, Minas Gerais./

PASSAGEM DE BLOCO

A seguir./ O cultivo de girassol vira boa alternativa de renda para agricultores do sertão de Sergipe./ E as técnicas para se criar animais durante o período da cheia, na Amazônia./

Segundo bloco

PECUÁRIA VÁRZEA (AM)

Cabeça: Criar animais na Amazônia exige cuidados especiais./ Com a cheia dos rios, as técnicas mudam a cada época./Esse é o tema da reportagem da série especial feita pela Daniela Assayag ao longo de um ano./

SECA NORTE (AM)

Cabeça: E agora a Amazônia vive um ciclo de seca./ O baixo nível dos rios dificulta o escoamento da produção e aumenta o preço do frete

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia.

GIRASSOL COLHEITA (SE)

Cabeça: Agricultores do sertão de Sergipe trabalham na colheita do girassol./ A cultura começou a ser plantada no ano passado e se tornou uma boa alternativa de renda./

Nota pé: A colheita do girassol, em Sergipe, vai até outubro.//

NOTA DE ENCERRAMENTO – O Globo Rural termina aqui./ Um bom dia pra e até amanhã./

=====

ESPELHO GRUD – 06/12/2010

TÍTULO	FONTE	DATA	
1	Espelho	GRUD	06/12/2010
2	VINHETA ABERTURA	GRUD	06/12/2010
3	ESCALADA	GRUD	06/12/2010
4	TOMATE COLHEITA (SP)	GRUD	06/12/2010
5	TOMATE PÉ	GRUD	06/12/2010
6	SECA SOBRAL (CE)	GRUD	06/12/2010
7	CHAMA/TEMPO1	GRUD	06/12/2010
8	TEMPO/ONTEM	GRUD	06/12/2010
9	TEMPO/PREVISÃO 1	GRUD	06/12/2010
10	ARREDONDA TEMPO	GRUD	06/12/2010
11	COTAÇÃO CAFÉ	GRUD	06/12/2010
12	PASSAGEM DE BLOCO 1	GRUD	06/12/2010
13	INTERVALO 1	GRUD	06/12/2010
14	SOJA SITUAÇÃO (RS)	GRUD	06/12/2010
15	CLIMA SECA (RS)	GRUD	06/12/2010
16	CHAMA TEMPO RS	GRUD	06/12/2010
17	MAPA RS	GRUD	06/12/2010
18	CHUVA RS	GRUD	06/12/2010
19	ARREDONDA RS	GRUD	06/12/2010
20	VIVO PORTO ALEGRE	GRUD	06/12/2010
21	COTAÇÃO SOJA	GRUD	06/12/2010
22	PASSAGEM DE BLOCO 2	GRUD	06/12/2010
23	INTERVALO 2	GRUD	06/12/2010
24	MISSA VAQUEIRO (AL)	GRUD	06/12/2010
25	BOI COTAÇÃO	GRUD	06/12/2010
26	FRANGO ALTA (SP)	GRUD	06/12/2010
27	FRANGO PÉ	GRUD	06/12/2010
28	CHAMA/TEMPO2	GRUD	06/12/2010
29	TEMPO/AMANHÃ	GRUD	06/12/2010
30	CHUVA/6 DIAS	GRUD	06/12/2010
31	PASTEL/ANGU	GRUD	06/12/2010
32	PASTELANGU/PÉ	GRUD	06/12/2010
33	ENCERRAMENTO	GRUD	06/12/2010
34	PEQUI COLHEITA (MG)	GRUD	06/12/2010
35	JAVALI CAÇA/ABATE	GRUD	06/12/2010
36	COTAÇÃO BALAIO	GRUD	06/12/2010
37	MAÇÃ NORDESTE (PE)	GRUD	06/12/2010
38	MAÇÃ PÉ	GRUD	06/12/2010

Apresentação: Ana Paula Campos – Tempo Jornal: 25'

Primeiro bloco:

VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA

ESCALADA

Bom dia! São seis horas pelo horário de Brasília./ O Globo Rural de todo dia começa a partir de hoje uma nova fase./ O programa ficou maior./ Vai ter mais reportagens, mais informações./ Ontem mesmo, eu vim até a bancada do globo rural de domingo para anunciar essas mudanças e falar que hoje vamos ter uma receita especial: o pastel de angu, lá de Itabirito, em Minas Gerais./ Itabirito é terra natal do saudoso técnico de futebol Telê Santana que ficou famoso jogando pelo fluminense./ como bom **itabiritano** ele deve ter comido muito pastel de angu./ Hoje, lá no céu, Telê deve estar comemorando o título do Fluminense conquistado ontem no Rio de Janeiro./

Vamos aos outros destaques de hoje./ Teaser seca RS "produtores do rio grande do sul"... "arroz e de soja"/ Teaser seca Sobral "no norte do Ceará"... "na região"/ Teaser tomate SP "começa a colheita"... "os preços"/ Teaser missa vaqueiro AL "em Alagoas"... "cavalo baixeiro"/

TOMATE COLHEITA

Cabeça: Produtores de tomate de Ribeirão Branco, em São Paulo, devem colher mais nesta safra./ O tempo colaborou e o desenvolvimento da lavoura foi melhor que o esperado./ O problema é que com o aumento na oferta, o preço despencou./

Nota pé: São Paulo é o segundo maior produtor de tomate do país, com catorze por cento da safra./ só perde para Goiás./

SECA SOBRAL

Cabeça: A seca está castigando o norte do Ceará./ no município de Sobral, as famílias estão sem água e falta alimento para o rebanho./

MAPA TEMPO – 1

Os maiores índices registrados no dia anterior. Apresentação: Eliana Marques

COTAÇÃO CAFÉ

Veja agora como está o preço do café./ em Carmo do Paranaíba, Minas, a saca do café arábica fechou a sexta-feira valendo trezentos e setenta e cinco reais./ O café conilon, em São Gabriel da Palha, Espírito Santo, foi negociado por cento e setenta e nove reais./

PASSAGEM DE BLOCO

E depois dos comerciais, você vai ver como a estiagem está prejudicando as lavouras do Rio Grande do Sul./ E ainda hoje, no Globo Rural, uma receita que fez a fama de Itabirito, em Minas, o pastel de angu./

Segundo bloco

SOJA SITUAÇÃO

Cabeça: As lavouras de soja estão se desenvolvendo bem no norte e no noroeste do Rio Grande do Sul./ As duas regiões são as que mais produzem o grão no estado./ A chuva está abaixo da média, mas a preocupação, por hora é com o futuro./

CLIMA SECA

Cabeça: Se no norte e no noroeste do Rio Grande do Sul a falta de chuva ainda não está causando prejuízo, nas outras regiões do estado a situação não é a mesma./Lavouras de arroz e pêssego estão sofrendo com a estiagem./

MAPA TEMPO 2 – A previsão para o dia

VIVO PORTO ALEGRE

Cabeça: Agora, nós vamos ao vivo a Porto Alegre conversar com o repórter Rodrigo Saccone, para saber como essa previsão pode interferir na vida dos produtores./ Bom dia, Rodrigo, como está o clima aí em Porto Alegre, choveu esta madrugada?

COTAÇÃO SOJA

Veja agora o preço da soja./ em Orlândia, São Paulo, a saca saiu por quarenta e um reais e cinquenta centavos./ em Sorriso, Mato Grosso, quarenta e dois e cinquenta./e em Cascavel, no Paraná, quarenta e cinco reais./

PASSAGEM DE BLOCO 2

Daqui a pouco você confere a receita mineira do pastel de angu./E a missa do vaqueiro, em Alagoas./

Terceiro bloco

MISSA VAQUEIRO

Cabeça: Domingo de festa no sertão de Alagoas./ O festival do cavalo **baixeiro** reuniu vaqueiros de várias partes do nordeste no município de Carneiros./

BOI COTAÇÃO

Mercado do boi gordo: em Itapetinga, Bahia, a arroba saiu por noventa e tres reais./Em Presidente Prudente, São Paulo, cento e dois./ Sexta-feira, a média cepea, calculada com o Funrural, fechou valendo cento e dois reais e vinte e nove centavos./

FRANGO ALTA

Cabeça: O preço da carne do frango teve boa valorização em novembro./ Apesar do aumento, na hora da venda, os produtores reclamam que o preço dos insumos também subiu bastante./

Nota pé: Sessenta e cinco por cento da produção nacional de carne de frango é consumida no mercado interno.//

MAPA TEMPO 3 – A previsão para os próximos dias

PASTEL ANGU

Cabeça: Transformar angu em massa de pastel... será que isso dá certo? Pois quem vive em Itabirito, Minas Gerais, não tem dúvida!/ A iguaria é a receita mais típica do município./ Quem vai mostrar pra gente como se faz esse quitute é a senhora que fornece o "pastel de angu" para a mercearia Paraopeba, que você conheceu ontem no Globo Rural./ A reportagem é da Camila Marconato.//

Nota pé: no nosso endereço na internet você pode rever essa e outras reportagens./ anote aí: gê um ponto com ponto bê érre barra globo rural.//

NOTA DE ENCERRAMENTO – Um bom dia pra você e até amanhã, às seis da manhã, pelo horário de Brasília./

ANEXO 2

Entrevistado Humberto Pereira – 21/09/2010

Jornalista: Humberto, eu estou recontando a história do Globo Rural diário. Até agora as dissertações disseram e recontaram a história do domingo, do GRU aí essa é uma das primeiras que está se falando do diário. Eu queria que você contasse como surgiu a ideia mesmo de colocar um programa diário, um telejornal diário já que você tinha um programa funcionando aos domingos. Eu queria que você contasse se foi um projeto que saiu da programação, se foi daqui de dentro?

Entrevistado: Olha eu vou dizer..., falar das coisas do ponto de vista jornalístico, porque nós estamos fazendo jornalismo, não sei se..., até que ponto que a linguagem que eu vou usar aqui ela se adéqua a linguagem acadêmica do seu trabalho. A ideia de fazer um Globo Rural diário é uma ideia muito antiga, o programa vai fazer dez anos agora em dois mil e dez, outubro de dois mil e dez, mas a ideia vem de muito tempo atrás, vem eu diria para você, dos primeiros anos do Globo Rural do domingo. Houve até algumas experiências de tempo determinado que a gente fez na década de oitenta ainda, chamado Momento Rural, Momento da Safra, que a gente pegava assim, exatamente nesta época agora mês de setembro/outubro, fazer um boletim diário, que entrava no meio da programação chamado Momento da Safra, ou Momento Agrícola, para animar um pouco as decisões dos agricultores e tudo no dia a dia deles. Tinha patrocinador, essa coisa toda. Mas, o que moveu tanto nós jornalistas quanto a ideia que foi muito apadrinhada do ponto de vista do comercial por duas pessoas, uma foi o Evandro Guimarães, que hoje é vice-presidente da Globo, e outro depois que ele entrou aqui ainda na década de oitenta foi o Octávio Florisbaldo, que é o diretor geral da Globo, ambos incentivaram muito esta possibilidade do Globo Rural diário, que demorou muito para acontecer por causa de oportunidades, crises econômicas, crises políticas e incertezas de conjuntura econômica no país, isso acabou adiando durante toda a década de oitenta praticamente, parte da década de noventa, isso andou adiando até que houve uma oportunidade exatamente em mil, novecentos e noventa, dívidas da própria empresa, como toda a crise, da dívida da Globo (paga?), etc. A ideia de se fazer um informativo diário, ela parte exatamente das limitações do programa do domingo. O programa do domingo com toda a exuberância dele, matérias verticalizadas onde você se detem mais tempo para explicar as coisas assim, as causas e consequências, se dedicar mais a parte estética, né, com imagens e cenários muito bonitos, um texto também mais caprichado, né, são as qualidades do programa do domingo. Hoje o programa do domingo para o agricultor, para a prática da vida do produtor, ele tem limitações que exatamente pelo fato de ele ser um programa gravado na

sexta-feira, ele não tem o condão da atualidade, daquele dia, daquele horário, daquele momento, que um programa que vai ao ar ao vivo tem. E que pode, portanto passar para o agricultor algumas classes de informação que ele precisa no dia a dia, por exemplo, informação meteorológica, não dá para você fazer uma informação meteorológica pragmática para o agricultor em um programa que vai ao ar no domingo e que foi gravado na sexta-feira e que só vai uma vez por semana ao ar. Você pode fazer considerações gerais de tendências climáticas, né, a seca nos rios da Amazônia, a estiagem no Centro-Oeste, as inundações de Santa Catarina, isso você faz, mas previsão do tempo, estimativa, balanço de chuvas, estas coisas todas que a gente dá, você não pode fazer isso tudo no domingo e essa é uma informação substancial para o agricultor até porque ela é especializada, ela não está preocupada se o tempo está bom para ir à praia, porque está chovendo. Se está chovendo pode ser muito bom para a agricultura naquele momento ou não, se está na hora da colheita do feijão ou da soja e começa chover demais, você pode até comprometer a qualidade do grão, etc. Então é um informativo meteorológico especializado. Outra classe de informação são as decisões políticas para o Setor Agrícola emanadas de Brasília. Então você tem determinados momentos em que se decide quanto vai ser o financiamento da safra, para os grandes agricultores ou para a agricultura familiar, que você decide financiamentos, que você decide alongamento de dívidas, que você é..., enfim..., emana ou faz emanar de Brasília ou através de vários órgãos, leis, portarias, etc ou até decisões de Congresso relativas ao setor, aquilo o agricultor tem que saber no dia que sai. Outra classe de informação também difícil de você, você pode até dar também, a gente até dá isso semanalmente, mas ela precisa ser dada diariamente, são as cotações dos produtos, porque de repente o cara quer vender ou não a soja dele na quarta-feira e ele não pode esperar no domingo, ou o cara do café, vendo ou não vendo dez sacas hoje. Domingo falaram que estava caindo o preço, mas hoje é quarta-feira, então de repente já pode ter recuperado, então esse tipo de informação ele precisa ter no dia a dia ao vivo, né. Então você veja que são todos argumentos que a gente tinha para criar o Globo Rural diário em cima das limitações do programa do domingo, fundamentalmente a criação do Globo Rural diário se assenta nisso, nas limitações do programa do domingo que tem qualidades que o diário não pode ter, até pelo tempo que ele tem, pela proposta dele, são coisas que tem que ser entendidas complementarmente, um complementa o outro, são ambos do mesmo gênero e ambos pensados e destinados para o mesmo público. Agora, se você opta por essa atualidade, deste jeito que eu estou falando, a informação meteorológica ela tem uma fonte só praticamente no mundo inteiro, são determinados satélites e determinados modelos numéricos que você se apóia mesmo para falar ou estes satélites são modelos mesmo para você falar do clima, da previsão ou daquilo que aconteceu, daquilo que está para acontecer hoje, amanhã, durante a semana ou no mês que vem. Isso você tem uma fonte só aqui no Brasil representada pelo INMET, pelo INPE, pelo CPTEC, etc. As outras informações são os andamentos de safra, ou

as de Brasília, ou as cotações, as cotações a gente também fala da própria redação. Mas as atualidades têm que ser feitas por quem está lá onde está acontecendo a coisa, por isso é que as afiliadas é que são os grandes autores do Globo Rural diário. Como são autores também, as afiliadas, das atualidades do Jornal Nacional, do Jornal Hoje, do Jornal da Globo, que são jornais, ... do Bom dia Brasil, né, que recebem tudo isso da rede, então porque não receber também as informações do Setor Agropecuário, seja da pequena agricultura, da média ou da grande agricultura. Então, as afiliadas é que são as principais autoras. Salvo o caso de Brasília, que Brasília não é afiliada, é uma estação sede também da Globo, aonde nós temos uma equipe própria exatamente para cobrir Ministério da Agricultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ibama, Instituto Chico Mendes, Ministério do Planejamento, enfim, as Centrais Sindicais que tem lá como a Contag, como a CNA, a OCB, para cobrir esta parte ...

Jornalista: Até porque essas outras equipes estão diluídas nos factuais que não são tão específicos.

Entrevistado: Isso. Que não são específicos e nem especializados.

Jornalista: O Globo Rural diário foi ao ar pela primeira vez em nove de outubro de dois mil. É..., quanto tempo vocês ficaram elaborando antes, como é que foi a formação desta equipe?

Entrevistado: Olha..., eu não tenho essa memória de quanto tempo, mas isso foi uma coisa de, entre decisões, projetos, pilotos, entre escolha de equipe, essa coisa toda, em treinamento, de três a quatro meses.

Jornalista: Você já disse, os assuntos são tratados pelas afiliadas. Você acredita que essa equipe que por mais que esteja embuída deste fazer diário aqui também tem influência desse, do mesmo pessoal que cuida, com um olho diferenciado do domingo, em todas as suas perspectivas, você acredita que em alguma medida essa narrativa é preservada, em alguns aspectos?

Entrevistado: Não tem nada a ver pelo seguinte, porque se você pensar bem, o Globo Rural diário ele é também o desenvolvimento diário de um bloco que a gente tem no domingo, que é um bloco de mercado. Na verdade nós pegamos o bloco de mercado e o desenvolvemos para ser um programa diário.

Jornalista: Só que aí a gente também tem a questão factual, meio que um rolo compressor de deadline aí, às vezes, digamos assim, travando um pouquinho no burilamento do texto, por que por mais que esse material do domingo seja feito, ele tem ainda dois ou três dias para a feitura, né, e esse aí a gente está trabalhando com o que aconteceu hoje, basicamente.

Entrevistado: Eu acho que são programas de mecânica diferente e, portanto o resultado é diferente também, então você não pode esperar, por mais que a gente converse com a afiliada, que mande o texto de volta, que refaça o texto, e por ser texto de atualidade que ele seja igual ao texto do... No entanto, o próprio Globo Rural diário, a gente percebe nele que ele tem matérias, ele tem um tratamento que não é igual ao tratamento das atualidades dos outros programas, do Bom Dia Brasil, por exemplo, tanto que você tem muita matéria do Globo Rural diário que

vai direto para o Bom Dia Brasil da Globo News, tem um estilo um pouco mais documental, né, tanto que você tem também no Globo Rural diário, uma coisa que se tornou já hábito, séries temáticas em que a gente tem um tratamento praticamente igual, em verticalização e tudo ao do domingo, as nossas séries são excelentes como séries, é..., e não que o resto do programa não seja bom, é diferente.

Jornalista: Por acaso você tem um tempo maior para elas também, né?

Entrevistado: É assim, eu tenho um tempo maior e tudo para elas, né.

Jornalista: Até no tamanho mesmo do VT, né?

Entrevistado: É, mas na medida em que você trata no Globo Rural diário, de festas, de gostos culturais, você está tratando também de uma maneira ampla, como o Globo Rural do domingo trata, né, da realidade do campo, não é só uma realidade de trabalho e de economia, mas é uma realidade que envolve todos os aspectos da atividade humana, inclusive as do imaginário, as do lúdico, isso você tem também dentro da..., o Globo Rural diário apresenta cartaz como o Globo Rural semanal. O Globo Rural diário já respondeu carta como o do domingo também, né. Mas o específico dele não é isso, o específico dele é tratar a atualidade, né.

Jornalista: Qual a sua percepção da linha evolutiva, porque a gente começa aprendendo a fazer, é um novo jeito, outra mecânica, outro modo, de conduzir, tem essa questão do tempo que é limitador em muitos aspectos. Qual a sua percepção da evolução do programa desde lá de mil para cá?

Entrevistado: Eu acho que o programa melhorou muito e até ganhou mais tempo porque ele começou com quinze minutos e agora tem vinte (na programação), e acho que a gente criou uma cultura muito interessante em relação às afiliadas. As afiliadas hoje, elas tem um respeito muito grande pelo Globo Rural diário, quando no começo era uma incógnita ainda o que ia ser este programa. Então ele é muito respeitado e eu acho que isso melhorou a qualidade, tem gente que gosta de colocar matérias, de propor matérias para o Globo Rural diário, e tem mais, quer dizer, a gente está vivendo num país em que não só de trinta anos para cá, de vinte anos para cá, mas também de dez anos para cá, o agronegócio tomou uma importância enorme, as coisas da agricultura hoje não tem mais nenhum resquício de coisa primitiva ou secundária dentro da economia, da vida social, da vida econômica brasileira em geral. Então como a maioria das afiliadas está situada, a grande maioria está situada em ambientes de atividade agrícola, pecuária, isso também colabora para que essas afiliadas contribuam muito para a diversidade e a qualidade do programa.

Entrevistado Sérgio Coelho – 28/06/2010

Jornalista: Sérgio, com relação ao GRU e o Grud, você vê algum tipo de semelhança, não na estrutura, mas na narrativa mesmo que vai ao ar?

Entrevistado: Eu vejo sim, porque como a equipe do GRU é em parte utilizada no Grud, também a hora que se cria essa estrutura nova a gente vem com uma série de informações que remetem muito ao domingo, quer dizer, desde a hora de definir as pautas, como é uma equipe que contém e que está contida, né... Você acaba direcionando algumas pautas para a mesma estrutura do grupo, do nascimento da pauta, de uma visão que já tem muito do que está no GRU, então quando o repórter vai executar, ele já tem que preencher aqueles requisitos que foram determinados em uma visão muito mais próxima do GRU. Claro que as matérias do Grud são menores, são menos profundas, mas tem que se guardar o mesmo ritmo, a mesma estrutura, sempre estar preocupado em ouvir todos os lados, e tem que ser muito mais conciso para conseguir fazer isso num tempo menor. Quer dizer, claro que você não vai conseguir a profundidade em uma matéria de dois ou três minutos de uma matéria de profundidade de uma matéria de dezenove, vinte minutos, mas você busca pelo menos preencher os requisitos mínimos de uma história que você vai ter que contar.

Jornalista: Com relação aos jornalistas? Faz diferença uma matéria executada por um jornalista que tem frequência, ou seja, o Grud é abastecido por factual, você está a mercê do que a praça pode oferecer. Você sente diferença quando é um jornalista que já frequenta o GRU ou o Grud?

Entrevistado: Tem diferença sim..., é aquilo que o Humberto chama de os heróis do Globo Rural, que são os jornalistas que já antes da existência do Grude, já faziam parte do bloco de mercado do domingo. Então são os jornalistas que já foram, que já tiveram contato maior com o programa de domingo, por conta do bloco de mercado e que continuam atuando até hoje dentro do Grud. Tiveram até mais espaço para atuar, porque enquanto eles apareciam duas a três vezes por ano no domingo, com o diário eles conseguem aparecer até duas, três vezes por mês. Então, o que também facilita com que eles exerçam mais e mais e mais o modelo de reportagem que eles estão acostumados a fazer para o domingo. Então, quando são repórteres assim mais, não vou dizer experientes em idade, mas frequentam mais vezes o... frequentaram mais vezes o domingo, eles conseguem guardar uma proximidade maior com a narrativa do domingo, que é o caso do Heli Frank, da Solange Riozin, da própria Beatriz Castro, quando consegue fazer alguma coisa, Amorim Neto, Camila Caires, então são repórteres assim que hoje já conseguem perceber a diferença de estrutura do Globo Rural para o jornalismo do dia a dia.

Jornalista: Você consegue sistematizar alguns tipos de critérios que determinam que aquela matéria, mesmo tendo sido feita em Rondônia, vale para o nacional,

Entrevistado: A gente tem dois aspectos: Quando é uma matéria mais de fundo, que é um assunto que dá tempo de ser mais debatido, se tem tempo de revisar texto, de pedir novas entrevistas, ... aí fica mais fácil. Mas quando é factual, aquela coisa que aconteceu no dia e tem que ir naquele dia mesmo, a gente acaba... é... eu não vou dizer aceitando o que vier, mas tendo uma flexibilidade maior em aceitar algumas falhas, em tentar completar algumas falhas que a gente levante da redação, mas para não perder a factualidade que o jornalismo diário exige. Quer dizer, domingo ele tem um pouco mais de tempo para se organizar e para procurar as informações que faltam. No diário isso nem sempre acontece, às vezes pela própria dinâmica do programa você dá uma matéria numa segunda-feira faltando alguns elementos e que na terça-feira você vai tentar recuperar esses elementos que estão faltando e ir complementando a matéria de uma forma um pouco mais dinâmica. Então você aceita que uma matéria vá um pouco incompleta no primeiro dia, para não perder o momento da história, e aí, como o passar dos dias, com o andar da carruagem você vai acertando e cobrindo aquelas falhas que a reportagem teve no primeiro momento. Eu acho que essa é uma diferença principal. E esse material mesmo que o diário deu ao decorrer da semana vai ser consolidado no domingo com uma matéria já um pouco mais completa.

Jornalista: Qual a linha evolutiva no Grud nesses anos?

Entrevistado: Como era um espaço novo, o Globo Rural diário ter que ir conquistando este espaço, mostrando que é capaz de preenchê-lo. Então é... nos primeiros anos você tinha que lutar muito com a praça, primeiro até para convencer a praça que você existia, nem sempre todo mundo conhecia que existia o Globo Rural diário, então você tinha dois momentos aí: primeiro momento de convencer a equipe que trabalhava com o pensamento em um programa semanal a urgência das matérias para o diário. Então você não tinha o assunto para domingo, tem o assunto para já. O repórter tem que parar o que está fazendo e ir lá e fazer para a gente colocar no ar amanhã. Então primeiro tinha que quebrar este paradigma, fazer com que as pessoas que estavam dentro da estrutura do GRU comessem a pensar num programa que era diário e que tinha que ter uma agilidade muito maior do que era necessário para o domingo. O repórter de praça estava acostumado a receber um pedido para o domingo e saber que ele tinha dois, três dias para produzir e mandar o material, e quando surgiu o diário, esse mesmo repórter tinha que fazer o material para o dia e não podia perder muito a qualidade naquilo que ele estava preparando. Então num primeiro momento o Globo Rural diário teve que enfrentar esta luta, de mudar o paradigma de quem trabalhava tanto aqui em São Paulo como nas praças. Hoje a gente consegue já ter uma projeção, tanto que o programa aumentou de tamanho, conquistou mais espaço e hoje a gente tem uma fila de repórteres querendo entrar.

Jornalista: É um jornal de rede....

Entrevistado: É assim..., não dá pra gente comparar a estrutura do JN tanto em termos de verba como de pessoal como de prioridade, com a estrutura do Globo Rural diário. Quer dizer, o Jornal Nacional não pede, manda. O Globo Rural diário pede com carinho para conseguir entrar na disputa...

Jornalista: Na pauta...

Entrevistado: Na pauta dele, sabe? E alguns temas que a gente levantou acabaram virando Jornal Nacional. Muitos temas que a gente sentia que iam ser importantes e a gente dava primeiro e levava dois, três dias o Jornal Nacional para entrar no assunto. Então, quer dizer, em muitos momentos a gente mais furou do que foi furado. Claro que pelo horário do programa, às vezes você levanta a pauta, sabe que vai acontecer, mas o outro dá na frente porque o programa você só vai ter no dia seguinte. Então, quer dizer, o horário do programa faz com que às vezes a gente perca algumas notícias. Ou dê, aparentemente de forma atrasada algumas notícias, mas o que não é verdade, a gente acaba estando sempre levantando os assuntos, mandando produzir os assuntos e os assuntos ficam tão bons que os outros acabam aproveitando dos assuntos. E não tem como impedir.

Jornalista: Uma questão de formato, quarenta e cinco em média no domingo, dezessete agora de produção, o diário, engessa?

Entrevistado: Não, não engessa, não engessa. Não engessa quando você tem como no dia de hoje um link que você leva três minutos, três minutos e meio e mais uma reportagem de série de quase cinco minutos e a necessidade ainda de fazer duas previsões de tempo dentro do jornal. Mas, com dezessete minutos você tem muita flexibilidade para criar, para inovar, e para ir mudando o formato, para não ficar uma coisa muito igual todo dia, né. Então a gente procura mesclar assuntos que interessem para todo o público e não ficar preso em uma camada só do público e nem aquele cara que é o grande produtor e que se interessa mais pelo lado econômico só das notícias de agribusiness ou de agronegócio, mas também para a dona de casa, para o cara que não é tão ligado ao campo, para o pequeno produtor, mostrando exemplos que possam ser aplicados pelo pequeno produtor também, e não só a macroagricultura, e também variando por regiões, né, você não pode ter um jornal só da Região Sudeste e esquecer que você tem o Nordeste, o Norte, o Centro Oeste, são realidades muito diferentes. É... eu acho que até às vezes tem até algum exagero quando você tem que falar assim que o que o Kiwi, conhecido no Rio Grande do Sul como Kiwi (Kivi), ou a bergamota no Rio Grande do Sul, a mexerica em São Paulo, a tangerina no Rio de Janeiro, e você tem que ficar explicando este regionalismo de uma forma muito detalhada. Mas...

Jornalista: O GRU e o Grud aceitam bem esses regionalismos, né?

Entrevistado: É, mas mostra essa preocupação que vem de toda a equipe de tentar integrar ao máximo todas as regiões do país a uma determinada realidade que é diferente em outra região. Então...

Jornalista: A gente estava falando de iniciativas vanguarda, jeito de se fazer um jornalismo diferente de quando o GRU começou, é ... fala um pouquinho sobre isso.

Entrevistado: Do GRU?

Jornalista: Do GRU. Porque você falou: não, o GRU de alguma forma ensinou ou abriu uma porta de um jeito diferenciado de fazer.

Entrevistado: É, o GRU surgiu num momento, quer dizer, o problema está com trinta anos, quer dizer, ele começa em uma época em que o jornalismo de grandes reportagens era na televisão era muito pouco, você tinha o que, que mostrava o interior do Brasil: Amaral Neto repórter. Que mostrava as pororocas do Amazonas e tal, você não tinha muito a grande reportagem que mostrasse o interior do Brasil. E nesse sentido o Grud acabou desbravando estas fronteiras. É... com uma linguagem diferente, com um ritmo diferente, deixando as pessoas falarem, então você não encontra, dificilmente nas reportagens do Globo Rural de domingo, no diário a gente tenta fazer isso também, sonoras muito telegráficas, aquela onde a pessoa fala uma palavra, duas e já é cortada. A gente deixa com que as pessoas contem as suas histórias. E esse modelo de jornalismo é muito diferente do jornalismo que se pratica hoje, nos outros jornais, quer dizer, a sonora é só para quebrar uma sequência de ordem.

Jornalista: Para ilustrar um pouco...

Entrevistado: Para ilustrar, para corroborar aquilo que o repórter efetivamente está dizendo, e não para contar história. E o domingo mostra, o Globo Rural de domingo mostra que não, que não há necessidade de você atropelar as informações, que elas tem o seu tempo de entendimento, que você tem que respeitar esse tempo que o público tem que ter para entender aquilo que você está passando.

Jornalista: Que é o que efetivamente ajuda a contextualizar também, né?

Entrevistado: É, eu não sei se ainda está válida esta teoria, mas é uma teoria que eu conheci na década de oitenta, que dizia que o telespectador, que as novelas eram muito repetitivas e que o sucesso da Globo em novelas era exatamente entender esse problema que o telespectador só consegue assimilar dez por cento da notícia, ou da informação que está sendo passada para ele por dia. Então, que as novelas tinham que ser num ritmo muito lento, muito repetitivas, porque elas não podiam avançar muito porque o telespectador se perdia ...

Jornalista: Porque tinha que ter um nível de entendimento para o telespectador.

Entrevistado: É, então eu acho que é um pouco isso. É contar uma história no ritmo que o telespectador está apto a aceitar e não no ritmo que o jornalista quer contar. Eu acho que esta é uma diferença importante do Globo Rural com relação aos outros jornais. Ela desenvolve a narrativa numa capacidade fazendo com que o telespectador vá se acostumando com o assunto.

Jornalista: O que é o Grud para você?

Entrevistado: O Grud é uma tentativa de fazer com que este importante segmento do agronegócio, que representa sei lá vinte e quatro por cento do PIB, alguma coisa assim, seja representado e informado diariamente do que está acontecendo no seu segmento. Algumas decisões também não podem esperar muito tempo para tomar porque ele tendo essas informações que o Grud tenta passar, buscam ajudar o agricultor a acompanhar melhor o dia a dia dele mesmo. Então ele sente, com a previsão do tempo como é que está a situação não só na região dele como nas outras regiões, então se ele é um produtor do Sul e sabe que o concorrente dele é um produtor da Região Nordeste e lá o clima não está favorecendo este produtor, ele acaba apostando mais na agricultura dele que vai ter espaço para ele crescer naquele ano. Então o Grude tenta manter todo dia um quadro de como está o cenário da agricultura do Brasil. Alguns assuntos se repetem, se não semanalmente, quinzenalmente, então você vai mostrando todo o desempenho das lavouras de soja em cada região, todo o desempenho, coisa que o domingo não tinha muito como fazer. Como ele tem um espaço restrito para o mercado, ele acaba tendo que condensar muito a notícia e só se voltar para algumas culturas, e no diário você tem hoje dezessete minutos por dia, vezes cinco dias, você tem quase que duas vezes o tempo do domingo só para mercado. Então, quer dizer, enquanto você tem dez minutos a grosso modo de mercado por semana no domingo, você tem quase que cem minutos, oitenta e tantos minutos de mercado no diário. Então foi um ganho muito grande de informação para o produtor rural. Como ele vai aplicar isso a gente não sabe, mas ele não pode reclamar que falta informação.(risos)

Entrevistado Gabriel Romeiro – 01/04/2011

Jornalista: Desde o início estão o Gabriel, Humberto e Lucas aqui, ou foram se juntando logo no início do programa?

Entrevistado: O GRU, no início eram quatro pessoas, eu não estava nem o Lucas. Era o Humberto, o Ivaci, o Ivo Coelho, cinegrafista e um produtor chamado Renato Moreira. O Lucas veio para cá quando o Globo Rural fez seis meses, ocasião em que o programa aumentou de meia hora para uma hora e houve uma ampliação. Eu entrei quando o Globo Rural tinha um ano e alguns dias de idade, no comecinho de oitenta e um, para substituir o Paulo Patarra, que tinha saído da Globo para Ribeirão Preto.

Jornalista: Você acredita que a trajetória dessas pessoas, a trajetória profissional até que tenham chegado aqui, influenciou na realização do formato do GRU, principalmente, de ter grandes reportagens?

Entrevistado: Olha, esse formato evoluiu muito com o tempo. Essas reportagens super grandes que tem hoje, bem grandes que têm hoje, elas não são logo no início do Globo Rural mesmo porque um programa de meia hora não suportaria.

Mas o que tem a ideia desde o começo, isso até me precede aqui, é a ideia de fazer coisas mais aprofundadas, coisas mais explicativas, do ponto de vista de apresentar, coisas que requer tempo para ir mais fundo mesmo...

Jornalista Esse tom existe desde o início do programa?

Entrevistado: Isso, eu acho que sim porque como eu me lembro como telespectador e é o que eu encontrei já aqui, embora quando tenha chegado, quando eu cheguei o Globo Rural já tinha um ano. Mas, o texto, não a narrativa, mas o texto do Globo Rural, por exemplo, eu sei embora eu não tenha vivido, convivido aqui na época, ele foi sair muito do Paulo Patarra, no jeito de falar simples tal que eu acho que até o Globo Rural perdeu, ele já foi muito mais simples. O esforço metódico para não usar palavras difíceis, para procurar palavras de comunicação mais direta com o público, isso eu acho que o Globo Rural até já foi mais, já foi muito mais, incomparavelmente mais. Hoje eu até pego arquivo, eu constato toda hora aqui dentro da redação. Hoje mesmo houve uma observação que eu usei a palavra do povo e uma pessoa veio me perguntar, mas não é melhor usar a palavra do técnico, eu disse: não, é melhor usar a palavra do povo.

Jornalista Com relação à dinâmica, a gente entende que são produtos diferentes, embora tem um gene, o mínimo de parentesco, eles têm uma dinâmica diferente. Mas, na sua opinião, em algum momento o Grud preserva alguns aspectos da narrativa do GRU?

Entrevistado: Olha, eu acho que há certo esforço, o Grud na realidade ele foi quase, ele foi até de forma bastante consciente, pensado como a extensão diária do bloco de mercado do GRU. Já era, porque este bloco de mercado também existiu direito no grow, nós não tínhamos nem gente. Em 1980 não havia praça para fazer matéria e a gente não tinha repórter para sair fazendo matéria como não temos até hoje, na parte de mercado. Então o crescimento e a melhoria do bloco de mercado do Globo Rural estão intimamente ligados ao aumento do número de praças somando jornalisticamente dentro da Rede Globo de Televisão e a melhoria de suas equipes e até hoje, 31 anos depois sofrem muito com os altos e baixos dessas equipes e emissoras.

Jornalista Sazonalidade de um bom reportariado.

Entrevistado: Ela sobe e desce e até hoje tinha muito isso, e agora, evidentemente embora, é claro que este bloco de mercado é um bloco de autoridade, ele se aproxima mais do que eu chamaria o hardnews, matérias mais curtas, mais rápidas essa coisa toda, ele tem essa preocupação do outro e dos outros blocos do Globo Rural de não correr muito, de ter uma... de ter uma, de ter um pouquinho mais de aprofundamento, não ficar só no impressionismo, né, juntando as coisas sem procurar elos de ligação e tal, isso é um esforço consciente que tem que ele tenta preservar isso no início do bloco. Nesse sentido, esse bloco lembra muito o tipo de jornalismo diário que eu andei fazendo em outras emissoras fora daqui, seja na Cultura, seja na Bandeirantes, seja na Tupi.

Jornalista Embora fossem telejornalismo normal, você ...

Entrevistado: Por que acontece o seguinte, quando se fala telejornalismo normal no ano de 2011 no Brasil, pensa-se no telejornalismo que a Globo implantou no Brasil e tornou-se imitado por todos os outros, como se não houvesse nenhum tipo de alternativa. Quando o telejornalismo da Globo foi criado, existia já um telejornalismo na Bandeirantes, que não era nacional, mas já tinha existido telejornalismo em emissoras que morreram, como a TV Excelsior, que era para os padrões tecnológicos da época extremamente desenvolvidos e criativos. Então existiam outras alternativas de jornalismo, este jeito de fazer jornalismo aqui na Globo, virou uma espécie de padrão

Jornalista: hegemônico

Entrevistado: Tornou-se totalmente hegemônico, é isso aí. Então, o Jornal Nacional foi criado, quando foi que começou a ser anunciado em 1979, se não me engano, a Cultura em 69 tinha acabado de ser inaugurada e era TV pública e eles morriam de medo da censura e da ditadura aquela coisa toda e com muito custo implantaram o jornalismo lá, mas como o implantador do jornalismo lá era o Fernando Pacheco Jordão que tinha sido um sujeito que tinha trabalhado mais jovem aqui no Brasil na Excelsior e que posteriormente está indo para Londres, trabalhar na BBC e durante a estadia dele em Londres, incentivado, eu não sei que nível de incentivos, mas eu sei que foi realmente incentivado, pelo pessoal que viria a criar a TV Cultura, a fazer um curso de TV dentro da BBC onde ele era funcionário do rádio, ele trouxe para o Brasil o que seria um pouco o padrão da BBC, então como era a ideia nossa de montar uma pauta, a nossa pauta a gente chegava lá, pensava e nós vamos desenvolver dois ou três assuntos hoje, a gente não tinha a preocupação de mexer com (?), isso para meia hora de programa. A gente vai ver três, quatro, um (?) daqui, outro do mesmo tipo, que ia no geral ao vivo, ou na melhor das hipóteses como nota coberta, que também não tinha muito equipamento de entrevista e tinha duas ou três matérias onde se verticalizava. Algumas que eram feitas no dia e que se verticalizava no dia mesmo e sempre tinha matéria que ele vinha preparando há alguns dias e tal que eram mais verticalizados ainda.

Jornalista: Verticalizado, só para deixar bem claro aqui, com um teor de aprofundamento a mais.

Entrevistado: aprofundamento, coisa para explicar mais o contexto das coisas e tal e sempre procurando ser muito explicativa e sempre procurando estabelecer elos e criar relações, era esse o papel do jornalismo regional. Agora, quando eu fui para a Bandeirantes, em mil novecentos e setenta e quatro, eu fui como diretor, eu tinha um certo poder de implantar linhas, eu encontrei lá um jornalismo que ainda era um pouco herdeiro daquele de bancada, mas já estava imitando o da Globo e eu cheguei lá, eu tentei fazer ele ficar mais parecido com o da Cultura, eu acho que até consegui.

Entrevistado: Então isso virou padrão, agora eu não vou dizer que eu tenha me lembrado e que qualquer pessoa tenha se lembrado disso aqui, não tem, a gente sempre teve um bloco de mercado para esticar mais, como todo programa

procura esticar mais. Então, quando chega no grude, o Grud é um prolongamento diário do GRU..

Jornalista: Mesmo assim você acha que há um esforço da equipe em peso que se consegue manter esse mesmo ...

Entrevistado: Eu acredito que sim, que há. Há uma coisa de acertar as coisas melhor, uma preocupação ser menos impressionista. Agora encontra limitações porque o comando da nossa redação é sobre a reportagem que chega e aí ele tem algumas fragilidades, não é como, não somos nós de comandar, a gente faz uma produção, mas tem uma intermediação muito forte nas praças.

Jornalista: Sim, a realização exclusive.

Entrevistado: E as praças por mais que procuram nos agradar e se adaptar e tudo mais e elas são dominadas pelo, estão profundamente dominadas pelo que chamam de telejornalismo normal.

Jornalista: A temática leva o Globo Rural a um jornalismo mais especializado, há um foco para o agricultor?

Entrevistado: Não. Aí é que está. De certa forma há um foco no agricultor no sentido de que o agricultor é nosso herói. Então as coisas são narradas ao interesse dele, resta o público consumidor que tem condições, tá.

Jornalista: Não é bom para o consumidor, mas para o produtor é...

Entrevistado: Embora a gente esbarre em alguns limites, em algumas dificuldades para realizar isso internamente, mas a ideia é não perder esse foco e insistir de forma demoldada com a ideia de que o nosso público é fundamentalmente o público da TV. Nos primeiros anos de Globo Rural se fazia qual era o público do Globo Rural e essa é uma ideia que o Humberto começou a ter que a gente começou a adotar de perguntar, é o público rural porque gosta de televisão. É um público de TV aberta, a gente quer todo mundo que está lá na sala. A audiência do Globo Rural é medida na Grande São Paulo, então, e tudo isso prova que o esforço nosso não tem sido tão em vão, não é? De pensar que o nosso público é um público que gosta de TV.

Jornalista: Você consegue estabelecer algumas diferenças para você primordiais e semelhanças entre GRU e Grud? Em termos de narrativa mesmo, de como contar essas histórias.

Entrevistado: Não, eu acho que até na aparência eles são completamente diferentes, né. Parece até que, é mais difícil talvez convencer que são próximos para um público comum do que afirmar que eles têm elos comuns. Então, as diferenças eu acho que são meio óbvias e partem do fato de que o bloco em geral é o menor do programa, ou um dos dois menores, é exatamente o único, é o que é o programa do Globo Rural Diário. Então não é o bloco quem dá o tom, quem dá o tom do Globo Rural Diário é ou a matéria de encerramento ou a resposta de telespectador

Jornalista: Quem dá o tom do GRU

Entrevistado: Do GRU, desculpa, do GRU. É a matéria de encerramento, Agora o mercado rarissimamente dá o tom, rarissimamente. E até a gente aqui do ponto

de vista crítico, analisando as coisas pode chegar a medir, há duas semanas uma das melhores matérias do programa foi uma matéria do GRU foi uma matéria do bloco de mercado. Mas foi exceção, mas pode acontecer ao passo que esse bloco justamente que não é o que dá o tom do GRU é que é a própria realidade do Grud. Então tem por aí tem muita diferença nisso. Agora eu acho que do ponto de vista histórico, essa coisa de cercar os lados é da pessoa do jornalismo mais vertical, né. Você ir, cercar, ouvir, tentar explicar e entender o pensamento de cada um e de cada lado está entendendo? Então hoje passa por banal e tal, mas não foi banal isso aí. E não era mesmo, até os anos 80 não era. Hoje parece natural, e nem sempre foi. Então neste ponto é um pouco ao contrário, até no Jornal Nacional e companhia que sofreu e passou a ter a obrigação de uma forma ou outra, de...

Jornalista: de ter um olho diferenciado para os fatos...

Entrevistado: de ter um olho diferenciado, outra coisa que eu não sei até que ponto era uma coisa que vinha daqui, mas era uma coisa que nós tínhamos a impressão de que estando fora da crítica, de que havia certa preocupação estética com o Jornal Nacional, sobretudo, com as pessoas que faziam o Jornal Nacional, gente bonita, evitar gente feia e tal, e não sei o que lá. Esses nossos jornalismo aí não tinha como a gente, havia um mundo cão que punha gente feia lá para gozar da cara dela e havia esse outro jornalismo que tinha uma cara natural do povo brasileiro, os bonitos e os feios do povo brasileiro.

Jornalista: Você acha que o GRU sempre fez isso?

Entrevistado: O GRU desde o primeiro dia. É da concepção do GRU fazer isso e o Grud continua isso agora só que hoje é menos diferente dos telejornais padrão porque todo mundo tem, vem meio, começou a vir meio atrás, mas é uma coisa muito idiota porque eu ouvi falar que aqui, nesta revista Globo Rural houve uma mudança de direção lá porque o pessoal que estava dirigindo a editora, não a revista, mas a editora entrou em choque com a direção da revista anterior porque estava tentando aproximar mais dessas revistas de negócios e tal e não queria que ficasse pondo gente feia e eu soube até que fizeram um photoshop no fazendeiro porque ele era barrigudo, está entendendo.

Jornalista: O repórter editor foi uma opção desde o começo?

Entrevistado: Nós já falávamos há muito tempo no repórter editado e o Lucas quando foi repórter, ele tinha como repórter até certo tempo ele gostava de ir para a ilha editar, ele gostava de ir buscar este espaço, edição e tal, então já tinha e de vez em quando tinha um ou outro que tentava fazer. Mas quando o Nelson, (Araújo) se eu estou bem lembrado, quando o Nelson foi convidado para vir para cá, em 1990, ele virou: tudo bem, eu aceito se eu puder editar minhas matérias. Isso poderia parecer uma coisa antipática para alguns, naquela hora funcionou: não, é isso mesmo, todo mundo vai editar a matéria. Foi o contrário, está entendendo? Porque eu não sei se você sabe, já houve repórter importante vir para cá, mas virou e disse: tudo bem, mas eu não faço carta, aí foi dispensado, ah, então está bom, então eu não preciso dos seus serviços

Entrevistado Benê Cavechinni – 20/08/2010

Jornalista: Você está no programa desde quando?

Entrevistado: oitenta e quatro.

Jornalista: Benê, como é que foi essa transição do Gru para o Grud, ou seja, em que momento pensou-se no potencial de ter um programa diário para tratar do agronegócio no cotidiano?

Entrevistado: Já está gravando?

Jornalista: Já.

Entrevistado: Então, esse era um projeto antigo, eu não me lembro, o Humberto deve saber com mais detalhe, mas era um projeto antigo para atender a uma necessidade que o programa do domingo não atendia, e não atende até hoje, né. Para cobrir os factuais da semana no dia a dia e dar a previsão do tempo, né, e no domingo também não é possível gravar a previsão do tempo porque o programa do domingo é gravado na sexta-feira e aí fica complicado. E surgiu também diante da necessidade de acompanhar as bolsas internacionais, né, o mercado agrícola de cotações, né, tanto as cotações no mercado interno como as cotações do mercado externo.

Jornalista: Como é que foi essa adaptação? Porque a cabeça da gente é semanal e daqui a pouco vira diário. Como é que é isso?

Entrevistado: Essa dificuldade existe até hoje, né, até hoje a gente vive tentando construir esse diferente ponto de vista do diário e do domingo. Nós temos assim alguns conceitos, mas nem sempre a gente consegue atender com eficiência, então no diário procura-se dar o factual realmente. E no domingo, você faz um apanhado dos vários factuais em torno daquele mesmo assunto, digamos, né, das várias matérias que aconteceram sobre as enchentes durante a semana, no domingo a gente procura dar, de maneira mais aprofundada aquele mesmo tema, acrescentando alguma coisa a mais, né, então o domingo tem um jeito de revista da semana, né, que tenta acrescentar alguma coisa mais explicativa, mais analisada, do que não foi dado no dia a dia.

Jornalista: Pois é, o Globo Rural de domingo é conhecido justamente por causa das reportagens mais aprofundadas, do jeito próprio de se contar a história, e você acha que esta equipe, parte da equipe do domingo trabalha na feitura ou no pensamento do diário também. Há alguma herança na narrativa mesmo por conta da equipe dar esse suporte entre o domingo e o diário, eu digo em termos de mercado mesmo, existe uma herança narrativa, ou seja, um jeito de contar? Você acha que o diário em algum momento preserva o mesmo jeito de contar a história do domingo embora seja um produto diferente, uma vocação diferente? Mas que tem uma equipe junta, atuando?

Entrevistado: Do ponto de vista de linguagem, eu acho que a linguagem é semelhante, é praticamente a mesma, procura-se tanto no diário como no domingo, no diário procura-se observar os mesmos requisitos de tratamento de

linguagem usados no domingo, o diário herdou esta linguagem do domingo, então, por exemplo, a gente tem o Globo Rural edição que vai em um vídeo clip, mesmo do diário, imagens muito rápidas, sequências rápidas que são usadas muito no jornalismo diário, do dia a dia, né, os programas mais jovens com linguagem mais jovem como o Profissão Repórter por exemplo que você usa uma edição muito ágil, quase vídeo-clipe, né, isso no Globo Rural não existe, quer dizer, os editores de imagem procuram fazer o mesmo tratamento tanto no domingo como no diário.

Jornalista: É um tempo diferente.

Entrevistado: É um tempo diferente, é o tempo do campo, das coisas, das panorâmicas, tem o tempo da natureza que o domingo criou isso, e o diário procura também seguir, isso o tratamento visual digamos assim. É lógico que no dia a dia nem sempre é possível você ter o mesmo acabamento visual do domingo, no dia a dia é uma edição mais rápida, mais ligeira, né, mas procura-se dar o mesmo tratamento de linguagem, sempre que possível dar o mesmo tratamento, né. As sonoras, também se procura tanto no domingo como no diário deixar as pessoas falarem um pouco a mais, né, às vezes, nem sempre se consegue, né, mas há uma tentativa, um esforço neste sentido de deixar as pessoas falarem mais, né, então sonora de seis, sete segundos acontece, mas não é o objetivo, o objetivo é deixar as pessoas falarem um pouco mais, sempre que a sonora render, né. Os conceitos econômicos também, né, o domingo criou uma série de conceitos, quer dizer, não é que o domingo criou, o programa de domingo veio ao longo do tempo definindo um jeito de lidar com a informação econômica, né, de conceitos, e isso também procura-se passar para o diário o jeito de lidar com as comparações de preços, comparar o preço de agora com o preço de um mês atrás, ou o preço de seis meses atrás ou de um ano atrás, né, esses conceitos são usados no programa de domingo e procura-se também no diário observar. Por que nós vamos comparar os preços de agora com os preços de dezembro? Talvez o mais adequado seja comparar os preços de agora com os preços da mesma época do ano passado, porque são épocas semelhantes, entressafra com entressafra.

Jornalista: Safra com safra.

Entrevistado: Safra com safra, né. Então esses conceitos, o diário herdou do domingo, e a gente procura seguir, procura-se difundir isso, né, com os repórteres novos que estão chegando tal, procurem seguir.

Jornalista: Com relação a quem faz? A gente é abastecido basicamente pelas emissoras afiliadas, Embora a gente provoque a pauta, a gente também é provocado pelo factual, né, e você percebe que dependendo do jornalista, do captador daquela informação e do contador da história, você tem um material diferenciado, ou seja, porque a gente tem alguns frequentadores que iniciaram no domingo, a gente tem lá Solange Riozin, a gente tem lá o Eli Frank, a gente tem lá pessoas que tem um domínio maior, se apropriam mais do que foi constituído como a linguagem semanal. Nesse caso o fator humano, é determinante para

essa narrativa ou essa questão só de equipe gerenciando por aqui consegue dar esse suporte?

Entrevistado: O fator humano é fundamental. É fundamental e há grande dificuldade hoje de conseguir que o reportariado novo, os que estão chegando, de conseguir que eles entendam o nosso ponto de vista, né. Então essa é a grande dificuldade. Quem tá chegando raramente sabe contar a história do ponto de vista do agricultor, do ponto de vista do programa.

Jornalista: Porque um tempo diferente na roça é um tempo que talvez a própria emissora não permita também no dia a dia na correria, e de afinidade, concorda que nesse caso específico um tema que você tenha que ter um repertório mais afinado e tal e tem que ter um pouco de afinidade também para o atendimento. É, há uma preocupação em se formar esse reportariado com essa linguagem?

Entrevistado: Existe uma preocupação. A Globo tem alguns textos, alguns programas de treinamento e tal, mas eu acho que são insuficientes. Precisariamos ter mais, mais oficinas de trabalho, ter mais estágios, dos repórteres frequentarem a nossa redação, de entenderem mais os nossos processos, então isso é pouco, eu acho que o que se faz ainda é pouco.

Jornalista: Eu queria que você tentasse sistematizar, enfim, definir um pouquinho do que é o Grud para você. Na comparativa sempre vai ser o diário, o semanal, porque ele é filhote, mas o que é para você? Qual a vocação dele?

Entrevistado: O Grude para mim é um híbrido, é uma mistura dos dois programas, uma mistura do domingo com os factuais do dia a dia, eu acho que ele preenche mais a função dele quando ele consegue dar as duas coisas, então, por exemplo, o dias que a gente consegue numa mesma edição colocar os principais fatos do dia junto com alguma reportagem um pouco mais aprofundada de aspecto cultural do campo, por exemplo uma receita, uma viagem, um turismo rural, essas coisas são herança do Gru, de mostrar as reportagens com mais ...

Jornalista: Com as diferentes paisagens do...

Entrevistado: Com as diferentes paisagens, com acabamento melhor e tudo mais, né, então eu acho que o Grude, ele não é só factuais e previsão do tempo, ele tem que ser uma mistura dos dois. Ele cresce quando ele consegue colocar as feiras, links ao vivo, previsão do tempo e mais um prato saboroso para encerrar com uma matéria curiosa, gostosa para encerrar, né? Curiosas de natureza, enfim. O grande desafio do programa é manter a audiência. O programa não vai sobreviver se não tiver audiência. Sem audiência não vem os comerciais e para segurar a audiência nas grandes cidades como São Paulo, o lbope é medido só em São Paulo, nós precisamos ter matérias saborosas também, não podemos ficar só no factual econômico, na previsão do tempo, no hard news, só o hard news, na minha opinião, não segura a audiência nas cidades.

Jornalista: Até porque ele tem uma grife. O Globo Rural é uma grife e o Globo Rural diário utiliza essa grife. É..., você acha que ele cumpre isso que no geral, de uma maneira mais, não pegando todo dia, mas no geral você acha que ele cumpre isso?

Entrevistado: De uma maneira geral eu acho que esse ano, tem anos que a gente consegue menos, outros anos mais, mas este ano estamos muito bem, já colocamos no ar algumas séries, terminamos agora uma série de turismo, teve uma série de culinária da Amazônia, então essas reportagens dão um ganho para o programa e estão segurando a audiência. O programa está saindo bem, vencendo a audiência com os concorrentes. É sinal de que está agradando.

Jornalista: Você está desde o começo, você viu mudanças muito diferenciais ao longo do Grude?

Entrevistado: A principal mudança que eu acho é que nós estamos conseguindo colocar mais séries e reportagens mais trabalhadas no ar, coisa que nos três, quatro, cinco primeiros anos era mais complicado. A equipe era menor, tinha menos pessoas na redação para cuidar do Grud. Tínhamos menos gente no apoio, então isso permitiu que o programa também se beneficiasse com isso né. A incorporação do núcleo da Amazônia que é uma coisa recente, de dois anos para cá também ajudou, né, essa série de vários tipos da Amazônia... Outro dia entrou também uma outra reportagem do núcleo da Amazônia, comemorando os cem anos do serviço de proteção ao índio, o antecedente da Funai, o programa está melhor neste sentido, o conteúdo está melhor, houve um ganho.

Jornalista: O Grud nasceu basicamente do mercado, né, a ideia dele. Você cuida do mercado desde sempre. Ele é um filho digamos assim, que você vê perspectivas diferentes para ele ou ele está bacana no caminho que está seguindo? Ou seja, o caminho dele que é próprio, e não depende unicamente de você, a gente falou sobre ele até agora, você visualiza ele de forma muito diferente do que ele se faz, ou não?

Entrevistado: Não, diferente não, o que eu acho é que precisa melhorar na cobertura econômica, com reportagens mais atuais sobre fatos econômicos e tem acontecido com frequência de entrarmos no assunto econômico com certa defasagem, né. Por exemplo, aconteceu no mês de junho, para citar um exemplo só, aconteceu no mês de junho uma reação nos preços do milho, né, e nós não conseguimos detectar isso ...

Jornalista: Com antecedência...

Entrevistado: E nem agora. O mês está terminando e não conseguimos fazer nenhuma reportagem falando da reação do mercado do milho, né, então o programa se recente ainda, eu acho, de uma cobertura mais em cima, né dos principais fatos econômicos.

Jornalista: Ele na verdade fica muito a mercê do factual e esse caso que você cita é um caso de que quem detecta é a redação.

Entrevistado: É esta redação. A nossa redação ainda é, digamos, ela ainda precisa de mais gente, talvez mais especialistas....

Jornalista: Um olho mais analista, por exemplo...

Entrevistado: É, porque é muito difícil acompanhar todos os produtos agrícolas, os principais produtos agrícolas no dia a dia, nós não temos uma estrutura para acompanhar. Então, as vezes a gente é surpreendido por uma alta repentina no

preço do café, pelo preço do açúcar e a matéria que veio do campo não é bem aquilo, não existe uma defasagem entre o que está acontecendo na rua, no mundo...

Jornalista: E o que efetivamente consegue acompanhar.

Entrevistado: E o que efetivamente a gente consegue acompanhar. Então acho que o programa precisa de mais recursos...

Jornalista: Agilidade

Entrevistado: Agilidade e mais recursos para isso, precisa de mais gente nisso, nós precisamos ter assinatura de serviços especializados como as bolsas internacionais que nos permitam, né...

Jornalista: Instrumentos

Entrevistado: Instrumentos, isso falta. É insatisfatório ainda. A previsão do tempo nossa eu acho que ela não é satisfatória. Ela é precária, na minha opinião, por deficiência do nosso fornecedor de informação que hoje nos entrega um serviço ... de qualidade inferior a empresa anterior que atendia toda a Globo, , então isso é um grande problema. Além disso, existem outras carências no meio rural em relação à previsão de tempo que é, por exemplo, o grau de umidade das terras, do solo. Como é que está o grau de umidade para o plantio?

Jornalista: A gente não atende nem de longe isso.

Entrevistado: E hoje a Embrapa tem um acompanhamento diário da umidade, só que precisava trabalhar isso, oferecer isso pelo menos uma vez por semana para os agricultores. Em mapas específicos, como está a unidade tal, está assim... Ainda tem muita coisa para mudar. Os apresentadores são engessados, seguem um script, um desespero para controlar tempo e aí não tem, sabe? ...

Jornalista: maleabilidade...

Entrevistado: maleabilidade para fazer nada solto, nada mais natural, e tudo tem que ler script, No Jornal Nacional ainda é assim, né?

Jornalista: Mas os outros jornais já estão um pouquinho mais soltos, né?

Entrevistado: Eu vi, eles estavam fazendo um piloto lá do jornal na hora do almoço deles, sem script. Isso está agradando muito, está dando muito certo, sem script. Do tipo como aquele menino do esporte, o Thiago Leiffer entendeu. E tem uns assuntos...

Jornalista: Tem uns assuntos e ele vai puxando...

Entrevistado: Tem uns assuntos que ele vai tocando e vai conversando e pá, não, agora é isso e aquilo, pá, não tem um script mais.

Jornalista: É, exige outro tipo de domínio, né?

Entrevistado: Tem que ter um apresentador, mas...

Entrevistado Pedro Serra – 16/07/2010

Jornalista: Pedro, você está a quatro anos no Diário?

Entrevistado: Quatro anos e três meses.

Jornalista: Você consegue perceber se existe, se o diário em algum momento guarda alguma semelhança, tem alguma coisa haver com o domingo ou para você o produto é completamente outro, não tem nada a ver.

Entrevistado: Eu acho que na proposta tem sim. Tem este fio condutor de acabar sendo uma coisa só, a semana e o domingo. Mas eu acho que isso varia muito do tipo da matéria, da urgência da matéria e de onde vem a matéria. Porque para tentar deixar a matéria afinada como no domingo, precisaria ter um envolvimento maior das praças, o que a gente sabe que nem sempre é possível. Por vários fatores. Se for uma matéria que não tem uma factualidade, a gente pode pedir para refazer alguma coisa, para deixar mais no estilo que foi concebido o programa, mas nem sempre isso é possível. Se a matéria for factual ou se a gente sabe que é alguma coisa que a praça não consegue investir, ou porque falta gente capacitada, ou porque faltam recursos, é... ou a gente põe no ar o material e dá a notícia que é o mais importante ou não tem jeito.

Jornalista: Tem alguns jornalistas que frequentam mais o Grud vem desde o GRU, você acha que o fator humano neste caso faz diferença na hora de fazera reportagem?

Entrevistado: Eu acho que faz porque são pessoas que já conhecem o estilo, não do programa, mas vamos dizer assim, o conteúdo que tem que ter nas matérias. Então normalmente são pessoas que não dão “trabalho” na matéria, eles trazem exatamente o que a gente precisa. Talvez até porque eles trabalham em emissoras que também tem programas rurais. Solange Riozin, por exemplo, no Paraná tem um programa rural, o Eli Franklin, em Sorocaba, tem um programa rural, então talvez esta proximidade de sempre fazer matérias rurais, isso possa facilitar.

Jornalista: Você acha que no caso o entrevistado, tem um tempo diferente, tem uma linguagem própria?

Entrevistado: Eu acho que sim. Na verdade eles não se preocupam, não sei se eu posso falar que eles não se preocupam tanto, mas das matérias que vem destes locais...

Jornalista: Como factuais feitos para eles, né?

Entrevistado: É, eles trabalham basicamente a matéria rural com a mesma visão de uma matéria urbana. Não tem muito aquela especificidade do homem do campo. É uma visão mais urbana que eles fazem numa matéria rural.

Jornalista: E você acha que o Grude consegue contar histórias?

Entrevistado: Eu acho que se der tempo para ele, ele consegue.

Jornalista: Tempo na feitura?

Entrevistado: Tempo na produção, como nas séries que a gente faz, nas matérias que não são urgentes de ir para o ar, que você consegue consertar uma passagem, consegue regravar uma sonora.

Jornalista: Então você acha que o tempo, o deadline é um rolo compressor na hora da construção de uma narrativa?

Entrevistado: Eu acho que seria sim 70%. Os outros 30%, se você pegar um repórter tarimbado naquela linha editorial de olhar do agricultor para o problema, você supre este problema. Mas infelizmente não é sempre que isto é possível. Então a gente fica na dependência dos outros 70%.

Jornalista: E é uma equipe, que está oitenta por cento dela que está há mais de vinte anos juntos, isso para você é um diferencial?

Entrevistado: Eu acho que uma das grandes qualidades do programa é essa experiência que ele carrega. Você sugere uma pauta e às vezes, por exemplo, o Gabriel vem e fala assim: ah, mas em 83 nós falamos disso. Então é assim, é..., eles têm uma história, uma cultura muito rica. Então acho que pesa muito o fato das pessoas que comandam a equipe, tem tanto tempo de experiência nesse meio, é..., eu acho que isso acaba sendo fundamental para o programa se desenvolver bem.

Jornalista: Você consegue definir o Grud?

Entrevistado: Ele é para o dia a dia. Eu acho que nenhum jornal consegue dar conta 100%, mas eu acho que ele consegue trazer o lado do produtor, do agricultor, do criador, enfim, ele consegue ter isso que nenhum outro jornal tem, o que basicamente todos os jornais são voltados para o consumidor e o Globo Rural acho que consegue ter essa coisa e sem deixar de ter a notícia hard. É o hard do campo, mas eu acho que consegue trazer isso sim.

Jornalista: Para você, quais seriam os elementos de uma boa reportagem?

Entrevistado: Bom..., a notícia, é óbvio que tem em toda reportagem, mas eu acho que..., é..., explorar os personagens eu acho fundamental. Mostrar como que é a situação daquela pessoa, como que ela vive, como que ela trabalha, mostrar o ambiente daquela pessoa. Acho que é fundamental para sair do lugar comum das reportagens. Para despertar o interesse. Acho que o Big Brother faz tanto sucesso porque as pessoas gostam de saber como as pessoas agem...

Jornalista: O que você gostaria de ver no Grud que poderia ser um ganho?

Entrevistado: Eu gostaria muito de ver um dia, é..., você pedir uma matéria que você acha fundamental e você não ouvir assim..., ah! mas a matéria é para o Jornal Nacional. Ah! A matéria é para o Jornal da Globo ou é para o Jornal Hoje, porque na verdade todos os outros jornais tem a preferência.

Jornalista: E você acha que o jornalista enquanto campo de influência, o GRU para eles não tem assim tanta importância?

Entrevistado: Eu acho que a busca do horário nobre fala mais alto nesta hora.

Jornalista: Mesmo que o GRU ou o Grud tenha uma narrativa, digamos, mais aprofundada?

Entrevistado: Eles podem até dizer assim, a gente faz uma versão para vocês também. Mas, a gente sabe que o direcionamento do esforço deles vai ser para o Jornal Nacional, enfim, para, como posso dizer...

Jornalista: O que trouxe glamour...

Entrevistado: Para a ditadura do ibope mesmo.

Entrevistado Lucas Bataglin – 11/03/2011

Jornalista: O bloco mercado do GRU, Lucas, foi o que inspirou o Grud?

Entrevistado: É, eu acho que basicamente sim. Embora antes de se ter uma concepção do que acabou se tornando o grude, nós já quiséssemos fazer um programa diário como extensão do Globo Rural, mas sem dúvida, que o motor principal foi o bloco de mercado. Hoje a gente tem uma visão histórica que no começo dos anos oitenta, quando começou o Globo Rural, de domingo, não existia essa, esse acesso. As afiliadas como nós temos hoje, mais de cem afiliadas que podem melhor ou pior colaborar com a rede, então nós contávamos basicamente com quase cem por cento de material próprio, feito pela nossa redação, viajando pelo país, mas a partir de São Paulo. Foi só lá pelos, por meados da década de oitenta, é que nós começamos a ter alguma constância de apresentar uma reportagem de praça por semana. Muito pouco assim. Que a gente nem contava direito, como Londrina, então era muito raro, era muito difícil, a transmissão era difícil, não existiam tantas emissoras regionais, enfim, tudo era complicado. Isso foi crescendo, crescendo, crescendo em meados da década de oitenta até a década de noventa. E aí sim a gente começou a perceber que existia mais reportagem, existia mais realidade, existia mais acesso a esses lugares do que comportava o bloco de mercado. Então nesse sentido assim, ele foi um pouco, realmente motor,...

Jornalista: Na última década, o PIB agropecuário mais que dobrou e um grude que tem dez anos também quase que, é, quase não, dobrou ...

Entrevistado: dobrou

Jornalista... de tamanho. É, você consegue fazer uma relação entre o cenário de valorização do setor agropecuário, com o interesse pelo assunto?

Entrevistado: Sem dúvida que tem uma relação. É como a outra pergunta, é, foi o mercado? O mercado foi a peça chave para esse desenvolvimento. E evidentemente que a expansão da economia agropecuária é muito importante. Só que aí eu vejo outra expansão, aí sim igualmente importante, é difícil de pesar, que é a expansão da comunicação, né? É, quando começou, por exemplo, o Big Brother, né, o que é que tem haver, né? O Big Brother é de certa forma a câmera dentro do seu quarto, dentro da sua casa, né? Só que hoje nós temos uma câmera praticamente nos vigiando o tempo todo na cidade, né? Tem um assalto, um crime, você vai à câmera do prédio e tem alguma coisa... Então, essa difusão da gravação, né, da imagem, outra comparação, há quinze anos uma câmera era

um negócio absurdo. Para você conseguir uma câmera, uma das grandes dificuldades de fazer reportagem em televisão era o custo de câmeras. Hoje você tem uma camerazinha que filma, que grava imagens subaquáticas com uma capacidade de HD do tamanho de uma caixa de fósforos e que custa quinhentos, seiscentos reais, ou duzentos dólares lá fora. Quer dizer, então eu acho que essa expansão da comunicação foi muito importante. E tudo o que a gente fala assim, nossa como existem mais desastres hoje em dia, o que está acontecendo com o planeta,...

Jornalista Nós estamos vendo mais, né?

Entrevistado: Eu não sei se existem mais desastres ou se existem mais câmeras que captam de tudo quanto é lugar o que está acontecendo. Então, eu acho que isso também, quer dizer, a grande explosão da década de noventa e a primeira década do século vinte e um, dessa questão do acesso visual aos acontecimentos, ela é tão ou mais importante que o PIB, então, antes o que nós tínhamos como centro da comunicação e televisão, as capitais, principalmente Rio e São Paulo, os lugares de acesso mais fácil. Hoje em qualquer região do país você tem uma câmera, quer dizer, se acontecer alguma coisa em Boca do Acre, a gente está lá, quer dizer, ou pelo menos pode estar lá.

Jornalista: Não é tão remoto quanto já foi, né?

Entrevistado: A Boca do Acre está ali, a sei lá quantos quilômetros de Rio Branco, mas enfim, está do lado Então isso, e a curiosidade das pessoas em saber o que está acontecendo. Porque nós estamos vivendo mais do que uma revolução econômica no campo, uma revolução de comunicações que nos atinge de uma maneira mais forte porque nós dependemos disso, quer dizer, nós sobrevivemos com essa camerazinha instalada em Boca do Acre ou em Guaranhuns.

Jornalista: Você vê a valorização do Grud em paralelo, “comunhada” com esse crescimento?

Entrevistado: É, tudo foi beneficiado com isso. O Jornal Nacional, as grandes emissões, digamos assim, do Brasil e do mundo. Mas, especialmente nós, que vivemos essa pequena câmera ali num rincão, acho que para nós foi assim uma abertura fantástica..

Jornalista: É, você...

Entrevistado: Olha, só mais uma coisa, eu acho que existem outras razões, né? quer dizer, existe o PIB agropecuário, existe essa revolução nas comunicações, que eu estou citando, mas existem outros motivos para essa expansão. Mas eu acho que essas duas realmente são fortes.

Jornalista: em termos de narrativas, de como contar a história, você consegue ver semelhanças no filhote, que é o Grud, da narrativa do GRU?

Entrevistado: É, muitas, né, semelhanças e evidentemente diferenças.. As diferenças básicas... O GRU, ele é um programa, vamos esquecer a parte de mercado do GRU a parte feita pela equipe nossa é, primeiro que existe uma, uma pré-concepção já de fazer grandes reportagens. O que não significa

necessariamente muito tempo. Significa reportagens mais apuradas, com mais personagens, mais aprofundadas, etc, etc. Então, isso já leva a um tipo de construção narrativa um pouco diferente. Segunda coisa, nós temos uma equipe própria, e com uma linha editorial, que não é necessariamente de cima, mas construída por essa equipe ao longo de muito tempo, e que vai exercitando, então a tendência é ela ir perseguindo caminhos novos para o bem ou para o mal, entre caminhos que não dão certo, outros que dão. Então, essa equipe vai evoluindo dentro desta narrativa. Já o Grud não. O Grud tem matérias menores e as equipes são muito...

Jornalista: pulverizadas

Entrevistado: pulverizadas e ao mesmo tempo vão mudando, né? Porque quando, como nós contamos justamente com rincões, na hora que uma pessoa de um rincão começa a aparecer e se sobressai...

Jornalista: Ela vai para a capital...

Entrevistado: Ela vai para a capital porque tem oportunidades melhores, tem salários melhores, você mesma estava numa afiliada e veio para São Paulo, quer dizer, é natural isso, né? é um processo natural, nós não vamos aqui agora moralizar para o bem ou para o mal isso. É um fato. Então o que acontece, você não consegue desenvolver o grande ator digamos assim, na feitura do jornalismo, protagonistas nós somos, é a realidade, mas quem age narrativamente eu não acho que são os repórteres, são os repórteres os editores, os produtores.

Jornalista: mas o jornalista que está lá na praça faz uma grande diferença, né?

Entrevistado: São as pessoas que estão fazendo lá, isso é muito mutável, né? Agora, então essas são as grandes diferenças. Então a gente insiste desde o começo do Globo Rural Diário, que não são dois programas, é o mesmo programa que se estende ao longo da semana, e as equipes se convivem, então eu acho que essa visão, do jornalismo de reportagem, de ouvir as pessoas, de eleger personagens, de contar uma história, acabou passando para o Grud e quem acaba fomentando essencialmente esse tipo de narrativa dentro do Globo Rural Diário, através de centenas de equipes espalhadas pelo Brasil, são os produtores do Grud e os editores, porque a gente acabou instituindo um processo de feitura do Grud, de muita proximidade da produção e da edição interna nossa do Globo Rural com a feitura da reportagem e uma primeira edição lá nas praças.

Jornalista: há um acompanhamento...

Entrevistado: Então nós podemos descrever isso, exato, a gente discute a pauta, a gente insiste em ouvir as pessoas, a gente pede uma série de itens ali para serem apurados, para serem levantados, para serem conversados.

Jornalista: Faz, refaz

Entrevistado: A gente faz, refaz, aí a gente olha o texto das pessoas, dá uma resposta. Então essa equipe interna do grude acaba sendo, digamos assim, quem pegou o bastão do GRU para levar para essas praças, só que é um processo muito mais complicado, justamente pela pulverização, né? Mas sem dúvida que eu acho que quem assiste o Globo Rural de domingo, depois o Diário reconhece

uma mesma alma, digamos assim, um mesmo “anima” perpassando por todos eles. Eu percebo.

Entrevistada Kica Tomaz – 11/03/2011

Jornalista: Kika, o link virou pauta do dia a dia no Globo Rural agora?

Entrevistada: É, virou. Antes a gente tinha o link, ele era um evento. Então quando a gente achava que o assunto valia muito, a gente pensava se não dava para fazer um link. Então era uma mega operação para a gente ter um VT e ter um link. Quer dizer, o link era o complemento do VT e era uma coisa especial que a gente fazia. Agora não, a partir do momento que o programa cresceu, a gente entendeu que o link dá um fôlego para o jornal, que ele precisava de um link de entradas ao vivo e essas entradas ao vivo tinham que ser bem dinâmicas e tinham que ser diárias. Quer dizer, se você tem um dia em que tudo cai, porque às vezes o link pode ser que caia às nove horas da noite e você não tem como arranjar outro, aí tudo bem, passa, mas a ideia é que a gente tenha links todo dia e a gente vem tendo links todo dia, eu acho que a gente deve ter tido sei lá, um ou dois dias de furo nesse tempo todo.

Jornalista: E você acha que isso mudou a dinâmica do jornal?

Entrevistada: Eu acho que mudou bastante. Eu acho que legitimou o programa ser ao vivo. Você ter um jornal em que você fala para o telespectador que ele realmente é um jornal ao vivo, e a gente tem entrada, a gente conversa com o repórter, a gente mostra se está chovendo, se não está chovendo, como é que está a claridade do dia, então isso mostra também para o telespectador, reforça para o telespectador, olha, a gente está agora, a gente acordou junto com você, a gente está aqui junto com você, eu acho que aumenta o vínculo e cria mais identidade com o telespectador.

Jornalista: O que vale link?

Entrevistada: Vale link é o factual, claro, por exemplo, essa semana a gente teve um dia em que o preço internacional do café subiu de novo, já vem subindo bastante, aqui no mercado interno passou dos quinhentos e cinquenta que é a saca do café, então isso é uma coisa muito significativa. Isso vale link. A gente pode fazer um link na Cooperativa como a gente fez no Centro do Comércio de Café, explicando porque está subindo tanto e falando um pouco de toque, mostrando, né, então isso vale link factual. Outra coisa que vale link são eventos que a gente pode prestar um tipo de serviço de agenda como feiras, exposições, que é bem legal porque o público tá, vai começar naquele dia, vai chegar dali a pouco e então é legal você mostrar. Vale link cultural, de música, de artesanato, tudo aquilo que você conseguir aproveitar o cenário que realmente exista naquele horário da manhã vale o link. Tem que ter fake, tem que ser produzido, porque tudo aquilo vale, e o factual, punk, o hard news quando você tem a necessidade

de um comentário, de uma análise, de uma coisa mais elaborada também vale link até porque você pode ter uma interação com o estúdio...

Jornalista: E com relação ao horário, dificuldade de horário? É uma batalha?

Entrevistada: É uma batalha porque muitos entrevistados não querem acordar. A gente tem muito problema com isso, a gente pensa no link, vai atrás, consegue fechar sinal, consegue tudo e chega na hora de fazer você não tem entrevistado. Por exemplo, a gente tem um problema com Vitória, no Espírito Santo, porque o principal Centro de Comércio de Café de Vitória, os jornalistas todos no Centro não querem acordar cedo. Eles falam pessoalmente, eu não quero acordar cedo, eu não quero estar cinco e meia da manhã trabalhando. Porque para eles também é um trabalho. Então eles não têm interesse, dizem que não, a gente também tem problemas com vários lugares, por exemplo, que tem horários diferentes de São Paulo porque o Brasil é muito grande e tem fuso horário, então tem lugar que é mais cedo ainda do que cinco e meia, então aí a situação piora, né, então assim, é a questão da pessoa entrevistada não querer acordar cedo, as vezes é o problema da afiliada que não tem condição de pagar hora extra, mobilizar toda a equipe para entrar tão cedo assim, tem lugar que não tem clareza, não tem luminosidade, você tem o assunto, tem o cenário, tem tudo ...

Jornalista: Existe muita dificuldade de sinal em algumas praças?

Entrevistada: Tem dificuldade de sinal, tem lugar que só fecha com SNG que é um outro sistema, também com uso de satélite, mas que durante muitos anos foi extremamente caro mas que esse ano teve um barateamento. Então, porque teve um barateamento isso possibilitou de a gente fazer em alguns lugares o link que antes era impensável porque era caríssimo. Mas, agora barateou então a gente consegue fazer também com este sistema, mas não é toda praça que tem o equipamento. Tem que ter uma, na verdade o link tem que convergir uma série de coisas, tem que ter, a praça tem que ter equipamento, você tem que ter o cenário ideal, esse Globo Rural não é em qualquer lugar, né? Se fosse um jornal de cidade você fechava na praça, né, todo lugar fecha na praça, né, no centro de cidade, sei lá o que a gente tem que fechar na zona rural, a gente tem que fechar em um lugar que faça sentido, então geralmente esses lugares que façam sentido no Globo Rural são longe, então o sinal tem que fechar, para você ter o equipamento o sinal tem que fechar, e você tem que ter a boa vontade do entrevistado de acordar cedo e se deslocar para o lugar. A gente, por exemplo, hoje entrou com o link para a Campanha do Campo cítrico e o coordenador do “município” que falou com a gente andou mais de cem quilômetros para dar essa entrevista hoje, nesse horário. Ele é de uma cidade chamada Itápolis e ele foi até Ribeirão Preto. Ele saiu ontem, se hospedou em um hotel por conta do “município” para dar a entrevista para a gente hoje de manhã. Então, quer dizer assim, tem que ter uma, para isso você tem que produzir com muito tempo de antecedência, negociar, enfim, e tem que ter a sorte de o entrevistado ter o interesse em falar.